



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM HISTÓRIA**

GERALDO DA COSTA JÚNIOR

**O ACIDENTE COM O CÉSIO 137 EM GOIÂNIA NAS MATÉRIAS DO *CORREIO
BRAZILIENSE* – 1987-2007**

Goiânia
2016

GERALDO DA COSTA JÚNIOR

**O ACIDENTE COM O CÉSIO 137 EM GOIÂNIA NAS MATÉRIAS DO *CORREIO
BRAZILIENSE*- 1987 – 2007.**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em História: Cultura e Poder, na Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições e Territorialidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Albertina Vicentini

Goiânia

2016

C837a

Costa Junior, Geraldo da

O acidente com o Césio 137 em Goiânia nas
matérias do Correio Braziliense - anos 1987-2007[
manuscrito]/ Geraldo da Costa Junior.-- 2016.

110 f.; il. 30 cm

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em História, Goiânia, 2016

Inclui referências

1. Correio Braziliense (Jornal). 2. Acidentes radioativos
- Goiânia (GO). 3. Césio. 4. Reportagens especiais.
I. Almeida, Albertina Vicentini Assumpção Rodrigues
de. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
III. Título.

CDU: 614.876(043)

**O ACIDENTE COM O CÉSIO 137 EM GOIÂNIA NAS MATÉRIAS DO
CORREIO BRAZILIENSE – 1987-2007**

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA E APROVADA PELA
PELA BANCA EXAMINADORA EM 30 DE AGOSTO DE 2016

Banca Examinadora:



Dra. Albertina Vicentini Assumpção / PUC Goiás (presidente)



Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás



Dra. Heliane Prudente Nunes / Faculdades Alfa

Dr. Eduardo José Reinato / PUC Goiás (suplente)

Dedicatória

Dedicada à minha Mãe, Maria de Paula Costa, pelo estímulo constante de fé e credibilidade em seu filho, responsável direta pelo meu amor aos estudos, em busca do conhecimento desde pequenino.



...E à menina Leide das Neves, inocência que sofreu toda a fúria de um evento inconcebível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai benevolente e misericordioso, Guardião da Paz e Inspirador do Bem.

Ao meu Pai, Geraldo da Costa, fonte inesgotável de bom humor, inspiração, dedicação e boa vontade, que a seus quatro filhos educou muito bem, in memoriam.

À minha família, por compreender os momentos em que estive ausente, ainda que presente, Divina de Lima Barros, esposa, e Maurício Kenyatta Barros da Costa, filho.

Aos meus amigos e colegas da Vigilância Sanitária de Goiás – órgão em que servia à época do sinistro – mortos, em decorrência do desastre do césio 137, ou vivos carregando as dores das perdas especialmente à Técnica em Saneamento, Maria Luíza Ferreira de Medeiros (in memoriam), que trouxe informações fundamentais à minha primeira monografia sobre o tema e ao Agente de Saneamento, Sr. Gesi Teixeira (in memoriam), meu instrutor em minhas primeiras atividades como supervisor de saneamento na Regional de Saúde de Formosa-Go, que abarcava 15 municípios.

À Dona França, minha primeira professora, que me ensinou, com seu exemplo de dedicação e carinho, a respeitar todos os professores que passaram pela minha vida.

À Sandra Moreyra, jornalista da Rede Globo que cobriu o desastre, morta por câncer.

Aos meus professores e colegas do Colégio Estadual Professor Olga Mansur e da então Escola Técnica Federal de Goiás, espaços de formação excelentes que constituiriam meus alicerces educacionais.

Aos professores e colegas do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Goiás, base sólida de minha formação acadêmica.

Aos colegas e professores da Universidade de Brasília, onde iniciei os estudos de Pós-Graduação no tema, principalmente personificados pela colega Eva Holan e pelo meu orientador, Marcelo Reis, Professor da Universidade Estadual de Goiás.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica, destacadamente a Professora Maria Cristina Nunes Ferreira Neto e o Professor e Coordenador Eduardo Gusmão, pelo estímulo.

Ao colega Max Lanio Martins Pina, por sua viva e sagaz participação nas aulas e com quem jamais perdi contato, ainda que virtual.

À minha orientadora, Albertina Vicentini, pelos incentivos e pelo exemplo de rigor, competência e profissionalismo durante toda a experiência ensino-aprendizagem.

Aos servidores da Secretaria da Pós-Graduação Stricto Sensu - da Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC-GO, pela atenção, representados por Camila.

Ao Centro de Documentação - Cedoc e ao jornal Correio Braziliense, dos Diários Associados, simbolizado aqui pela figura dos profissionais Gabriel Luz Moreira de Abreu, Fábio Motta e Pedro Castro, que muito colaboraram na coleta de dados.

Aos meus amigos do futebol eterno do fim de semana, da infância até os dias atuais, aos quais releguei durante os estudos, lugar de arejamento das ideias e de troca de experiências fundamentais: Valdo, Romarinho, Gipsy, Vitória, Thiago (in memoriam), Cleudelson, Vinícius e tantos outros.

Aos meus amigos e irmãos Maria de Fátima Costa, Antônio Sérgio Costa e João Paulo Costa, e a todos os familiares, sem exceção. E também a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista e que, por falta de memória, foram relegados ao esquecimento, citando Michel Pollak, aos quais peço a misericórdia do perdão difícil, nas palavras de Paul Ricouer.

"(...) se desejássemos entender o que ocorreu com as sociedades modernas desde que elas surgiram pela primeira vez na Europa do final da Idade Média e do começo da Idade Moderna, seria preciso atribuir um papel muito mais importante à ascensão das instituições da mídia e à expansão gradual das redes do fluxo de comunicação e informação, desde as primeiras máquinas tipográficas na Europa do final do século XV até os atuais conglomerados da comunicação. Pois essas instituições e redes foram essenciais para a formulação e reformulação da organização social do poder simbólico no mundo moderno."¹

John B. Thompson

¹ John B. Thompson. A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia. Prefácio à 12ª Edição. 13ª Ed. Vozes. Petrópolis-RJ. 2012. p. 8.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESCOMBROS DO INSTITUTO GOIANO DE RADIOLOGIA.....	24
FIGURA 2 - DEPÓSITO DE REJEITOS RADIOATIVOS EM ABADIA DE GOIÁS.....	31
FIGURA 3 – ENTRADA DO DEPÓSITO DE REJEITOS EM ABADIA DE GOIÁS.....	32
FIGURA 4 – RADIAÇÃO- CORREIO BRAZILIENSE, QUINTA FEIRA, 1 DE OUTUBRO DE 1987 NOTA NA CAPA.....	39
FIGURA 5 – CAPA DO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: NOVELA PERDE PARA AS NOTÍCIAS DE TRAGÉDIA.....	43
FIGURA 6 – MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: SOVIÉTICOS CONFIRMAM ACIDENTE EM USINA NUCLEAR.....	46
FIGURA 7 – DESTAQUE PEQUENO DE CAPA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: PAÍS PEDE AJUDA CONTRA RADIAÇÃO.....	51
FIGURA 8 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: GOIÁS DEFINE A ÁREA PARA DEPÓSITO DE LIXO.....	55
FIGURA 9 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: “PAÍS PEDE AJUDA INTERNACIONAL”.....	56
FIGURA 10 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: “RADIAÇÃO CAUSA TUMULTO NO HRG”.....	59
FIGURA 11 – MATÉRIA CORREIO BRAZILIENSE: RADIAÇÃO CHEGA A ANÁPOLIS	60
FIGURA 12 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: “TIOFENOL É ENTERRADO EM CEMITÉRIO”.....	61
FIGURA 13 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: “O SUMIÇO DE PEÇA ASSUSTA MÉDICO. ”.....	64
FIGURA 14 – MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: ”TRAGÉDIA DO CÉSIO LEVA 5 AO BANCO DOS RÉUS”.....	66
FIGURA 15 – FERIDAS ABERTAS DE UMA TRAGÉDIA RADIOATIVA.....	69
FIGURA 16 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: “O DRAMA DOS 186 FUNCIONÁRIOS DE GOIÁS QUE LUTAM POR ASSISTÊNCIA MÉDICA”.....	73
FIGURA 17 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: TEODORO E VALDENI TRABALHARAM NA DESCONTAMINAÇÃO DA ÁREA. HOJE, RECEBEM PENSÃO DE R\$ 614 SÓ COM REMÉDIOS, GASTAM R\$ 800.....	84
FIGURA 18 - ESTÁDIO OLÍMPICO À ÉPOCA DO ACIDENTE.....	95

FIGURA 19 - ESTÁDIO OLÍMPICO HOJE.....	95
FIGURA 20 - MATÉRIA JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: “SANTILLO TEME NOVO ACIDENTE NUCLEAR”.....	102

SUMÁRIO

RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii
APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – HISTÓRICO DO ACIDENTE DO CÉSIO 137 EM GOIÂNIA.....	23
1.1 - A CONTAMINAÇÃO PASSO A PASSO.....	23
1.2- DESDOBRAMENTOS NA VIGILÂNCIA SANITÁRIA DE GOIÂNIA (VISA-GO)	26
CAPÍTULO 2 - O ACIDENTE VISTO PELO JORNAL <i>CORREIO BRAZILIENSE</i>: APRESENTAÇÃO, ESTUDO E COMPARAÇÃO DO DISCURSO EMPREGADO NAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE O CÉSIO 137 EM 1987 a 2007.....	34
2.1 - BREVE HISTÓRICO DO JORNAL.....	34
2.2 - MATÉRIAS DO “CALOR DA HORA”	36
2.3 - REPORTAGENS ESPECIAIS DO CORREIO BRAZILIENSE PUBLICADAS A PROPÓSITO DOS VINTE ANOS DO CÉSIO 137.....	67
CAPÍTULO 3 - COMO OPERARAM AS CATEGORIAS DO JORNAL <i>CORREIO BRASILIENSE</i> 20 ANOS APÓS O ACIDENTE DO CÉSIO 137.....	88
3.1 - ANÁLISE DA MUDANÇA DE DISCURSO ENTRE AS PRIMEIRAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS E AS REPORTAGENS ESPECIAIS.....	88

CONSIDERAÇÕES FINAIS -	101
DOCUMENTOS PESQUISADOS -	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -	108 a 110
ANEXOS - MEMÓRIA FOTOGRÁFICA E DE LOCALIZAÇÃO.....	111 a
118	

RESUMO

JÚNIOR, Geraldo da Costa. **O acidente com o céσιο 137 em Goiânia nas matérias do *Correio Braziliense* (1987 – 2007)**. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

Esta dissertação tem por objetivo analisar matérias jornalísticas que foram divulgadas pelo Jornal *Correio Braziliense* sobre o acidente radioativo acontecido no ano de 1987, na cidade de Goiânia, com o elemento químico denominado Césio 137. Este foi considerado o segundo maior acidente radioativo urbano da humanidade. Foram analisadas as circunstâncias do acidente e de que forma este provocou profundas e trágicas mudanças nas vidas dos moradores envolvidos direta e indiretamente neste caso. O estudo se baseou em reportagens e matérias jornalísticas que acompanharam o acontecimento por duas décadas e visa mostrar as mudanças nos discursos jornalísticos no decorrer do tempo, comparando as primeiras matérias em 1987 com as últimas em 2007, para apontar como a memória foi se perdendo e o esquecimento se instalando em forma de valorização da dor, do sofrimento, em vez do fato. A dissertação foi estruturada, além das matérias jornalísticas, por pesquisas bibliográficas sobre o céσιο 137 e os acontecimentos relacionados com o acidente, distribuídos em três capítulos. O primeiro relata a história do acidente com o Césio 137; o segundo traz breve histórico sobre o *Correio Braziliense* e apresenta análises das matérias publicadas neste jornal sobre o Césio; o terceiro analisa a mudança de discurso entre as primeiras matérias jornalísticas e as reportagens especiais por ocasião dos 20 anos do acidente.

Palavras-Chave: Césio 137, *Correio Braziliense*, acidente radioativo

ABSTRACT

JUNIOR, Geraldo Costa. **The accident with cesium 137 in Goiania 20 years after in *Correio Braziliense* (1987-2007)**. 2016. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

This dissertation has the objective of analyze the journalistic reports published by the newspaper *Correio Braziliense* about the radiation accident happened in 1987 in the city of Goiania with the chemical element called Cesium 137. This was the second largest urban radioactive accident of humanity. The circumstances of the accident and how this led to profound and tragic changes in the lives of residents directly and indirectly involved in this case were analyzed. The study was based on journalistic reports that accompanied the event for two decades. This work shows the changes in the journalistic speech over time and compare the firsts reports in 1987 with the lasts in 2007, what demonstrate how the memory is being lost and forgetfulness taking place.

The dissertation was structured, besides journalistic reports, by bibliographic research about Cesium 137 and associated events with the accident, distributed in three chapters. The first chapter discuss the accident history. The second chapter brings a brief historic about *Correio Braziliense* and then shows analysis about the Cesium reports published in the newspaper. The third chapter analyze the speech change between the firsts journalistic reports and the special report of 20 years later the Cesium accident.

Keywords: Cesium 137, *Correio Braziliense*, radioactive accident.

APRESENTAÇÃO

No contexto da obra *Memória Coletiva*², Halbwachs aborda as singularidades de, estando em uma cidade, mudar para outra. “Por exemplo, se uma família vive por muito tempo em uma mesma cidade ou nas proximidades dos mesmos amigos, cidade e família, amigos e família são como sociedades complexas”. (...). Por outro lado, basta que alguns membros da família deixem a cidade e passem a viver em outra para que tenham menos facilidade para “lembrar do que retinham somente porque estavam presos ao mesmo tempo em duas correntes convergentes de pensamento coletivo enquanto no presente estavam sujeitos quase exclusivamente à ação de uma delas. (...)” (2003, p. 52)

Por que pesquisar as notícias, reportagens e artigos de um jornal? A primeira resposta superficial seria porque sou um jornalista por formação escrevendo uma dissertação de história, cultura e poder, tendo em vista a relação lógica entre estes temas. Porém, mais uma vez, Halbwachs em sua genialidade coloca a questão central: “É muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós originassem tais ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas por nosso grupo. Estamos em tal harmonia com os que nos circundam que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros”. (Idem, p.52)

Quantas vezes expressamos com uma convicção que parece muito pessoal, reflexões tiradas de um jornal, de um livro ou de uma conversa! Elas correspondem tão bem à nossa maneira de ver que nos surpreenderíamos ao descobrir quem é o seu autor e constatar que não são nossas – não percebemos que somos apenas um eco. “Quantas pessoas têm o espírito crítico suficiente para discernir no que pensam a participação de outros, e para confessar para si mesmas que o mais das vezes nada acrescentaram de seu? ” (2003, p. 64-65)

Quanto mais imaturo o espírito, mais temos a ilusão de que nosso pensamento é somente nosso e não sofre influência do grupo de que fazemos parte. “De qualquer

² Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. Centauro. São Paulo. 2003. P. 59.

maneira, à medida que cedemos sem resistência a uma sugestão externa, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que em geral a maioria das influências sociais a que obedecemos permanece despercebida por nós.” (2003, p. 65)

Deste modo, inferimos que a memória coletiva está sub-repticiamente cotejando a memória individual. Nos traços, sinais, gestos que nos relembram um acontecimento – como o acidente como Césio 137 – nas memórias dos indivíduos, iremos encontrar os vestígios de toda uma memória coletiva. “Contudo”, enfatiza Halbwachs, “a memória coletiva, tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas. São os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. (...). De bom grado diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. (2003. p. 69)

Sobre lugar de memória, apropriadamente Pierre Nora menciona que “o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória”³

Porém, o lugar que o historiador ocupa é, naturalmente, o dos que escrevem a história e estes não permanecem com o olhar fixo no grupo. “Na realidade, os que escrevem a história e observam principalmente as mudanças, as diferenças, compreendem que para passar de uma a outra é preciso que se desenvolva uma série de transformações, das quais a história só percebe a soma (no sentido de cálculo integral) ou o resultado final. Esse é o ponto de vista da história, porque ela examina os grupos de fora e abrange um período bastante longo. A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração da vida humana, que de modo geral é bem inferior” (2003, p.109). De todo modo, conclui o autor, “É difícil conceber como despertaria em uma consciência isolada o sentimento da identidade pessoal, talvez porque nos parece que um homem inteiramente só não poderia se lembrar de modo algum” (2003, p.110).

Prossegue Halbwachs, esclarecendo que “A memória coletiva retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertença a esse ou aquele grupo. Além disso, ela já não atinge diretamente os acontecimentos e as pessoas. Ora, é precisamente o que está além desse limite que prende a atenção da história. Às vezes, se diz que a história se interessa pelo passado, e não pelo presente” (2003, p. 133).

³ Pierre Nora. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto de História*. São Paulo. (10) dez. 1993.

Mas não existiriam tempos históricos se desenrolando no presente sem que sua história estivesse sequer sendo registrada a contento? Grupos não poderiam estar vivendo sob um tempo histórico diferente? O tempo histórico do grupo do Césio 137 não poderia se desenvolver em um cronograma diferente, talvez mais lento que as demais em suas agruras decepções e desilusões?

Escrever esta história não deixa de representar um risco: o confronto com a opinião dos que possuem a memória viva desta história contemporânea pois “parece que a memória coletiva tem de esperar que os grupos antigos desapareçam, que seus pensamentos e sua memória tenham desvanecido, para que se preocupe em fixar a imagem e a ordem de sucesso de fatos que agora só ela é capaz de conservar. Certamente é necessário procurar a ajuda de testemunhos antigos, jornais da época, memória escritas por contemporâneos. Na escolha que dele faz, na importância que lhes atribui, o historiador se deixa guiar por razões que nada tem a ver com a opinião de então. Porque essa opinião não existe mais, não somos obrigados a levá-la em conta, não é preciso temer que ela apresente um desmentido”. (2003, p.133)

Este “temor” do historiador, o jornalista não tem. Arrisca-se a relatar os fatos à medida que eles se sucedem, aliás, este é o seu dever de ofício. Academicamente – dentro do campo da história -, arrisco-me a escrever sobre o Desastre do Césio 137 em Goiânia já há quase dez anos (2003, p. 154-155) e alguns choques de opiniões já foram sentidos neste tempo de escrita, o que também serviu para depurar melhor a reflexão atual sobre o tema. Meu trabalho anterior realizado na UnB esteve centrado no Acidente em si e em sua narração por testemunhas – algumas já falecidas em decorrência de câncer desenvolvido no contato profissional que tiveram com a cápsula de Césio 137 violada, como a Técnica em Saneamento da Superintendência de Vigilância Sanitária do Estado de Goiás, Maria Luíza Ferreira de Medeiros, incansável defensora dos direitos das vítimas e que não está entre nós há alguns anos.

Diferentemente da anterior, esta pesquisa visa o estudo do material produzido por um jornal de fora, no que publicou sobre as pessoas do lugar do evento, ou seja, do lugar de memória, e como esta memória, o lugar e o esquecimento subsequentes afetaram a narrativa desta publicação. “Mas, para começar, o tempo não passa: ele dura, subsiste é necessário, se não como poderia a memória retroceder no tempo? (...) Como uma sociedade, que seja ela, poderia existir, subsistir, tomar consciência de si mesma, se não abrangesse com um olhar um conjunto de acontecimentos presentes e passados, se não tivesse a faculdade de retroceder no fluxo do tempo e repassar ininterruptamente os

vestígios que deixou a si mesma?” (2003, p. 154-155). Nutro a esperança de que este trabalho seja mais uma gota no oceano da memória da comunidade e que, ao se decantar, esta gota se transforme em mais um vapor de contribuição à história, finalmente.

Halbwachs, complementando os alertas a quem escreve a história, alerta para o valor intrínseco da impessoalidade com que devemos tratar os grupos com os quais nos relacionamos, impessoalidade esta, fundamental em nossa metodologia “Tão logo desaparece a paixão, nada substituirá os laços que os uniam e esquecerão ou guardarão um do outro somente uma lembrança pálida e desbotada.(...) Na realidade, nossas relações com algumas pessoas se incorporam a conjuntos mais amplos, não imaginamos mais os outros membros sob forma concreta. Estes conjuntos tendem a superar as figuras que conhecemos, quase se despersonalizam. Ora, o que é impessoal, é também mais estável. (...) é este significado que encontramos no conjunto, este se conserva porque sua realidade não se confunde com as figuras particulares e passageiras que o atravessam”. (2003, p. 147-148)

Além da impessoalidade, outro fator de estabilidade e permanência, que contribui, inclusive para o equilíbrio mental, em boa parte, segundo o autor, é o “fato de que os objetos materiais com os quais estamos em contato diário não mudam ou mudam pouco e nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade”. Acrescenta Halbwachs, afirmando que a erupção de um evento notável pode trazer uma perturbação psicológica às pessoas, até fora dos casos patológicos, “quando alguns acontecimentos também obrigam a que nos transportemos a um novo ambiente material, antes que a ele tenhamos nos adaptados, atravessamos um período de incerteza, como se houvéssimos deixado para trás toda a nossa personalidade: tanto isso é verdade, que as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis de nosso eu”. (2003, p. 157)

INTRODUÇÃO

No ano de 1987, aconteceu o acidente radioativo com o Césio 137 em Goiânia – GO, considerado o maior acidente radiológico urbano do mundo, ficando atrás apenas do acidente na usina de Chernobyl, na Ex-União Soviética em 1986, este com dimensões bem superiores ao acidente goiano.

O discurso do acidente com o Césio 137, ocorrido na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás em 1987, possuiu certa faceta distinta. A nossa dissertação centra-se na hipótese de que, apesar de a mídia, inclusive a internacional, ter feito grande divulgação do assunto, chegando a praticamente exauri-lo, dessa exaustão pouco restou na memória coletiva e social no sentido em que Halbwachs nos apresenta este conceito⁴, que pudesse criar massa crítica para evitar outro episódio semelhante.

Parece-nos que este assunto faz parte daquele conjunto de temas tabus que foram gerados a partir de um acontecimento terrível e catastrófico e que por isto sua abordagem futura deve ser evitada a todo custo.

Neste sentido resgataremos o material jornalístico produzido pelo jornal *Correio Braziliense*, editado pelos Diários Associados em Brasília nos vinte anos do acontecimento, na perspectiva de compreender de forma mais aprofundada possível os reais efeitos e causas da modificação nos discursos sobre o acidente, compreendendo que não há uma resposta única para o acontecimento e sim fatores históricos e sociais que se combinaram para tal.

De fato, interessa-nos que a energia nuclear sempre foi vista sob um duplo foco – por um lado, o de uma fonte utilizável de forma infinita, potente e, portanto, abundante e confiável de energia, principalmente em países com a característica do Brasil, ricos em urânio, emergentes política e economicamente e buscando afirmação entre as demais nações e, por outro lado, a energia nuclear sendo vista como uma matriz energética perigosa, bastante sensível e com toques de bomba-relógio, sempre pronta a explodir, por sua característica volátil e de contaminação radioativa relativamente constante no tempo.

O Brasil se caracteriza ainda por um ambiente político em amadurecimento por conta de uma redemocratização que se iniciou em 1985 – o acidente com o césio aconteceu apenas dois anos depois – constituindo-se ainda hoje em um país com

⁴ Maurice Halbwachs. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. Centauro. São Paulo. 2003. P. 59.

dificuldades de estabelecimento do sistema de separação de poderes e de controles entre estes (o chamado *checks and balances*), poderes estes em franco fortalecimento institucional, porém ainda fragilizados atualmente, imagine-se em finais dos anos 1980. Portanto, acidentes como *Chernobyl* na ex-URSS, *Three Miles Islands*, nos EUA e, em menor escala, *Césio 137*, no Brasil, expõem estas características inerentes ao se lidar com este tipo de energia, mas não estão imunes, apesar de sua espetacularidade e especificidade, ao fenômeno *memória-silêncio-esquecimento*⁵.

No caso brasileiro, não era de se esperar, àquela altura, um acontecimento de tão grande projeção negativa, uma repercussão negativa tal que causaria discriminação de goianos dentro de seu próprio país. Os negócios e a arrecadação de impostos, conseqüentemente, ruíram, pois, os produtos originários de Goiás passaram a ser recusados lá fora. A própria autoestima da população de Goiás e, mais especificamente de Goiânia, baixou consideravelmente, pois aliado aos fatores já mencionados, havia o medo real da contaminação, bastante próxima nos noticiários e na vida real: descoberta da cápsula violada, milhares passando por aparelhos de medição de radiação, os contadores *geigers* no Estádio Olímpico de futebol – o mais central da cidade e mais próximo dos locais mais contaminados –, isolamento de pessoas e sítios geográficos da cidade, mortes de algumas das pessoas em estado mais grave noticiadas ao longo do tempo causando mais suspense e tensão, longa e improdutiva discussão sobre remoção e destino de toneladas de lixo contaminado ou provavelmente contaminado pela radiação, intenso afluxo e assédio da imprensa brasileira e mundial à região do acidente.

Tudo isso foi colocando o goianiense junto às cordas do ringue emocional, visto que, dias antes, somado a estes fatores, Goiânia começava a ter certa projeção no cenário internacional com a realização de dois grandes prêmios de motovelocidade internacionais – um em 1987, quase no mesmo dia do acidente, o outro em 1989 – e vinha se firmando como centro mundial deste esporte. Para piorar a situação, cabe acrescentar que o Estado não possuía condição de lidar com acidente tão tecnologicamente avançado, cheio de nuances desconhecidas (tanto que a esfera local buscou imediatamente apoio nacional e esta, o internacional), conforme se verá nas notícias adiante.

O fato é que a energia nuclear, conforme já dissemos, sempre foi vista sob um duplo foco – por um lado, o de uma fonte utilizável, infinita, potente e relativamente

⁵ Michel Pollak, Memória, Esquecimento e Silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Biblioteca Digital da FGV. Tradução do texto: Dora Rocha Flaksman. São Paulo. 1989, p.15

abundante de energia, principalmente em países com a característica do Brasil, ricos em urânio, emergentes e buscando afirmação entre as demais economias e, por outro lado, um perigo igualmente imenso e com toques de bomba-relógio, sempre pronta a explodir, por sua característica volátil e de contaminação relativamente constante no tempo.

Em termos econômicos, os dados pesquisados⁶ evidenciam que a imprensa – por sua natureza intrínseca de informar – foi talvez o maior difusor da representação do medo e do aumento ao preconceito ao goiano e seus produtos, sendo um dos fatores responsáveis pelo impacto econômico na cidade. Apesar de a economia goiana e a economia do Brasil em geral estar no momento do acidente em um período de crise aguda, pôde-se observar a partir das fontes analisadas que o impacto deste acidente na economia de Goiás foi relevante para o agravamento da crise financeira e econômica do Estado.

Os jornais da época, em certo sentido, fizeram uma divulgação em parte negativa, porque, para buscar uma justificativa para o ocorrido, abordaram somente os aspectos do subdesenvolvimento, da pobreza e da ignorância do povo, contribuindo com isso para disseminar o preconceito e a discriminação. O jornal objeto de nossa análise, o *Correio Brasiliense*, não foi diferente e Goiânia viveu um período de grande sofrimento e discriminação.

Layanny Barbosa do Prado analisa que, nos primeiros meses e anos após o acidente radioativo, além de queda no volume de exportações de alguns produtos, especialmente roupas e produtos alimentícios, o mercado imobiliário de Goiânia também foi atingido com redução de preços dos imóveis e aluguéis, sobretudo nas localidades e adjacências em que o césio foi manuseado. O setor do turismo também foi afetado pelo acidente com o cancelamento de viagens e de hospedagem em hotéis tanto de Goiânia quanto de Caldas Novas (Rio Quente). A tudo isso ainda devem ser somados os altos gastos que não estavam previstos na economia de Goiás, como a recuperação das vítimas, a limpeza da radiação na cidade e a construção do depósito de lixo radioativo.

Nessa contextualização, enfatizamos ainda que o foco da pesquisa, o acidente radioativo com o Césio 137 em Goiânia, capital de Goiás, Brasil, em 13 de setembro de

⁶ Laianny Barbosa do Prado. Os impactos econômicos do Césio 137 em Goiás, 1987-1990. *Anais do VIII Seminário de Iniciação Científica e V Jornada de Pesquisa e Pós-Graduação*. Universidade Estadual de Goiás. 10 a 12 de novembro de 2010.

1987, ocorreu em época emblemática de grande ebulição no país, que buscava sua reafirmação política e econômica, recentemente saído da Ditadura Cívico-Militar (1964-1985). Período de grande instabilidade monetária, com inflação altíssima e efervescência social, visto que as pessoas ansiavam por respirar os ares da liberdade civil e construir um país melhor. Neste contexto, ocorre a tragédia como um fato inesperado e danoso, principalmente ao povo goianiense e goiano.

Assim, tentaremos avaliar, por meio das matérias jornalísticas do *Correio Braziliense*, desde a época do acidente até setembro de 2007, a cada capítulo, e por meio da análise de dados, a direção das referências fundamentais da mudança de discurso dos anos 80 para os anos 2000 – a partir do marco zero, o dia 13 de setembro de 1987.

Nosso estudo utilizará uma descrição sumária do evento apresentado no Capítulo 1, onde abordaremos o acidente, enfocando preferencialmente as mudanças nos discursos empregados nas matérias produzidas pelo *Correio Braziliense*. Aliás, a abordagem inicial se dará pelo que resolvemos denominar “Hora histórica” – o acidente com a Usina Nuclear de Chernobyl, ocorrido em abril de 1986, na ex-URSS – por seu caráter emblemático e pela proximidade cronológica e quase “premonitória” do acidente com o césio 137 em Goiânia.

No Capítulo 2, demonstraremos como o jornal *Correio Braziliense* transmitiu em suas matérias jornalísticas o acontecimento e destacaremos o conteúdo da quantidade e da qualidade do espaço dedicado às matérias no jornal no “redemoinho” dos primeiros dias. Verificaremos também se a distância no tempo diminuiu o calor dos primeiros meses, quando tentaremos constatar o grande espaço e destaque das matérias jornalísticas sobre o césio 137 em Goiânia, concedido no jornal nos primeiros momentos depois do acidente e a quase nulidade de espaço observado no jornal sobre o tema apenas meses após, a ponto de, já a partir de 1988, menos de quatro meses do acontecimento, as notícias decrescerem sensivelmente – e só voltarão ao seu auge em 2007 quando se completaram os vinte anos do acidente, mas apenas em reportagens especiais.

As reportagens selecionadas para a análise, no total de dezenove matérias, foram escolhidas considerando-se o grau de importância dado ao assunto pelo jornal, os objetivos explícitos e implícitos e o discurso predominante. As matérias foram separadas em dois momentos: no primeiro momento, denominado Matérias do calor da hora, apresentamos dez matérias, a primeira do dia 01/10/1987 e a última publicada no dia 27/11/1990; no segundo momento selecionamos sete matérias, às quais

denominamos Reportagens Especiais. São matérias publicadas a propósito dos vinte anos do acidente com o césio 137. Neste grupo, a primeira matéria data de 09/11/2007 e a última, do dia 14/11/2007.

O Capítulo 3 conterà, essencialmente, a correlação entre o Capítulo 1 e o Capítulo 2: como operou a mudança discursiva das matérias na comparação entre o conteúdo da notícia, o fato e a intensidade das notícias cronologicamente apresentadas no jornal. O objetivo desse capítulo é adotar uma aproximação característica de livre análise dos dados e conteúdos, encaminhando para uma abordagem final de referência conceitual do objeto.

Utilizaremos um método de estudo e comparação, para demonstrarmos as mudanças dos discursos empregados nas matérias e, complementarmente, pesquisaremos o tema remetendo-o ao relato da visão do acidente pelo citado jornal. O alvo principal a ser alcançado pelas compilações de matérias será o acontecimento noticiado pelo jornal, mas também as vítimas e população em geral.

Devido a isto, recorreremos à interpretação da teoria de Michel Pollak, sobre a “Memória, esquecimento e silêncio”⁷ para tentar guiar a percepção do que acontece na realidade mensurável, e que pode ser traduzido como a utilização do contraponto ao fato trazido por Pollak de que nossa *memória* é seletiva: lembra-nos apenas do que o indivíduo, consciente ou inconscientemente, decide se lembrar. Momentos bons "grudam" na memória, os ruins "se esvanecem", como sorvete derretido ao sol, restando talvez um suavizado espectro do acontecimento, inegável, ainda que, no fundo, rejeitado inconscientemente.

⁷ Michel Pollak, Memória, Esquecimento e Silêncio. *Revista Estudos Históricas*. Biblioteca Digital da FGV. Tradução do texto: Dora Rocha Flaksman. São Paulo. 1989.

CAPÍTULO 1

HISTÓRICO DO ACIDENTE DO CÉSIO 137 EM GOIÂNIA ⁸

1.1- A CONTAMINAÇÃO PASSO A PASSO

Em setembro de 1987, Roberto dos Santos (reciclador de lanternas de automóveis) e Wagner Mota (caminhoneiro), ambos desempregados, estavam na sua rotina de recolher sucatas para sobreviver e manter suas famílias. Encontraram em escombros, no centro da cidade Goiânia, capital do Estado de Goiás, um aparelho com estrutura de metal e chumbo, que recolheram e venderam a um ferro-velho. O aparelho era usado no tratamento de radioterapia, estava ultrapassado e fora abandonado nas ruínas do Instituto Goiano de Radioterapia (IGR), continha Césio 137, um elemento radioativo criado em laboratório altamente pernicioso à saúde humana.

A Santa Casa de Misericórdia de Goiânia funcionava em um terreno na avenida Paranaíba, centro, e emprestava um prédio ao lado para o Instituto Goiano de Radiologia. Em 1985, a instituição de saúde deixou o local e o terreno passou para o Instituto de Previdência do Estado. O prédio, onde funcionava a Radiologia, ficou abandonado e, dentro dele, restaram alguns equipamentos, entre eles um aparelho usado no tratamento do câncer que continha uma bomba com 100 gramas de Césio 137 para radioterapia.

⁸ Nesse relato, seguimos de perto Izaura Rita Silva Batista e Maria das Graças Borges Nascimento. O Acidente Com o Césio 137 Sob o Olhar dos Trabalhadores de Vigilância Sanitária. Postado por Nitscka. Césio 137. *Notícias*. Goiânia. 2007.



Figura 1 - Escombros do Instituto Goiano de Radioterapia. Fonte: Google imagem

O aparelho que foi retirado dos escombros do Instituto Goiano de Radioterapia era composto por um revestimento de chumbo de 304 quilos, uma blindagem de 120 quilos, uma parte de platina e a pequena fonte de césio.

Roberto e Wagner começaram a desmanchar a carcaça do aparelho e, depois de semiaberto, foi levado para o ferro-velho de Devair Alves Ferreira, onde foi desmontado de vez a golpes de marreta.

Wagner e Roberto já começavam a apresentar sintomas de contaminação radioativa (tonturas, náuseas e vômitos), mas acreditavam que era fruto da ingestão de algum alimento estragado. Após a piora no quadro clínico, Wagner foi ao Hospital São Lucas e teve o mal-estar diagnosticado como reação alérgica a alimentos.

Na noite do dia 18 de setembro de 1987, Devair passava pelo pátio do ferro-velho, quando percebeu um intenso brilho azul vindo da cápsula de aço. Embevecido pela beleza e pela possibilidade de possuir algo valioso, levou a cápsula para o interior de sua casa. Durante os dias seguintes, parentes, vizinhos e amigos o visitaram para ver o material. Devair e sua mulher, Maria Gabriela, estavam até então ignorando o fato de apresentarem cefaléias e vômitos, sintomas iniciais da contaminação.

Em seguida, Devair conseguiu remover, com o auxílio de uma chave de fenda, um pouco do pó da cápsula e distribuí-lo a parentes, entre eles seu irmão Ivo Alves Ferreira, que levou o conteúdo para a casa, dentro do bolso da calça. Na hora do almoço, colocou fragmentos sobre a mesa, permitindo que todos tocassem. A filha dele, Leide das Neves Ferreira, 6 anos, ingeriu algumas partículas do Césio no pão.

Devair, no dia 25, vendeu o chumbo retirado da fonte radioativa para um conhecido, também dono de um ferro-velho. Antes disso, sem que o marido soubesse, Maria Gabriela, já desconfiada, colocou em meio aos pedaços do chumbo a cápsula de aço que guardava o pó. As suspeitas dela aumentavam à medida que mais pessoas ficavam doentes.

No dia 28, ela decidiu ir até o ferro-velho, pegar uma amostra do material e levar até a Vigilância Sanitária de Goiânia. Ao chegar lá, colocou o pó, que estava em um saco plástico, na mesa de um funcionário e disse que aquilo "estava matando sua gente". Assustado, o funcionário, que era veterinário, levou o conteúdo para o pátio do órgão.

A responsabilidade do acidente de Goiânia (GO) seria, portanto, dos três proprietários do Instituto Radiológico por não comunicarem à CNEN a desativação da bomba de césio e a deixarem abandonada. No entanto, em nota divulgada, Orlando Alves Teixeira e Carlos Bezerril, dois dos proprietários do Instituto de Radiologia, afirmaram que o aparelho não estava desativado, mas "em desuso", e seria transferido para local adequado. Isso não foi feito antes, segundo eles, porque uma ação impetrada pelo Ipasgo impedira a remoção no momento em que o aparelho estava sendo retirado do prédio. O Ipasgo afirmou que ainda nem havia tomado posse do terreno, o que o isentaria de qualquer responsabilidade. A Polícia Federal concluiu, na época, que a bomba foi retirada em partes nos dias 10 e 13 de setembro de 1987 por Kardec Sebastião dos Santos, Wagner Mota Pereira e Roberto Santos Alves. Eles pretendiam vender o material como ferro-velho. Wagner contou que a máquina estava dividida em dois pedaços, o suporte em uma sala e o cabeçote em outra.

Os três donos e o físico responsável pelo Instituto Goiano de Radiologia (IGR) na época foram condenados por homicídio culposo – quando não há intenção de matar. Eles deveriam pagar multa e prestar serviços à comunidade. Posteriormente, o Tribunal Regional Federal, em Brasília, reformou a sentença, condenando-os a três anos e dois meses de prisão em regime aberto. Os catadores que retiraram a peça da clínica e o CNEN foram inocentados.

Os resultados foram que, em 2001, o governo de Goiás cadastrou 614 vítimas do acidente. Dessas, 44 pertenciam ao grupo 1, afetadas diretamente pela contaminação. Outras 54 eram do grupo 2, e 526, do grupo 3, conforme o grau contaminação.

O Ministério Público de Goiás tentou incluir mais 600 servidores estaduais, que também teriam sofrido os efeitos da radiação, na lista de pessoas com direito a atendimento médico e recebimento de pensões alimentícias.

Por recomendação da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), outras 90 pessoas que tiveram contato indireto com o material radioativo na época, parentes e vizinhos que não foram atendidas na ocasião do acidente radiológico por motivos variados, começaram a ser cadastradas para receber assistência.

1.2 - DESDOBRAMENTOS NA VIGILÂNCIA SANITÁRIA DE GOIÂNIA (VISA-GO)

A peça radioativa (um cilindro com aspecto de alumínio dentro de um saco de plástico trançado) chegou à Vigilância Sanitária de Goiânia (VISA-GO), instalada num sobrado da Rua 16-A, no Setor Aeroporto, por volta das 10 horas de uma segunda-feira, no dia 28 de setembro de 1987, isto é, onze dias após ter sido desmontada. A peça foi trazida por um casal, que se encaminhou à então Divisão de Cadastro para fazer a reclamação de que “aquela peça tinha uma pedra dentro que estava fazendo mal para sua família, e que um médico tinha sugerido levá-la para a VISA-GO para ser examinada”.

O saco foi então levado da sala da Divisão de Cadastro para uma mesa na Divisão de Alimentos, no andar inferior, aí permanecendo até o outro dia, sendo retirada da mesa e colocada em uma cadeira, até que, por ordem do então chefe de Divisão de Alimentos, o referido saco foi levado por dois funcionários para o pátio de entrada da VISA-GO, pois estava atrapalhando o trabalho dos funcionários já que emitia reflexos na parede.

Os funcionários tiveram, nestes dois dias, 28 e 29, expediente normal, trabalhando junto à fonte radioativa ainda não identificada como tal. Vários funcionários olharam a peça de perto, abriram o saco, cheiraram, ou para verem seu brilho quando a luz era apagada, ou na tentativa de identificar o material. Um deles deduziu que o material seria radioativo.

Um dos funcionários encaminhou o casal que trouxe a peça para a Vigilância

Sanitária para o Centro de Informações Toxicológicas, que, na ocasião, funcionava no Hospital de Doenças Tropicais (HDT). O médico que os atendeu desconfiou de contaminação e comunicou isso ao funcionário que havia encaminhado o casal. Este funcionário, juntamente com outro colega, dirigiu-se ao depósito de ferro-velho onde a peça havia sido desmontada e, após ouvir os familiares, outros contaminados foram encaminhados ao HDT. Também entraram em contato com um físico, indicado pelo médico. Este físico fez contato com a Nucleobrás, que cedeu os aparelhos de medição de radiação. A partir dessa medição, estes dois funcionários alertaram autoridades da Secretaria de Saúde, que se decidiram pela interdição da sede onde funcionava a Vigilância Sanitária com a retirada dos funcionários do local.

No dia 30 de setembro, alguns funcionários dirigiram-se ao Estádio Olímpico para medir a radiação com técnicos da CNEN. Nem todos foram atendidos e ainda receberam informações diversas, inclusive a de que o exame de contagem de corpo inteiro era só para a pessoa que houvesse tido contato direto com o césio.

Alguns funcionários receberam notificação para fazer exames médicos, não tendo sido essa notificação estendida a todos. Outros solicitaram à CNEN que seus exames fossem feitos e outros realizaram exames por conta própria em laboratórios particulares. Dos que receberam notificação alguns fizeram, na ocasião, exames de corpo inteiro, urina, fezes, citogenético e micronúcleo, ou apenas um ou outro dentre esses. Os resultados nunca foram oficialmente divulgados aos funcionários.

Os nomes dos funcionários da VISA–GO foram veiculados na imprensa escrita, em reportagens com títulos como “Veja a lista dos contaminados”. Os funcionários e suas famílias sofreram discriminação em diversos ambientes.

A falta de informação coerente com o ocorrido, a confusão e aglomeração de pessoas no Estádio Olímpico, o medo gerado pelas notícias veiculadas, a discriminação por parte de muitos quando um funcionário da VISA–GO era identificado, o desconhecimento sobre os termos usados pelos técnicos da CNEN que dificultavam saber da contaminação, da irradiação ou de ambos, foram situações vividas na ocasião pelos funcionários da VISA–GO.

Em nenhum momento durante o período após a interdição da sede da Vigilância Sanitária – quando muitos ficaram nos corredores da então Coordenação de Vigilância Epidemiológica, hoje Superintendência de Políticas e Ação Integral à Saúde (SPAIS) –, os funcionários da Vigilância Sanitária tiveram tratamento como vítimas contaminadas

ou irradiadas e nem receberam esclarecimentos oficiais sobre a conduta correta a ser adotada.

Os funcionários da VISA–GO foram diferenciados nas ações e decisões pós-acidente, tais como encaminhamento ou não-encaminhamento a exames completos; acompanhamento médico ou não; pensão vitalícia ou não; liberação do pagamento ao IPASGO ou não; inclusão em algum grupo ou não.

Vinte anos após o acidente com o césio 137, funcionários da VISA–GO continuam discriminados e excluídos de direitos concedidos a outros acidentados. Todos os 81 funcionários possuem documentos oficiais que comprovam sua presença na então Coordenação de Vigilância Sanitária nos dois dias em que a peça radioativa esteve no local, o que os autoriza inclusive a refazer parte da história do acidente, a parte que entenderam e sentiram.

As servidoras da Vigilância Sanitária de Goiás, Izaura Rita Silva Batista e Maria das Graças Borges Nascimento⁹ apresentam ainda um questionamento sobre a classificação do trágico evento. Mesmo dentro do limitado universo de conhecimentos sobre epidemiologia do grupo em questão, de tanto ser ouvida a palavra “acidente”, em um dado momento passou a ser feito o questionamento de que um acidente seria algo ínfimo frente à proporção tomada pelo evento com o césio 137. De acordo com o *Glossário de Defesa Civil – Estudos de riscos e medicina de desastres* (2ª ed. Brasília,1998), publicado pelo Departamento de Defesa Civil, órgão da Secretaria Especial de Políticas Regionais do Ministério do Planejamento e Orçamento, desastre se define como o resultado de eventos adversos, naturais ou provocados sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais.

Já um acidente é definido como um evento ou sequência de eventos fortuitos e não planejados, que dão origem a uma consequência específica e indesejada, em termos de danos humanos, materiais ou ambientais. A definição dos dois termos confunde-se em determinado momento, pelo menos aos olhos do grupo em questão. Seria o episódio do dia 13 de setembro de 1987 um acidente que se tornou um desastre? Uma peça contaminada, onze dias após ter sido desmontada, que percorreu diversos caminhos, irradiando e causando danos a pessoas, materiais e ambientais – seria isso um acidente ou um desastre? Não apresentamos avanços neste questionamento por entendermos que a

⁹ Idem.

Epidemiologia é um campo do conhecimento bastante especializado e o grupo não teria autoridade para definir a questão. Deixamos a sugestão para epidemiologistas, se entenderem que se trata de algo importante para a saúde pública em Goiás.

Monitoramento das Vítimas

Os pacientes do Grupo I foram e são avaliados em agendamento médico, além dos exames de rotina e os especializados. Para os demais pacientes, o agendamento médico é anual, inclusive com solicitação dos referidos exames. Também é realizado agendamento no serviço de odontologia e psicologia. Além disso, são oferecidos consulta e tratamento gratuito em odontologia, psicologia, exames de rotina e especializados, medicamentos e internações hospitalares. Os pacientes também são atendidos nos serviços de assistência social e de enfermagem.

A Superintendência Leide das Neves Ferreira oferece a infraestrutura de prevenção de doenças que podem ou não ser provenientes do acidente. Os procedimentos padrões de apoio e suporte físico e psicológico são oferecidos àqueles considerados vítimas e aos familiares. Todo o grupo familiar é acompanhado.

Os principais problemas apresentados pelas pessoas acompanhadas pela Superintendência são: hipertensão arterial, gastrite (com e sem presença de *H. Pylori*) dislipidemia, dependência química, transtornos psiquiátricos (traços psicopáticos, depressão); em cavidade bucal, foram diagnosticadas cárie dental e doença periodontal.

Quanto ao monitoramento,¹⁰ o controle do acidente e a descontaminação das áreas atingidas, um total de sete locais em Goiânia, geraram uma grande quantidade de rejeitos. A quantidade de rejeitos oriundos dos 19 gramas de césio concentrado chegou a 40 mil toneladas.

Na época, o controle foi feito a partir da retirada dos materiais das áreas que estavam contaminadas. Tudo foi embalado. Para armazenar os rejeitos, foram usados tambores metálicos de 200 litros, caixas de um metro quadrado (mil litros) e até um contêiner marítimo, devido à grande quantidade de material. Os recipientes passaram por testes físicos e de resistência para garantir a segurança.

Inicialmente, os rejeitos foram estocados de forma provisória no mesmo lugar onde hoje funciona a unidade da CNEN em Abadia de Goiás. Controlado o acidente, um

¹⁰ Humberta Carvalho. *Depósito de rejeitos do césio-137 em Abadia de Goiás foi alvo de polêmica*. Portal G1. 13.9.2012

projeto feito a longo prazo definiu o local onde os rejeitos seriam definitivamente guardados.

Para escolher Abadia de Goiás, os pesquisadores da CNEN realizaram uma série de testes para saber se a área era propícia a receber o depósito dos rejeitos do céσιο-137. Foi criado, então, um laboratório de radioecologia. O lençol freático da região foi um dos principais objetos de estudo. A equipe constatou que o solo não obtinha águas subterrâneas que abasteciam o município. As pesquisas também comprovaram que, se ali depositado, o céσιο não vazaria.

O depósito definitivo foi construído em 1997, mesmo ano em que foi inaugurado o Centro Regional de Ciências Nucleares do Centro-Oeste (CRCN-CO), unidade da Cnen em Goiás. O local fica dentro do Parque Estadual Telma Ortegal, que tem 1,6 milhão de m². A estrutura que abriga os rejeitos foi projetada para resistir 300 anos intacta e preparada para desastres como tremor de terra e queda de avião. O depósito do céσιο-137 tornou-se, então, o único depósito de lixo radioativo definitivo do Brasil.

A CNEN disponibiliza à unidade do Centro-Oeste uma verba para a manutenção do solo. “Conservamos principalmente a parte dos morros com grama. Temos um sistema com bomba d’água na beira de um rio que leva a água até esses morros, para que fiquem sempre regados. Inclusive, quando ocorrem queimadas no parque, nós ligamos a bomba e a única coisa que fica verde são os morros. O pessoal até diz que é o efeito céσιο, mas não. Nós usamos a água para manter aquela área intacta. Se der erosão no solo, pode expor uma parte do concreto. Mas isso é algo difícil de acontecer”, explica o supervisor de radioproteção, Cesar Luiz Vieira Ney.

As sete principais áreas que foram expostas à contaminação em Goiânia ainda hoje são monitoradas. “Na época do acidente, tudo que estava nesses locais foi removido até se chegar a um nível de radiação que não oferecesse risco à população. Depois do final de dezembro de 1987, todas elas foram avaliadas e estavam livres para utilização. Algumas não estão sendo utilizadas talvez por medo, mas já estão liberadas”, explica Cesar Luiz Vieira Ney.¹¹ Mesmo sabendo que já não há mais risco de contaminação, os técnicos da CNEN em Goiás continuam monitorando as áreas duas vezes ao ano. O objetivo, segundo o especialista, é mostrar para a população que realmente não existe mais risco.

¹¹ Idem. Ibidem.

Em junho de 1997, a CNEN inaugurou o Centro Regional de Ciências Nucleares do Centro-Oeste, em Abadia de Goiás (GO), onde estão situados os dois depósitos definitivos que abrigam os rejeitos oriundos do acidente radiológico de 1987. Um deles abriga 40% do volume total do material recolhido, rejeitos cuja concentração radioativa é tão baixa que poderiam ser definidos como lixo comum. No segundo depósito, estão os rejeitos efetivamente radioativos, dentre eles os restos da fonte principal que originou o acidente.

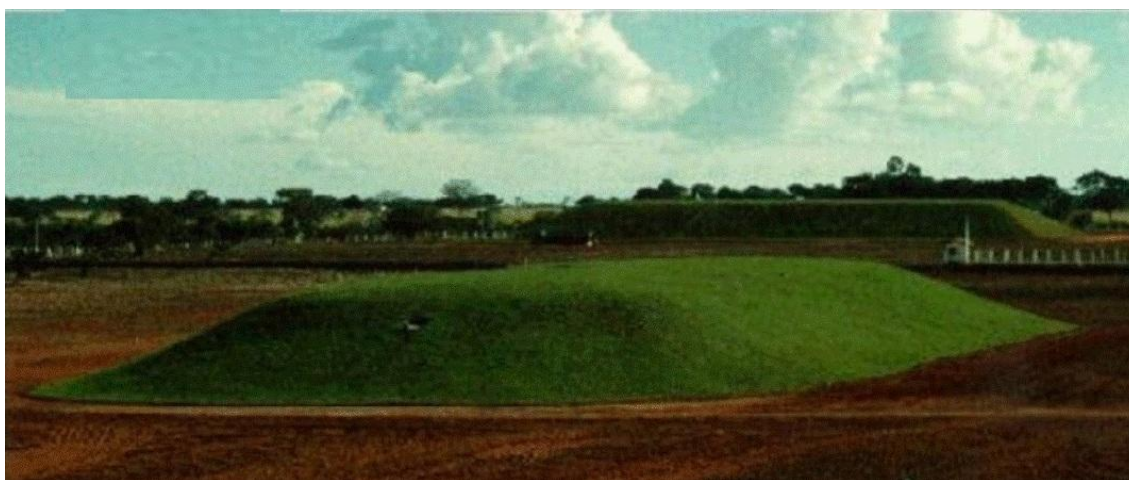


Figura 2- Depósito de Rejeitos Radioativos em Abadia de Goiás.

Fonte: Google

Conforme o nível de contaminação, os rejeitos foram classificados em cinco grupos: do nível 1, com menor índice de radiação, ao 5. Há de tudo entre o material armazenado: animais, plantas, roupas, pedaços da pavimentação de ruas e calçadas, restos de móveis e casas. Técnicos da CNEN monitoram periodicamente a radioatividade ambiental. Estima-se em 300 anos o tempo médio em que o material dos cinco grupos precisa ficar armazenado.

Todo o material está isolado por várias camadas de proteção:

Depósito 1 – Possui paredes de concreto com 25 centímetros de espessura. Abriga somente os rejeitos do grupo 1, que correspondem a 40% do total e possuem o menor nível de radiação. Suas dimensões são de 4 metros de altura, 14 de largura e 57 de comprimento. Dentro dele, os rejeitos estão em tambores e caixas de aço. Os espaços vazios foram ocupados com areia, argila e cimento.

Depósito 2 – Possui paredes de concreto com 25 centímetros de espessura. Somente a base é diferente, com 50 centímetros de espessura. Suas dimensões são de 6 metros de altura, 14 de largura e 57 de comprimento. Nele estão rejeitos dos grupos 2,3,4 e 5. O material está dentro de tambores metálicos, com capacidade para 200 litros. Cada conjunto de 14 tambores dos grupos 2 e 3 foi colocado dentro de cilindros de concreto.

Para os tambores dos grupos 4 e 5 foram construídos cilindros metálicos. No depósito, o grupo 5 foi colocado no centro, envolto pelo material do grupo 4 e assim sucessivamente. Espaços vazios também foram ocupados por argila, areia e cimento.



Figura 3 - Entrada do depósito de rejeito em abadia de Goiás, a 18 km do centro de Goiânia
Fonte: *Correio Braziliense*

Monitoração dos Depósitos de Rejeitos Radioativos

São realizadas monitorações constantes nos locais atingidos, bem como nos depósitos para os rejeitos radioativos construídos em Abadia de Goiás. A Comissão Nacional de Energia Nuclear informou que o programa de monitoração ambiental consiste em acompanhar os trabalhos feitos na época do acidente e intervir diante de qualquer modificação que seja observada. A cada três meses, são colhidas amostras de poeira, vegetação e ar para análises.

Nos locais onde foram levados os rejeitos, a monitoração era feita, até 1997, com mais detalhes, inclusive colhendo amostras de leite de vacas que ficavam próximas ao local. Após a construção dos depósitos definitivos (uma para os rejeitos efetivos e outro para lixo comum), são feitas medições nos lençóis de água sob os depósitos. A partir de 1997, quando da construção dos depósitos, foi estabelecido um período de 50 anos de controle institucional.

CAPÍTULO 2

O ACIDENTE VISTO PELO JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE*: APRESENTAÇÃO, ESTUDO E COMPARAÇÃO DO DISCURSO EMPREGADO NAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE O CÉSIO 137 EM 1987 a 2007

2.1 BREVE HISTÓRICO DO JORNAL

Antes de avaliarmos o acidente em si e sua interpretação pelo *Correio Braziliense*, vamos a um breve histórico deste jornal. “A imprensa no Brasil foi censurada antes mesmo de começar”, diz Giulia Marcelo Bello, em História da Imprensa no Brasil, jornalismo em posts, em conteúdo postado no dia 3.3.2015: “Enquanto muitos países da América, colonizados por espanhóis, já tinham jornais, bibliotecas e universidades, aqui a Coroa Portuguesa não permitia nenhum veículo impresso que não fosse previamente aprovado”. “Foi só com a vinda da Família Real para o Brasil”, prossegue Bello, “que o jornalismo começou de fato no país. Se antes os textos eram manuscritos ilegais e muitas vezes oposicionistas, agora o veículo de imprensa era oficial: através das máquinas tipográficas da Imprensa Régia - a **Gazeta do Rio de Janeiro** foi publicada em setembro de 1808. Seu conteúdo era estritamente oficial e a disposição da notícia era linear”, confirma a autora.

No mesmo mês, começou a circular ilegalmente o *Correio Braziliense*, publicado por Hipólito José da Costa, em Londres. O jornal mensal, por sua vez, criticava a Coroa e já dividia as notícias em seções, facilitando a leitura do conteúdo. Curiosamente, Dom João VI financiou o *Correio* para que seu nome não fosse mencionado nas críticas. Apesar de toda a censura sofrida pelo impresso de Hipólito, o jornal é considerado, juntamente com a *Gazeta*, o primeiro veículo jornalístico do Brasil, ainda que não como território independente”, conclui a pesquisadora.

Os Diários Associados¹², também conhecidos como Condomínio Acionário dos Diários e Emissoras Associados, ou simplesmente “Associados”, são o sexto maior conglomerado de empresas de mídia do Brasil. A corporação já foi a maior da história da

¹² Link. <https://ahistoriadodosdiariosassociados.wordpress.com/2010/06/21/5/>.

imprensa no país e foi fundada por Assis Chateaubriand. Suas duas empresas mais célebres foram a TV Tupi e a revista *O Cruzeiro*, já extintas. O império de Chateaubriand teve início com a aquisição, em 1924, de *O Jornal*. Com o tempo, outras empresas de mídia impressa, rádio e televisão foram sendo incorporadas, além de laboratórios farmacêuticos, fábrica de chocolates, fazendas, entre outros. No auge, os Diários Associados reuniam em todo o Brasil 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, além de bater recordes de tiragem com *O Cruzeiro*.

Com a morte de Chateaubriand em 1968 as empresas entraram em decadência, culminando, em 1980, com o fechamento da TV Tupi. O grupo foi distribuído a um condomínio de acionistas, conheceu uma fase de decadência, mas, nos anos de 1980, se recuperou. Em 1999, o grupo passou a usar a marca Associados, que continuou em uso até 2008, quando voltou o nome Diários Associados. Em 23 de janeiro de 2008, o grupo, por meio da TV Alterosa, comprou 50% do capital acionário da TV Brasília, pertencente às Organizações Paulo Octávio. Pela transação, cabe à TV Alterosa a gestão do negócio e o controle comercial e editorial da emissora. Com a aquisição, a TV Brasília, que foi vendida em 21 de junho de 2001, retornou aos **Diários Associados**, depois de sete anos. O gerente técnico da TV Alterosa, Luis Eduardo Leão, assumiu a TV Brasília como superintendente, acumulando o cargo que ocupa em Minas Gerais.

Em 2009, o grupo completou 85 anos e, para comemorar, lançou sua nova marca e slogan: ‘A vida com mais conteúdo’. A ideia é fortalecer a presença do grupo no Brasil.

Atualmente, o grupo conta com 50 veículos de comunicação sendo: 15 jornais e 3 revistas. 12 rádios, 8 emissoras de televisão, 4 portais e outros 14 sites, 1 fundação e outras 7 empresas

O *Correio Braziliense* ao longo de sua existência, como todo grande jornal, já adotou várias linhas editoriais que foram sendo aperfeiçoadas conforme o contexto de cada época e do ponto de vista e objetivos dos seus diversos dirigentes e gestores que por lá passaram. Além de ser um jornal que se identifica com a cidade de Brasília e tem por lema estar próximo a este público local, reservando espaços no jornal para conteúdos interativos, voltados em especial aos brasilienses, possui uma considerável projeção

regional e nacional. Segundo Ana L. F. Morelli¹³, "Houve avanços ao longo de sua existência, do provinciano diário da nascente capital, ao bem-acabado jornal da sede dos poderes do país, ele tem conseguido manter e expandir seu espectro de leitores, vencer a concorrência de outros veículos, e se adaptar aos novos ventos do mercado de jornais com estratégias de marketing e de modernização de conteúdo e forma".

Seria necessária uma análise mais profunda para podermos evidenciar as ideologias defendidas pelo jornal *Correio Brasiliense*. Neste breve histórico aqui apresentado e ao analisar as matérias sobre o Césio 137 selecionadas para esta pesquisa, pudemos observar que a linha editorial escolhida para a cobertura deste acontecimento em especial foi da mera informação a um caráter mais profundo e crítico embora, em alguns momentos, tenha resvalado para a incitação ao preconceito e ao medo.

2.2 MATÉRIAS DO “CALOR DA HORA”

Os anos 80 no Brasil: aspectos políticos e econômicos¹⁴

Ainda ao início dos anos 80 do século passado o Brasil vivia a ditadura militar. Porém, o presidente Ernesto Geisel, já desde o final da década de 70, acenava para a criação de condições de uma abertura política “lenta, gradual e segura”, a qual deveria levar o país, futuramente, a algum tipo ainda não claramente definido de governo civil, o que pressupunha o fim do militarismo (MARQUES e REGO, 2005). Ao longo da década de 80, pressões por eleições resultaram no movimento de “Diretas Já”, um envolvimento cívico de várias camadas da sociedade - contou com a participação de intelectuais, artistas, pessoas ligadas à igreja (e outras religiões que não a Católica), partidos políticos (que se formavam como o PT, PMDB e PSDB), entre tantas personalidades políticas.

A bandeira desse movimento era pela promoção do processo de redemocratização do país, possibilitando a participação da sociedade civil na escolha de seus governantes. Embora as diretas não tenham tido o efeito que se esperava (uma vez que o Congresso

¹³ MORELLI, Ana L. F. *Correio Brasiliense: 40 anos. Do pioneirismo à consolidação*. Brasília. Dissertação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2000.

¹⁴ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo* (2a. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ainda era controlado pelo governo, retardando as eleições apenas para o final da década), mesmo que indiretamente um presidente civil foi eleito: Tancredo Neves.

No entanto, Tancredo faleceu em 21 de Abril de 1985 e não chegou a assumir o cargo para comandar a transição para a democracia, fato que levou José Sarney, seu vice, a assumir a presidência da República.

Do ponto de vista econômico, tínhamos herdado os altos índices de endividamento dos períodos e dos planos de desenvolvimento anteriores e enfrentávamos dificuldades para a rolagem da dívida por parte das instituições credoras. No início dos anos 80, as políticas econômicas eram do tipo ortodoxas, o que significa cortar custos do governo e aumentar a arrecadação. Com a chegada de Sarney, em 1985, as políticas começaram a se tornar heterodoxas, diferentes daquelas defendidas pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), o qual impunha regras duras de ortodoxia econômica ao Brasil como condição para manter seus cofres abertos às necessidades brasileiras.

Outros agravantes eram os altos índices inflacionários do período e a estagnação econômica. Segundo Thomas Skidmore (2000, p. 271), “para efetuar os pagamentos da dívida externa, o governo recorria à crescente dívida pública interna e à criação de dinheiro inflacionário, o que significava que o serviço da dívida externa havia forçado o governo brasileiro a alimentar as chamas da inflação que estava crescendo...”. Por conta desse contexto econômico conturbado, houve tentativas de reforma monetária e vários planos econômicos foram adotados, como o Plano Cruzado, Plano Bresser e Plano Verão. Infelizmente, todos fracassaram ou seus resultados foram insuficientes para manter a estabilidade econômica que chegaria apenas na década de 90, nos governos de Itamar Franco e de Fernando Henrique Cardoso. Assim, a década de 80 ficou conhecida como a década perdida (do ponto de vista econômico, do crescimento e do desenvolvimento) e terminou com uma hiperinflação.

No âmbito político, promulgou-se a Constituição de 1988, materializando-se o fim da ditadura. Thomas Skidmore (2000, p. 269) afirma que “os lobistas representando grupos esquerdistas da Igreja, o movimento sindical e a comunidade de direitos humanos foram especialmente ativos. Boa parte de seu conteúdo representava uma vitória para o ideário populista contra muitos princípios defendidos pelo governo militar”. Criou-se condições para a recuperação de uma maior participação cívica nos processos eleitorais, e na primeira eleição direta após o regime militar, Fernando Collor de Melo chegou ao poder. Venceu as eleições contra Luiz Inácio Lula da Silva, com seu discurso salvacionista e moralizante ao declarar guerra aos chamados “marajás”, funcionários públicos beneficiados com altos salários e aposentadorias.

No entanto, na década seguinte, Collor frustrou as expectativas nele depositadas, sofrendo o processo de *impeachment*. Ao final da década de 80, nem o Brasil nem o mundo eram mais os mesmos. Acabara a guerra fria e, dessa forma, ganhou corpo o modelo neoliberal de governo pelo mundo, alavancando o processo de globalização econômica. Nos anos seguintes, ampliou-se no Brasil o processo de abertura econômica como resultado de uma política internacional alinhada ao Consenso de Washington, marco da ordem mundial.

É nesse contexto político, social e econômico que, em 1987, ocorreu o acidente com o césio 137, classificado como o acidente nuclear mais grave ocorrido no Ocidente¹⁵. Época em que, na mídia, também um dos assuntos mais frequentes já era a corrupção na política. Mas o sinistro foi noticiado pela primeira vez no *Correio Brasiliense* sob a forma de uma singela nota na capa do jornal, no dia 1º de outubro de 1987, mais de duas semanas após ocorrido o acidente – 13.9.1987, embora a poucos dias da sua descoberta em Goiânia, em 28.9.1987¹⁶. Nessa capa, a manchete principal era sobre a corrupção: “PFL denuncia a corrupção de Raphael. É a guerra”! Do lado esquerdo dessa matéria está a pequena nota, intitulada “Radiação”. Informa que um aparelho de quimioterapia esquecido nos escombros de um prédio demolido do Instituto Goiano de Radioterapia já havia provocado a internação de 16 pessoas e que doze técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear declararam a existência de quatro lugares que apresentavam alto índice de contaminação, isolando a área e evacuando o local. A matéria completa foi publicada na página 15, intitulada: Radioatividade Interna em Goiânia. A matéria possui três subtítulos: Peça foi isolada com concreto, População pede socorro e, Os riscos provocados pelo césio.

A pequena nota de capa deixa transparecer que, até aquela data, o jornal da capital federal, tão próxima de Goiânia, ainda não tinha consciência da dimensão e da gravidade do acidente ocorrido na cidade vizinha. Essa primeira reportagem apresenta caráter mais informativo, sem muitos dados. Mesmo as falas das autoridades ouvidas na matéria demonstram imprecisão e insegurança, como evidenciado a seguir neste trecho:

“O físico José Júlio Rosenthal, da CNEN, que se deslocou do Rio de Janeiro para verificar a extensão da contaminação das pessoas residentes na área central dessa capital, garante que “a situação é relativamente grave, principalmente para as pessoas que se contaminaram pelo contato direto com a cápsula de césio 137, de uma unidade de

¹⁵ Goianobyl é o maior acidente. *Correio Braziliense*, sexta feira, 9 de outubro de 1987. Capa.

¹⁶ Radiação. *Correio Braziliense*, quinta feira, 1 de outubro de 1987. Nota na Capa.

radioterapia, sem terem o conhecimento do que estavam manipulando” Para essas pessoas, segundo ele, “há certo grau de risco de vida”.

Na matéria, ainda pode ser identificado outro aspecto interessante: a forma como são tratadas as pessoas diretamente envolvidas com o acidente - ora tratadas como vítimas, ora como responsáveis pela tragédia.



Figura 4 – Capa de *Correio Brasiliense*. A manchete principal era “PFL denuncia a corrupção de Raphael. É a guerra”! Nota sobre RADIAÇÃO-1 de outubro de 1987.

Por outro lado, 1987, no contexto internacional, vivia sob o signo do medo. Um ano antes, acontecera um evento similar, porém mais perigoso e de maior dimensão, como constaria no *Correio Braziliense* em 11 de outubro de 1987: “O acidente de Goiânia só não é maior que o de Chernobyl, mas é o mais grave já ocorrido no hemisfério Ocidental. A impressão é do físico norte-americano Gerard Hansel, que está em Goiânia acompanhando as consequências do acidente, causado pela radiação do Césio 137.”

O acidente de Goiânia que fez sete vítimas fatais quase que imediatamente, contaminando e irradiando outras tantas - entre as quais 81 funcionários da extinta Organização de Saúde do Estado de Goiás (OSEGO), lotados na então Coordenação de Vigilância Sanitária, atualmente Superintendência de Vigilância Sanitária e Ambiental (SVISA/GO), órgão da Secretaria Estadual de Saúde¹⁷ - perde de longe para a tragédia de Chernobyl, que envolveu toda uma grande região na Ucrânia, ex-URSS, com repercussões sentidas em toda a Europa.

O acidente nuclear de Chernobyl ocorreu dia 26 de abril de 1986, na Usina Nuclear de Chernobyl (originalmente chamada Vladimir Lenin) na Ucrânia (então parte da União Soviética). É considerado o pior acidente nuclear da história da energia nuclear, produzindo uma nuvem de radioatividade que atingiu a União Soviética, Europa Oriental, Escandinávia e Reino Unido, com a liberação de 400 vezes mais contaminação que a bomba que foi lançada sobre Hiroshima, de acordo com um relatório da Organização das Nações Unidas de 2005, que atribuiu 56 mortes até aquela data – 47 trabalhadores acidentados e nove crianças com câncer da tireoide – e estimou que cerca de 4000 pessoas morrerão de doenças relacionadas com o acidente.

Ulrich Beck, em seu livro: *Risk Society. Towards a New Modernity* (Sociedade de risco: Rumo a outra modernidade), argumenta que a sociedade industrial, caracterizada pela produção e distribuição de bens, foi deslocada pela sociedade de risco, na qual a distribuição dos riscos não corresponde às diferenças sociais, econômicas e geográficas da típica primeira modernidade. O desenvolvimento da ciência e da técnica não poderiam mais dar conta da predição e controle dos riscos que contribuiu decisivamente para criar e que geram consequências de alta gravidade para a saúde humana e para o meio

¹⁷ Izaura Rita Silva Batista e Maria das Graças Borges Nascimento. “O acidente com o césio 137 sob o olhar dos trabalhadores de vigilância sanitária”. 11 de setembro de 2015, às 11h11. http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agosto2007/textos/dossieGoianiaAcidente137.pdf. Op cit.

ambiente, desconhecidas a longo prazo e que, quando descobertas, tendem a ser irreversíveis. Entre esses riscos, Beck inclui os riscos ecológicos, químicos, nucleares e genéticos, produzidos industrialmente, externalizados economicamente, individualizados juridicamente, legitimados cientificamente e minimizados politicamente. Mais recentemente, incorporou também os riscos econômicos, como as quedas nos mercados financeiros internacionais. Esse conjunto de riscos geraria “uma nova forma de capitalismo, uma nova forma de economia, uma nova forma de ordem global, uma nova forma de sociedade e uma nova forma de vida pessoal”¹⁸.

Tais riscos não respeitam fronteiras, podem atingir qualquer nação, qualquer classe social. São consequências do progresso, do mundo industrializado. São riscos globalizados.

A globalização mudou a concepção de desenvolvimento, de modernidade, de relações sociais, econômicas e políticas, delineando a partilha de bens, criando paradigmas na divisão tanto das riquezas criadas pela modernidade quanto dos seus malefícios, consequências implícitas da industrialização. Hoje, os perigos que antes eram perceptíveis se tornaram invisíveis, mensuráveis e visíveis apenas pela ciência. Só as ciências podem analisá-los e definir a globalidade da ameaça que representam não somente a nós, mas à sociedade e ao planeta em geral.

Portanto, acidentes como os de Chernobyl na Ucrânia e do Césio 137 em Goiânia podem ocorrer em qualquer lugar, são riscos gerados pelo progresso. Este conceito de sociedade do risco nos remete a um outro conceito, o da sociedade do medo. Vivemos movidos pelo medo: desde criança aprendemos a ter medo, mesmo que por uma questão de sobrevivência.

Com o aumento assustador dos riscos e de sua globalização, característica do mundo contemporâneo, industrializado, vivemos com medo, saímos de casa e não temos a certeza de voltar, acidentes no trânsito, assalto, os atentados terroristas que nos apavoram, o medo do desemprego, da instabilidade econômica, da política, da corrupção, o medo do tráfico, da guerra, de contaminação de várias espécies, enfim, a relação é infinita.

¹⁸ Ulrich Beck. Sociedade de Risco: rumo a outra modernidade. São Paulo: Editora 34. 2010. p. 2-7.

Em Goiânia por ocasião do acidente com o césio não foi diferente: o medo foi constatado em todas as classes - no povo, nas autoridades, nos especialistas que ali se encontravam para analisar a situação e propor soluções.

A imprensa, ao divulgar o acontecido, também contribuiu para disseminar o medo e a discriminação, ultrapassando os limites regionais, chegando a outros estados que deixaram de receber os produtos de Goiás, cancelaram viagens para Goiânia, evitando todo e qualquer espécie de contato. A repercussão internacional também foi muito negativa e destacava a pobreza, a ignorância do povo, o despreparo das autoridades, esquecendo que acidentes dessa natureza podem ocorrer em qualquer lugar e que é consequência do progresso.

As reportagens do *Correio Braziliense* demonstram o conceito de Beck - a vida em uma sociedade dominada pelo medo - medo que ocorre normalmente durante a divulgação das notícias sobre qualquer tragédia em que ocorram fatalidades, como um atentado, uma queda de avião e outros semelhantes. No caso da radiação, a permanência do medo no tempo permanece por n-tempo. A manchete a seguir, relativa aos primeiros momentos do desastre, pode apontar isso.

O Chernobyl do pequi



A realidade imita a ficção científica. Não é um filme e a FAB não está indo à lua. Imagem como essa parece ser de Chernobyl, mas é de Goiânia

Novela perde para as notícias da tragédia

LAURENCE NOLETO
Enviada Especial

Goiânia — "Nós goianos somos mesmo um povo valente. A gente não se contenta em apenas provocar a gente nuclear qualquer. A gente pega o césio, arrebatada a marteladas, passa no corpo e ainda come. E o Chernobyl do pequi." A afirmação é de uma jornalista goiana, brincando com os colegas de profissão de outros estados que se encontram na cidade dando cobertura ao acidente ocorrido com a abertura da capsula de Césio 137, que provocou o maior acidente nuclear já registrado no País e talvez até no mundo.

Alegre, falante e bom bebedor de cerveja, o goiano, no entanto, tem ficado com uma imagem estereotipada de brígido, ignorante e até mesmo de bobo nos demais estados do País, e principalmente em Brasília. Isso, em parte, se deve à própria imprensa, que tem divulgado o quase sempre fatos pitorescos e exóticos da cidade, como cenas de deputados se boxando no plenário da Assembleia Legislativa, tirando revólver para ameaçar seus opositores ou da cassação do último prefeito eleito da capital, por corrupção.

Mesmo assim, o povo ainda preserva seu jeito brincalhão e não deixa de fazer piadas sobre suas próprias tragédias. A cidade é cheia de botecos, com mesas esparramadas pelas calçadas e debaixo das árvores, sempre cheios. "Desde uma Chernobyl" grita um para o outro, que imediatamente traz uma

geladíssima cerveja Antártica. O "apelido" foi dado porque a fábrica da bebida fica à margem do Rio Meia Ponte, que passa pela cidade. E, mesmo sabendo que a água utilizada na sua fabricação vem de um poço artesiano, sem qualquer possibilidade de contaminação, o goiano brinca.

As piadas e histórias sobre o Césio 137 — o material radioativo que se encontra dentro da capsula arrombada — tomam conta da cidade. Tudo gira em torno do acidente. Não se fala em outra coisa. Muitos, com medo, e até saindo da cidade, mas a maioria levando uma vida aparentemente normal. Logo cedo, nas ruas, as pessoas se aglomeram em frente as bancas de jornais, para saber as novidades. À noite, em casa, os goianos conseguiram outra proeza: os noticiários da televisão têm uma audiência muito maior que os capítulos finais de O Outro, a novela global.

E, por mais que as autoridades e técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CENEN) insistam em declarar que a situação está sob controle e que o povo não corre risco de ser contaminado, com exceção daqueles que tiveram contato direto com o Césio, a população ainda está preocupada. Até mesmo um deputado estadual, Ircara Feira, depois de ouvir por várias horas exposições de técnicos da CENEN e de autoridades ligadas ao sistema de saúde do Estado sobre o acidente e seus riscos, afirmava: "A população fica nervosa, com tantas tentativas de tranquilizá-la. Acho que vou em casa, pegar meus filhos e levar para

uma fazenda longe daqui".

Mas, para o técnico Jorge Passos, da CENEN, o principal problema existente é a própria desinformação das pessoas sobre o problema. Segundo ele, com base nessa constatação, inclusive, é que os próprios técnicos decidiram se aproximar mais da imprensa, conversar e passar informações para a comunidade. Dentro dessa filosofia, a CENEN, juntamente com a Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, está distribuindo a população folhetos informativos, para sua melhor orientação.

Para evitar a contaminação, a CENEN recomendou às pessoas que não entrem nas áreas isoladas e impeçam as crianças de entrar ali, prendam seus animais domésticos, porque soltos podem passar pelas áreas isoladas e propagar a radioatividade, não toquem em objetos suspeitos de apresentarem contaminação, mas procurem os técnicos. E, principalmente as pessoas envolvidas no comércio de ferrovelho, recomenda que se submetam aos testes com detector de radioatividade.

Quando o governador do Estado, Henrique Santillo procura enfatizar que seu governo é democrático e que não quer transformar essa tragédia em um "segredo de Estado". Ele disse que todas as informações sobre o acidente devem ser passadas para a população. "Espero que isto seja um alerta. Um importante alerta à sociedade brasileira e a todos os setores do poder público, para que se inicie uma imediata discussão nesse País sobre o que se pode fazer", concluiu o governador.

O outro lado do acidente

Vítimas discriminadas formam legião de marginalizados

Além das vítimas diretas do acidente nuclear em Goiânia, está se formando agora na cidade uma verdadeira legião dos "marginalizados do Césio". Retirados de suas casas sem direito a levar qualquer objeto e às vezes até sem documentos, os moradores das casas vizinhas aos locais onde foram registrados altos índices de radioatividade são agora discriminados pela comunidade goianense e até mesmo rejeitados pelos parentes.

Silvia Leite Mattos Capuzzo, seu marido e dois filhos menores, com 11 e 10 anos de idade, são apenas uma das mais de 30 famílias que tiveram as casas isoladas pelo Comissão Nacional de Energia Nuclear (CENEN). Hoje, ela está alojada em um albergue da Fundação Legião dos Bem Estar Social. Antes disso, ela conta que a família foi rejeitada por parentes seus e de seu marido, amedrontados com a possibilidade de se-

rem contaminados pela radioatividade que ainda poderiam apresentar, mesmo depois de passarem pelo processo de descontaminação.

"Nós não somos mendigos. Tinha-mos casa, roupa, comida e dinheiro. Agora não temos nada e meus filhos não podem nem estudar. Nós saímos de casa sem tomar nem ao menos o café da manhã. Naquele dia, ficamos no Estádio Olímpico, para descontaminar, sem comer, beber água ou usar o banheiro, durante todo o dia. É uma tristeza e uma revolta muito grande que a gente sente. Alguém tem que pagar por isso", disse Silvia.

A família morava na Rua 57, nº 80, fundos, localizada ao lado da residência de Roberto Santos Alves, internado no Rio de Janeiro e um dos acusados pela retirada do aparelho do local da antiga Santa Casa de Misericórdia. Ela garante que a família de Roberto já apresentava

sintomas da contaminação desde o dia 19 de setembro. "A mãe dele me contava que estava com o cabelo caindo muito e o próprio cabelo tinha manchas na pele, que dizia que coçavam muito", informou a Silvia.

Ottem, a Secretaria de Constituição do Estado Informava também que a Secretaria do Desenvolvimento Social, através da Superintendência de Apoio à Família, está responsável por oferecer o apoio social e psicológico às famílias vítimas do acidente radioativo. E, até às 17 horas de ontem, já havia abrangido seis pessoas no albergue das Legiões, no Setor Norte Ferroviário da cidade. Segundo Edite Teixeira França, da Superintendência de Apoio à Família, o objetivo desse trabalho é retirar as pessoas do seu trabalho e à sua família, "pois elas não atenderam mais nenhum tipo de contato ou perigo às pessoas que as rodeiam". (Laurence Noleto)

GOIÂNIA

Irresponsabilidade (atômica) sem



Césio 137, o que é?

O césio, cujo símbolo químico é Cs, é um metal leve, macio, branco-prateado, pertencente ao grupo de metais alcalinos. Foi descoberto em 1861 pelos alemães Gustav Kirchhoff e Robert Bunsen, numa experiência em que utilizaram 40 toneladas de água mineral de Dürkheim, precipitaram os outros metais alcalinos como carbonatos e evaporaram o líquido. A análise espectroscópica do sólido residual apresentou duas faixas azuis celestes com brilhos diferentes das já conhecidas. Tal fato indicou tratar-se de um elemento novo que foi batizado com o nome da cor identificada (verde-azulado).

A crosta terrestre contém césio na

proporção de cerca de sete partes por milhão. O metal tem sido empregado como propelente iônico em foguetes, porque se ioniza (perde elétrons) facilmente e porque seus íons são pesados. Os íons do césio podem ser usados como indutores elétricos. O metal reage violentamente com a água e funde aproximadamente a 28,5° C e pressão normal. Com água morria explosivamente.

O césio hoje é utilizado como cronômetro atômico, nas células eletrônicas, nos catalizadores de hidrocarbonetos em reações orgânicas e na produção de foguetes. Um isótopo radioativo — o césio 137 — ocorre com consequência de explosões nucleares.

Pavor: uma mistura de medo e desinformação

A cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, amanheceu ensolarada e quente no dia 27 de setembro deste ano. A população dirigiu-se ao Autódromo Leônidas Godoy para ver de perto as estrelas do Grande Prêmio Brasil do Campeonato Mundial de Motociclismo, no qual o próprio governo do estado havia investido uma grande soma de dinheiro para promover a imagem de Goiás em todo o mundo.

Enquanto isso, nas proximidades do Setor Aeroportuário, um dos bairros centrais da cidade, uma família dava o alerta de que havia sido contaminada pela radioatividade proveniente de uma capsula de Césio-137. Os jornais deram uma pequena nota, sem alarme. Dias depois, o mundo inteiro ficou sabendo que Goiânia havia sido vítima de um dos maiores acidentes atômicos de que se tem notícia e a cidade teve sua imagem promovida internacionalmente. So que era pressina.

Mesmo não levando em conta o risco de contaminação a que ficaram sujeitas as pessoas, que assistiram e foram para outras cidades e outros países, o dia-a-dia daqueles que moram na capital de Goiás também tem sido uma pequena mostra do que pode ser o inferno na Terra. No entanto, são poucos os habitantes que têm acesso as informações completas, e sem retoques, da gravidade da situação. Tom Alves, residente no bairro

dos Ferroviários, perto do Setor Aeroportuário, é um deles.

Tom Alves já passou pelo contador Geiger, "com apreensão", e não está contaminado. No entanto, recorda-se muito bem do pavor estampado nos olhos de uma mulher, na mesma fila que ele, que havia se prontificado a ser examinada porque era amiga de uma das famílias infectadas. Na hora de passar pelo contador, teve medo e gritou. Outras pessoas a forçaram a passar pelo exame. Ela alega que não podia, que tinha medo de estar doente e que tinha muito medo de fazer em casa. Finalmente, o contador Geiger constatou que seu grau de contaminação era muito alto e que devia ser recolhida. O que tinha que fazer em casa deveria esperar. Talvez para sempre.

Ninguém suporia que Goiânia poderia vir a ser palco de um cenário ficcional. No entanto, no caso desta capsula de Césio-137, inadvertidamente aberta por pessoas que a roubaram de um hospital abandonado, só há ciência e nenhuma ficção. Há também negligência, irresponsabilidade e uma total incapacidade por parte das autoridades brasileiras em garantir a segurança e a sobrevivência da população em nome da qual governa.



Tom Alves, residente no Bairro dos Ferroviários, ficou perplexo. "Nós conseguimos estar acontecendo em Goiânia".

"A primeira sensação que tive ao saber da notícia", recorda Tom Alves, "foi de total perplexidade. Eu não conseguia acreditar que tudo aquilo pudesse estar acontecendo em Goiânia. É não é a primeira vez. Há cerca de dois anos, o aparelho de radiografia do INAMP, no bairro de Campina, teve um vazamento. So que o acidente foi de proporções menores e quase ninguém ficou sabendo."

Assim, é a segunda vez que Goiânia moderniza-se a ponto de ameaçar seus habitantes com contaminação atômica. Enquanto isto, o que existe é uma perigosa paisagem de desinformações, com boletins oficiais que amenizam uma situação aterrorizadora, que já alertou o mundo inteiro. Quem tenta dar ao fato suas reais proporções não chega aos meios de comunicação para "não criar pânico". Os diretores acadêmicos da Universidade Federal de Goiás preparam comunicados à população e os pregam em postes e paredes. Quase ninguém presta atenção.

E assim, o perigo parece aumentar. Farte da caixa onde estava a capsula do Césio-137, também contaminado, foi vendido como ferro velho a um morador do interior do estado. Ninguém sabe quem ele é nem onde mora. É o correio Capim Puro, que sai da área mais contaminada, atravessa toda a cidade. Estima-se que um terço da população da cidade (de aproximadamente um milhão de habitantes) já está contaminada. Só o futuro dirá exatamente o que está acontecendo agora. (Alexandre Ribondi)

Figura 5 – Capa do Caderno ApArte do jornal Correio Brasiliense: "Novela perde para as notícias de tragédia", apenas para ilustrar a repercussão do acidente. 11.10.1987

Outros trechos dessas matérias iniciais são irônicos e revelam ingenuidade e certa irresponsabilidade. Por exemplo, a correlação com Chernobyl. Poucos foram os acidentes envolvendo a energia nuclear que isolaram uma imensa área geográfica de vários países da Europa, possuindo até hoje e por várias décadas, áreas ainda isoladas na Ucrânia, como proporcionou o acidente com a Usina Nuclear de Chernobyl, aqui relatado pelo *Correio Braziliense*¹⁹: “*A União soviética confirmou ontem a ocorrência de um acidente na usina atômica de Chernobyl, a “130” quilômetros ao norte de Kiev, na região Oeste do país, que danificou um reator nuclear. A informação foi dada pela agência Tass, horas depois dos governos da Suécia, Finlândia e Dinamarca afirmarem que uma nuvem de material radioativo estava atingindo a região desde sábado*”.

Porém, mesmo depois desse acidente de grandes proporções, a relativa ingenuidade da época ainda permitia comentários como este²⁰: “*Garanto que se a GM lançasse um carro com um microreatorzinho, movido a energia nuclear, todo mundo passaria a apoiar a pesquisa*”, afirmou o engenheiro nuclear Sérgio Mundim, que participou da elaboração do programa paralelo de pesquisa nuclear, como pesquisador da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN).” Ironicamente, esse comentário foi impresso nas páginas do *Correio Braziliense*, em Brasília, um dia antes de os catadores de lixo recolherem a peça contendo o cézio 137, em Goiânia. A ingenuidade beira a irresponsabilidade, devido à posição de especialista na área ocupada pelo técnico, o que lhe confere uma posição de autoridade ou “lugar de fala”.

Segundo Franz Amaral²¹, o conceito de lugar de fala dentro do jornal “parte da noção de que os jornais se transfiguram para falar a diferentes leitores por motivos tanto mercadológicos como comunicacionais. Os jornais de referência e os ligados ao segmento popular falam de lugares diferentes, concedem espaços variáveis às vozes oficiais e populares em suas páginas e seus discursos são aceitos em lugares diversos”.

Continua a matéria: “*A observação de Sérgio é uma das várias que vem sendo feitas desde que na sexta-feira, 4 de setembro, o presidente José Sarney, anunciou que o*

¹⁹ *Soviéticos confirmam acidente em usina nuclear – Correio Braziliense*, terça-feira, 29 de abril de 1986. Caderno Internacional, p. 8.

²⁰ *Técnico faz defesa da pesquisa nuclear. Correio Braziliense*, segunda-feira, 14 de setembro de 1987. Sub-títulos: Projeto oficial vai ser mantido. A energia vem da fissão. Box: Comparação entre os processos de enriquecimento de urânio. Economia. p. 7

²¹ Márcia Franz Amaral. Lugar de Fala: Um Conceito Para Abordar o Segmento Popular da Grande Imprensa. *II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. 26 e 27.11.2004. Salvador---p. 1

Brasil já domina a tecnologia do enriquecimento do urânio, pesquisada num programa paralelo que em sete anos 37 milhões de dólares, enquanto o programa oficial, da Nuclebrás, em 12 anos gastou 350 milhões de dólares – sem obter resultados. Segundo o técnico, enquanto não houver outro tipo de energia, a nuclear é a mais possível e eficaz para substituir a energia hídrica”.

A sincronicidade dessa matéria é peculiar: tanto a “observação” do especialista quanto a preocupação do governo naquele tempo demonstram a relação das pessoas com a energia nuclear. Com a mentalidade de época, espanta que o número de acidentes não tenha sido exponencialmente maior. Até mesmo o gasto governamental oficial, quase dez vezes maior que em um programa paralelo, sem obtenção de nenhum resultado em um tempo de severa crise econômica, destaca certa irresponsabilidade conjugada a uma visão romântica daquele tipo de energia, exemplificada nas palavras do técnico, que iria formar o caldo de cultura para a eclosão de um acidente como o do césio 137.

Soviéticos confirmam acidente em usina nuclear

Fuísse vizinhos denunciam perigo de nuvem radioativa. Não se sabe o número de feridos

MOSCÚ, 9 de maio (AP) - O acidente nuclear em Chernobyl, na Ucrânia, confirmou-se nesta quarta-feira, quando autoridades soviéticas admitiram que a usina de energia nuclear estava em funcionamento quando ocorreu o acidente.

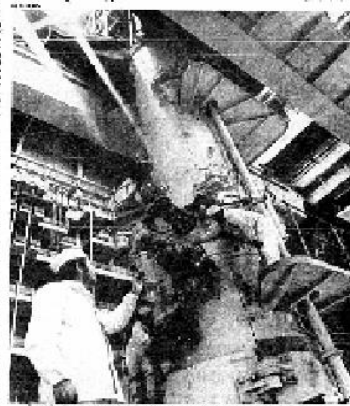
Os funcionários da usina de Chernobyl, na Ucrânia, admitiram nesta quarta-feira que a usina estava em funcionamento quando ocorreu o acidente.

Os funcionários da usina de Chernobyl, na Ucrânia, admitiram nesta quarta-feira que a usina estava em funcionamento quando ocorreu o acidente.

Os funcionários da usina de Chernobyl, na Ucrânia, admitiram nesta quarta-feira que a usina estava em funcionamento quando ocorreu o acidente.

Os funcionários da usina de Chernobyl, na Ucrânia, admitiram nesta quarta-feira que a usina estava em funcionamento quando ocorreu o acidente.

Os funcionários da usina de Chernobyl, na Ucrânia, admitiram nesta quarta-feira que a usina estava em funcionamento quando ocorreu o acidente.



Os funcionários da usina de Chernobyl, na Ucrânia, admitiram nesta quarta-feira que a usina estava em funcionamento quando ocorreu o acidente.

Ricos debatem terror e comércio em Tóquio

Os ricos de Tóquio debatem o terror e o comércio em Tóquio. O acidente nuclear em Chernobyl gerou preocupação entre os ricos de Tóquio.

Austriacos dão 7% de vantagem a Waldheim

Os austriacos dão 7% de vantagem a Waldheim. O candidato Waldheim venceu as eleições presidenciais na Áustria.

Marcos usa conversa com Reagan

Marcos usa conversa com Reagan. O presidente Marcos aproveitou a conversa com o presidente Reagan para promover sua imagem.

EUA reafirmam presença na Ásia

As EUA reafirmam presença na Ásia. O Departamento de Estado dos EUA afirmou que os Estados Unidos manterão sua presença na região da Ásia.

Frância prende chefe da FTA por atentado

A França prende chefe da FTA por atentado. O chefe da Frente Nacional foi preso em conexão com um atentado.



Alcides Buarque de Gusmão, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Advertisement for a company or organization, featuring a logo and text.

Large advertisement block with multiple columns of text, likely a recruitment or public notice.

Advertisement for 'FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE BRASÍLIA' with contact information.

Advertisement for 'TORRE VEICULOS S.A.' with details about vehicle services.

Advertisement for 'IMBARI' with text and a logo.

Figura 06 - Matéria jornal Correio Braziliense: "Soviéticos confirmam acidente em usina nuclear."

Contudo, acidentes como Chernobyl na ex-URSS, Three Miles Islands, nos EUA, também expõem essas características inerentes ao se lidar com este tipo de

energia, e, solidariamente, não estão imunes, apesar de sua espetacularidade e especificidade, ao fenômeno *memória-silêncio-esquecimento*²².

No caso da usina soviética, como já dissemos, a proximidade no tempo, proporcionou ligações entre Chernobyl e Goiânia. A manchete “Goianobyl - O Chernobyl do Pequi”, estampada no Caderno de Cultura do jornal²³, demonstra bem isso. Conectando, em poucas e destacadas linhas, o pior acidente mundial com uma usina nuclear ao pequi - prato regional característico da cozinha goiana -, ao mesmo tempo em que desvela as tragédias do acidente, trata-as com o desdém e a ironia característicos desta parte do periódico. São duas páginas inteiras dedicadas ao acidente com o césio 137, contendo desde explicações sobre do que se trata, o elemento da tabela periódica césio 137, até uma vasta informação sobre por que a novela perde para as notícias da tragédia, além de outra matéria focar o pavor, como uma mistura de medo e desinformação e outra demonstrar como as vítimas discriminadas formam uma legião de marginalizados.

A matéria do dia 11 de outubro de 1987, intitulada Goianobyl, “O Chernobyl do pequi”, ficou dividida em dois subtítulos: “Novela perde para as notícias da tragédia” e “Pavor: uma mistura de medo e desinformação”. Como já relatamos, ao mesmo tempo em que desvela as tragédias do acidente, trata-as com desdém e ironia. Na realidade, usa a técnica de relator segundo a qual a notícia não cumpre só o papel de informar, mas também o de criticar e desmitificar o discurso oficial do governo e autoridades e, para isso, ironiza e acontecimento e provoca em quem lê medo e pavor. Para a ideologia do medo, do pânico, do preconceito, veiculada no interior da matéria, vejamos o trecho abaixo:

“Mesmo não levando em conta o risco de contaminação a que ficaram sujeitas as pessoas, que assistiram e foram para outras cidades e outros países, o dia-a-dia daqueles que moram na capital de Goiás também tem sido uma pequena mostra do que pode ser o inferno na terra. No entanto são poucos os habitantes que têm acesso às informações completas, e sem retoques, da gravidade da situação ”.

Nesse trecho da matéria, o autor sugere que a população deveria ficar isolada para não espalhar a contaminação para outros lugares e que as informações vinculadas

²² Michel Pollak. Idem.

²³ O Chernobyl do Pequi. *Correio Braziliense*. 11.10.1987. Caderno ApArte. p. 6 e 7.

sobre o acidente eram camufladas e superficiais, não informando o real perigo e a extensão do acidente.

Também nessa mesma matéria, é usado o recurso do depoimento de um morador, Tom Alves, residente próximo ao bairro onde se iniciou a contaminação. Ele relata a onda de preconceito que sofreram as pessoas que tiveram contato direto com o equipamento e todos que se submeteram às longas filas para realizar o exame que detectaria o grau de contaminação. Tom Alves relata o pavor e a apreensão das pessoas que se encontravam na fila para realizar o exame.

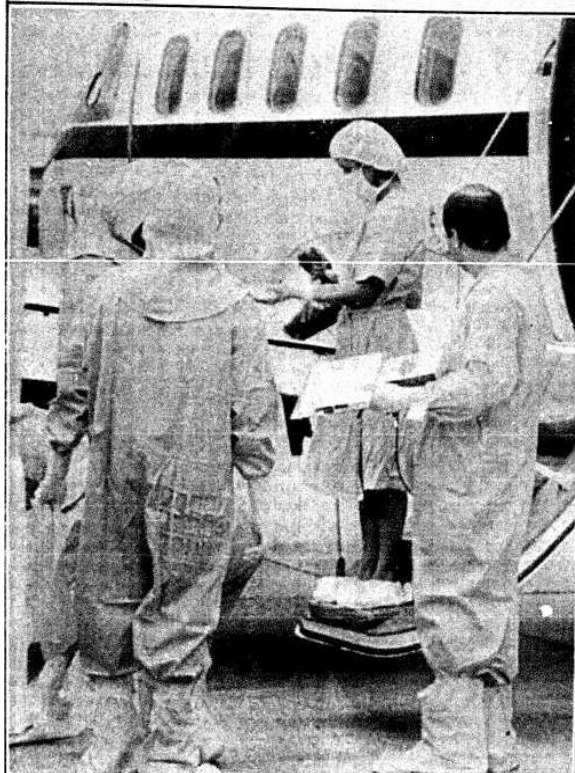
“Tom Alves já passou pelo contador Geiger, ‘com apreensão’, e não estava contaminado. No entanto, recorda-se muito bem do pavor estampado nos olhos de uma mulher, na mesma fila que ele, que havia se prontificado a ser examinada porque era amiga de uma das famílias infectadas. Na hora de passar pelo contador, teve medo e gritou. Outras pessoas a forçaram a fazer o exame. Ela alegou que não podia, porque tinha medo de estar doente e que tinha muita coisa para fazer em casa. Finalmente, o contador Geiger constatou que seu grau de contaminação era muito alto e que ela deveria ser recolhida”.

Demonstram-se aqui a falta de organização e, principalmente, de sensibilização dos técnicos mesmo na hora de fazer o exame, com pessoas potencialmente contaminadas colocadas ao lado das não contaminadas, e de pessoas detectadas com alto grau de contaminação “recolhidas” imediatamente, sem ao menos poder buscar os seus pertences pessoais. O relato, realizado dessa forma, provocava ainda mais a insegurança e o medo nos leitores: além de qualquer um poder estar contaminado, havia a incerteza de como seriam tratadas diante de um diagnóstico positivo.

Os recursos visuais usados para ilustrar a matéria também contribuem para disseminar o medo, como as gravuras destacadas logo no início da matéria com as legendas: “A realidade imita a ficção e não é um filme e a FAB não está indo à lua” e a principal: “Imagem como essa parece ser de Chermobyl, mas é de Goiânia”.

O Chernobyl do pequi

WILLIAM MOURA/AG



A realidade imita a ficção científica. Não é um filme e a FAB não está indo à lua

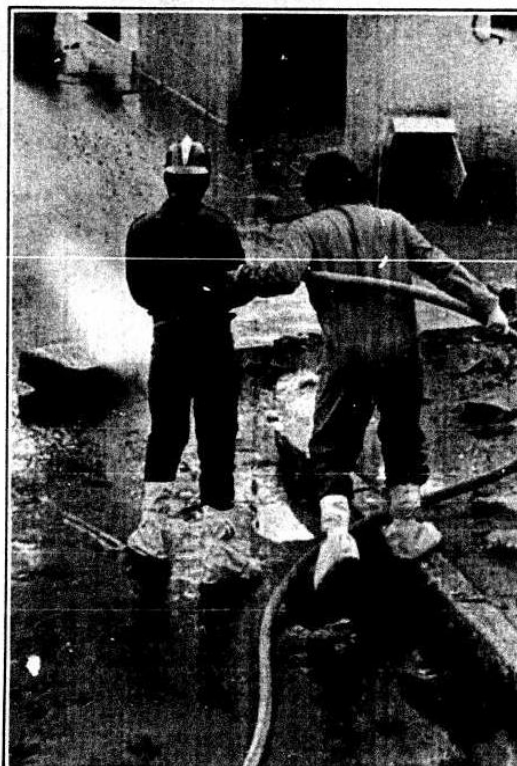


Imagem como essa parece ser de Chernobyl, mas é de Goiânia

Os impactos destas imagens são com certeza muito fortes. O mundo estava assustado com o recente acontecimento de Chernobyl, a população de Goiânia jamais poderia imaginar que poderia viver esse drama e a matéria a remete àquela realidade tão distante, criando um cenário de incertezas e apreensão.

*“As piadas e histórias sobre o Césio 137 – o material radioativo que estava dentro da cápsula arrombada – tomam conta da cidade. Tudo gira em torno do acidente. Não se fala em outra coisa. Muitos com medo e até saindo da cidade. Mas a maioria levando uma vida aparentemente normal. Logo cedo, nas ruas, as pessoas se aglomeram em frente às bancas de jornais, para saber as novidades. À noite, em casa, os goianos conseguiram uma outra proeza, os noticiários da televisão têm uma audiência muito maior que O Outro, a novela global”.*²⁴

Na segunda página do jornal desse dia, lemos sobre como o câncer levou estrelas 30 anos depois do contágio e uma matéria com o curioso título “Haja átomo para engolir tudo isso”, abordando o *non-sense* do acidente. Isso depois de abrir espaço ao

²⁴ O Chernobyl do Pequi. *Correio Braziliense*. 11.10.1987. Caderno ApArte. p. 6.

técnico que fazia a defesa da energia nuclear que apresentamos anteriormente, enfocando o mito da energia segura e limpa: “*Garanto que se a GM lançasse um carro com um microreatorzinho, movido a energia nuclear(...)*”

É fato que a imprensa cometeu vários erros ao lidar com o tema, completamente fora da pauta. O primeiro e mais constrangedor já de início foi tratar o acontecimento como algo a princípio sem importância e, portanto, digno de piada. Chamar o Acidente com o Césio de *Goianoby*²⁵ foi uma das armadilhas em que a mídia caiu, neste caso o próprio *Correio Braziliense*, talvez inspirado por fato coberto no ano anterior, o acidente com a usina nuclear soviética²⁶.

Mais adiante o jornal se corrige, por assim dizer, forçado pelos acontecimentos, ao ter de noticiar o pedido de socorro internacional emitido pelo governo brasileiro:



**País pede ajuda
contra radiação**

Estados Unidos, União Soviética, Alemanha Ocidental e Argentina já se comprometeram com o Brasil em auxiliar no tratamento às vítimas da radiação do mineral Césio-137, no acidente ocorrido semana passada em Goiânia. O Governo brasileiro solicitou ajuda à Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), com sede em Viena, a pedido do presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear — CNEN, Rex Nazaré. Segundo o porta-voz interino do Itamarati, Marco Antônio Brandão, o especialista argentino Juan Carlos Jimenez já está a caminho do

Brasil e médicos de outros países deverão chegar nos próximos dias. Mais duas pessoas deverão ser transferidas para o Rio de Janeiro, por recomendação da equipe da CNEN, para receber tratamento no Hospital Naval Marcílio Dias. Edson Fabiano, vizinho de Devair Alves Ferreira, o dono do ferro-velho onde a cápsula radiativa ficou durante alguns dias e um empregado dele, Lucimar das Neves, vão se juntar às demais vítimas internadas no Rio. Até agora, somam 49 as vítimas internadas no Hospital-Geral em Goiânia e no Rio de Janeiro. **Página 13**

²⁵ Idem. Matéria publicada no Caderno ApArte, no dia 11 de outubro de 1987, p. 6 e 7

²⁶ Idem. Matéria publicada na Seção Internacional no dia 29 de abril de 1986, p. 8.

"Brasil será o país dos compulsórios"

O Governo já decidiu criar vários novos empréstimos compulsórios para compensar, retirando do bolso do contribuinte, aqueles 10 por cento da receita da União que serão transferidos pelos constituintes para os cofres dos estados e municípios. "Este será o País dos compulsórios" — avisou ontem uma alta fonte governamental, argumentando que o Governo Federal perderá receita, mas continuará praticamente com os mesmos encargos que tem hoje, em termos de despesas e investimentos. Afirmou que, para compensar essa perda de recursos, sem a criação de novos empréstimos, seria preciso duplicar a taxa do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), elevando-os a um nível insustentável. Na área econômica do Governo, já se considera inevitável a aprovação do projeto de reforma tributária. O Governo admite que, no passado, a centralização excessiva levou a dificuldades estaduais e municipais a um estado de penúria quase absoluta, mas considera a atual reação como fruto de um "emocionalismo" impensado. **Página 9**

HOJE

CORREIO BRAZILIENSE
A edição compõe-se de 24 páginas, assim distribuídas:
Opinião 2
Política 3 e 6
Economia 8 a 12
Abastecimento 11
Nacional 13 e 14
Internacional 15 e 16
Esporte 17
Cidade 18 a 20
Policia 21
Artes 22 a 27
Televisão 28
E mais o Caderno de Classificados com 6 páginas.

Preço desta edição: Distribuição Federal/Geopostômica e Gólia Cr\$25,00. Outros Estados Cr\$25,00.

TELEMANHÃ

O ex-ministro da Justiça, deputado Fernando Lyra; o ex-ministro da Agricultura, deputado Aloysio Sotero; e o relator-adjunto da Comissão de Sistematização da Constituição, deputado Nelson Jobim, são os convidados do Telemanhã de hoje, a partir das 7h30 na TV Brasília.

OPINIAO

A página de Opinião do CORREIO, com nova apresentação gráfica, a partir de hoje está em área mais nobre do jornal. **Página 2**

ENCOL

No concurso anual realizado pela revista Exame, da Editora Abril, em que são analisadas as performances das 500 maiores empresas nacionais, em cada um dos 31 setores de atividades da economia, a construtora e incorporadora Encol de construção civil, dentro de uma maior e melhor empresa de construção civil, dentre as 31 empresas escolhidas, somente seis foram simultaneamente as melhores em desempenho e maiores em faturamento: Souza Cruz, Perobrás, Sotero, Massey Perkin e a Encol. A entrega da laurea ocorreu no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo, com a presença do presidente José Sarney.

Caderno de Classificados de Serviços

Páginas: 06
Anúncios: 1.893
SEÇÕES EDITORIAIS
Mercado Aberto
Agricultura e Pecuária
Cursos e Concursos
E mais
Previsão do Tempo
Vagas do Sim

Aviação do Iraque ataca petroleiro

O maior navio petroleiro do mundo, o "Seawise Giant", de 364 mil toneladas, foi atacado ontem pela aviação iraquiana perto do terminal petroleiro iraniano de Larak, no estreito de Ormuz. O navio, de bandeira libanesa, mas com serviço do Irã, recebeu o impacto de um míssil e tiros de metralhadora, mas os danos não foram grandes. Barcos iraquianos interceptaram um cargueiro dinamarquês e um helicóptero norte-americano caiu no mar, matando um dos quatro tripulantes que realizavam uma operação de rotina. **Pág. 16**

Começa a paz na Nicarágua

O exército da Nicarágua começou ontem a se retirar de várias frentes em atenção à determinação de cessar-fogo decretado pelo governo do presidente Daniel Ortega e que começa a vigorar oficialmente à meia-noite de hoje. A medida é consequência do acordo de paz assinado a 7 de agosto na Guatemala para ser inteiramente cumprido até 7 de novembro. **Página 15**

ADELINO DE PAULA/SECOM



Técnicos examinam sacos especiais contra radiação

MARCOS MENINQUE



O presidente do PMDB discutiu durante mais de duas horas a crise política com Sarney no Palácio da Alvorada, na noite de ontem

Ulysses acha que Sarney resgata plano do PMDB

E elogia esforço do Presidente na busca do entendimento

LOISATAK/ANGELAN



Bresser ouviu queixas e falou sobre macroeconomia no encontro com empresários

Convocado pelo presidente José Sarney, que telefonou para seu gabinete na Câmara dos Deputados, o deputado Ulysses Guimarães teve ontem à noite um encontro de duas horas e meia com o chefe de Governo e saiu do Palácio da Alvorada aparentemente convencido de que o novo pacto político tem muito a ver com o programa do PMDB. "É um documento amplo, abrangente, com aspectos fundamentais que são compromissos, principalmente, do PMDB", disse Ulysses, acrescentando ainda que o pacto que o Presidente pretende montar com base em um programa mínimo de governo "contém compromissos que ainda não foram resgatados do documento original da Aliança Democrá-

ca, desde que com a renúncia unilateral do PFL". Ulysses fez questão de dizer que não conversou sobre reforma ministerial com Sarney, mas não poupo elogios ao Presidente que "está agindo com a prudência e a cautela necessárias para a busca do entendimento". Ontem o presidente da República nomeou o secretário-geral do Ministério da Educação, Aloysio Sotero, como ministro interino, exonerando ao mesmo tempo o senador Jorge Bornhausen do cargo. Trabalhadores rurais, minifundiários e sem-terra aglutinaram o dia ontem em duas manifestações, uma em frente ao Congresso e outra no Ministério da Agricultura, em favor da reforma agrária. **Páginas 3 e 6**

Autolatina recua e retoma vendas

A partir de hoje, a Autolatina, empresa holding formada pela Ford e Volkswagen, deverá retomar o fornecimento de veículos para o mercado interno, de acordo com promessa feita ontem por telefones pelo seu presidente, Wolfgang Sauer, ao ministro da Fazenda, Bresser Pereira. Desde a última quinta-feira a Autolatina havia interrompido o fornecimento, numa tentativa de pressionar o Governo a autorizar novo aumento nos preços de veículos. Com es-

sa promessa, o ministro da Fazenda acabou concordando em receber hoje representantes do setor automobilístico, entre eles o próprio Sauer, quando deverá ser discutido o pedido de novo aumento para os automóveis. Segundo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores — Anfavea, André Beer, as indústrias vão propor reajustes regulares, a intervalos não inferiores a 30 dias e sem prévia consulta ao CIP. Ontem, numa au-

dência pública com cerca de 800 empresários, organizada pelo Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), em São Paulo, o ministro Bresser Pereira ouviu queixas e apreensões e tentou explicar as linhas macroeconômicas do Governo. **Página 8**
● A Sunab divulgou ontem o listão (regionalizado) com os 64 produtos e 387 itens tabelados. Desse total, 15 produtos tiveram preços reajustados e oito arredondados. **Página 11**

País pede ajuda contra radiação

Estados Unidos, União Soviética, Alemanha Ocidental e Argentina já se comprometeram com o Brasil em auxiliar no tratamento às vítimas da radiação do mineral Césio-137, no acidente ocorrido semana passada em Goiânia. O Governo brasileiro solicitou ajuda à Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), com sede em Viena, a pedido do presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear — CNEN, Rex Nazare. Segundo o porta-voz interno de Itamarati, Marco Antônio Brandão, o especialista argentino Juan Carlos Jimenez já está a caminho do

Brasil e médicos de outros países deverão chegar nos próximos dias. Mais duas pessoas deverão ser transferidas para o Rio de Janeiro, por recomendação da equipe da CNEN, para receber tratamento no Hospital Naval Marcellino Dias. Edson Fabiano, vizinho de Dewair Alves Ferreira, o dono do ferro-velho onde a cápsula radiativa ficou durante alguns dias e um empregado dele, Lucimar das Neves, vão se juntar às demais vítimas internadas no Rio. Até agora, somam 49 as vítimas internadas no Hospital Geral em Goiânia e no Rio de Janeiro. **Página 13**

Brasília é a 3ª em separações

Brasília não é a capital nacional dos desquilés e divórcios como se imaginava até então. Perde para São Paulo e Mato Grosso do Sul se comparados o número de processos e população residente, conforme se constata no Anuário Estatístico de 1986, que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) acaba de lançar. No DF registraram-se apenas 840 casos para cada 100 mil habitantes, enquanto que em São Paulo ocorreram 1 mil e 27 casos e no Mato Grosso do Sul, 955. A separação consensual domina a preferência dos casais. **Página 18**

MARCOS MENINQUE



Trabalhadores rurais se manifestam em frente ao Congresso

Figura 07 – Destaque pequeno de capa Correio Braziliense: "País Pede Ajuda Contra Radiação"

Porém, pode-se constatar que, apesar de ser capa de jornal, essa mudança de rumo é colocada ao pé da página, sem o destaque das anteriores²⁷. O que poderia ser tido como uma mera coincidência, no âmbito de uma redação, é fruto de decisões técnicas e políticas, de acordo com cada momento por que passa o ambiente organizacional de um meio de comunicação de massa.

Como se pode verificar no teor da matéria publicada internamente, o pedido de ajuda foi feito à Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), e quatro países – Estados Unidos, União Soviética, Alemanha e Argentina –, já haviam se comprometido a ajudar o governo brasileiro²⁸.

Apesar desse pedido, a responsabilidade governamental não pode ser descartada no episódio da exposição, praticamente pública, da cápsula de césio 137. “*Ipasgo sabia do perigo, diz PM*”²⁹, é o título da matéria do *Correio Braziliense* publicada no dia 11 de outubro de 1987. Informa: “*Os policiais militares Raimundo Nonato da Silva (cabos) e José Marques (soldado) que no dia 4 de maio último estiveram na sede desocupada do Instituto Goiano de Radioterapia para impedir a retirada de material a pedido do Ipasgo, depuseram no inquérito que está sendo realizado pela Polícia Federal e confirmaram o fato, acrescentando que o funcionário do Ipasgo que chamou a PM, disse que a peça não podia ser retirada porque era **radioativa***” (grifo nosso).

Além disso, na página nacional, onde a manchete é “Goiás define a área para depósito do ‘lixo’”, outra matéria complementa essa constatação: “Físico vê incompetência”³⁰: “O acidente com a bomba de césio em Goiânia foi comparado ontem, aos casos de contaminação de Aids em bancos de sangue e aos de infecção hospitalar, que demonstram ‘a incompetência das autoridades’. A comparação foi feita pelo físico Luiz Pinguelli Rosa, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Física da Universidade do Rio de Janeiro, em debate realizado na Auditório da Faculdade de Educação da UFG. Luiz Pinguelli fez duras críticas também ao fato de a CNEN estar subordinada ao Conselho de Segurança Nacional, dizendo que ‘quem aloca verbas, define os rumos’ e disse que o general Bayma Dennis, chefe do Gabinete Militar da

²⁷ *Pais pede ajuda contra radiação – Correio Braziliense*, terça feira, 6 de outubro de 1987. Capa.

²⁸ *Pais pede ajuda contra radiação – Correio Braziliense*, terça feira, 6 de outubro de 1987. Caderno Nacional. p. 13.

²⁹ *Ipasgo sabia do perigo, diz PM – Correio Braziliense*, sábado, 17 de outubro de 1987. Caderno Nacional. p. 14.

³⁰ *Físico vê incompetência – Correio Braziliense*, sábado, 17 de outubro de 1987. Caderno Nacional. p. 14.

Presidência da República, deveria responder pela CNEN, uma vez que a finalidade mais clara do programa nuclear brasileiro era ‘a fabricação de um submarino nuclear’. Pinguelli lembrou que o programa era “fechado”, com “contas secretas” e “executado pela Aeronáutica e Marinha”. A Serra do Cachimbo cogitada para ser depósito do lixo radioativo de Goiânia foi lembrada pelo físico também, mas como local onde, há alguns meses, “foram descobertas perfurações profundas cuja única finalidade imaginável seria a explosão de um artefato nuclear”.

Continua a matéria: *“A responsabilidade pela fiscalização do equipamento de radioterapia de onde foi furtada a fonte de césio-137 era da Secretaria da Saúde, segundo informações prestadas pela Polícia Federal em Goiás, pela CNEN, via telex, em resposta a uma série de questões que a polícia queria esclarecer para o devido enquadramento das partes envolvidas e tipificação das responsabilidades de cada uma. Segundo informação divulgada ontem pelo DPF, o telex da CNEN aponta o decreto 77.052, como base de atribuições relativas aos equipamentos radioativos de medicina. Segundo esta informação, a CNEN aprova a planta do local (do) projeto, mas cabe à Secretaria de Saúde do Estado a fiscalização. Com base nas informações recebidas da CNEN, a Polícia Federal já concluiu, inclusive, que o novo equipamento do Instituto Goiano de Radioterapia, em sua nova sede, não poderia estar funcionando, porque não foram cumpridas todas as etapas exigidas pela legislação. Outra informação recebida pela CNEN é que o IGR não comunicou a desativação da bomba de césio. No telex, a CNEN informou ainda que no dia 30 de setembro último (quando foi descoberto o acidente em Goiânia), vence o prazo que o Instituto Goiano de Radioterapia tinha para encaminhar à CNEN o plano de radioproteção (renovado a cada ano)”*.

Outra matéria deste Caderno conta como um dos mais frequentados hospitais da cidade tornou-se um estabelecimento de saúde fantasma. *Hospital já não atrai pacientes* - inicia relatando que, *“Em que pese a decisão dos funcionários do Hospital Geral do Inamps retornarem ao trabalho, depois que receberam, assinado pelos coordenadores da CNEN, um documento em que eles garantem que não há nenhum risco de serem contaminados pela presença de pacientes em tratamento contaminados pelo césio-137, eles praticamente não estão trabalhando: faltam doentes”*.

Por fim, a matéria principal deste Caderno: *“Goiás define a área para depósito do “lixo” – Cemitério atômico fica perto da Rodovia BR-60 e a 25 km do Palácio do*

Governo, encena um enredo que ainda está ativo até hoje, voltou-se a falar em Abadia de Goiás como possível depósito de rejeitos radioativos provenientes das usinas nucleares. Antes da definição do local, todo um roteiro foi desenrolado para, finalmente, optar-se pela própria Região da Grande Goiânia para a construção do depósito definitivo.

Até na Serra do Cachimbo, no Pará, pensou-se como possível localização do depósito de rejeitos – os paraenses fizeram protestos e até foram a Brasília marchar diante do Congresso Nacional.

Goias define a área para depósito do "lixo"

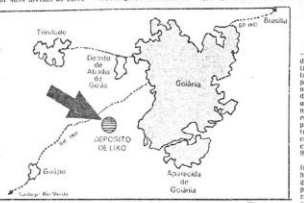
Cemitério atômico provisório fica perto da rodovia BR-60 e a 25 km do palácio do Governo

Da Sucramat
Goiania - Fica a margem da BR-60, na altura do quilômetro 25, entre Goiânia e Goiás, a área escolhida para o depósito do lixo atômico. A área, de 100 hectares, pertence ao Estado de Goiás e é administrada pela Sucramat. A área foi escolhida após estudos realizados pelo Estado de Goiás e a Sucramat, entidade responsável pela administração do lixo atômico no Brasil.

Qualquer que seja o destino, diz o coordenador da UNDA, José Manoel de Almeida, o Departamento de Engenharia Nuclear, a área escolhida para o depósito do lixo atômico é a mesma que foi escolhida para o depósito do lixo comum. A área é de 100 hectares e está localizada na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.



As áreas de concentração do lixo atômico são administradas pela Sucramat. A área escolhida para o depósito do lixo atômico é a mesma que foi escolhida para o depósito do lixo comum. A área é de 100 hectares e está localizada na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

Ipasgo sabia do perigo, diz PM

Goiania (Goiás) - O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

Sema levanta todas fontes de radiação

Goiania (Goiás) - O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

OBRAS
O lixo atômico será depositado em um cemitério atômico provisório. O cemitério atômico provisório será construído na margem da BR-60, a 25 km do palácio do Governo. O cemitério atômico provisório será construído em 1988 e terá uma capacidade de 100 leitos.

REACAO
O governador mais próximo do lixo atômico é o governador de Goiás, José Maranhão. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico. O governador de Goiás, José Maranhão, afirmou que o Estado de Goiás está pronto para receber o lixo atômico.

Hospital já não atrai pacientes
Goiania - Há seis meses que o Hospital de Doenças de Hospital Geral de Goiânia não recebe mais pacientes. O hospital, que foi construído há mais de 20 anos, está atualmente em estado de abandono. O hospital foi construído em 1965 e tinha uma capacidade de 100 leitos. Atualmente, o hospital não recebe mais pacientes e está em estado de abandono.

Vitima: Isto não é coisa de Deus
Goiania - Uma vítima de um acidente de trânsito morreu na noite de ontem. O acidente ocorreu na altura do quilômetro 25 da BR-60. O motorista do veículo não conseguiu evitar o acidente e acabou atropelando a vítima. A vítima morreu no local. O acidente ocorreu por falta de atenção do motorista.

PETROBRAS
PETROLEO BRASILEIRO S.A.

CONVÊNIO PETROBRAS-UFPA-CNPq-FINEP-FADEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
— MESTRADO E DOUTORADO EM GEOSFÍSICA —

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO
Geofísica Aplicada à Exploração e Hidrogeologia; direção para Geofísica de 1º, 2º e 3º Níveis; Meteorologia e Meteorologia Dinâmica.

CORPO DOCENTE
Professores do Departamento de Geofísica do Centro de Geociências da UFPA, com especialização em Geofísica Aplicada e Hidrogeologia.

CURSO DE NIVELAMENTO
Instituição: novembro de 1987. Fimizar depois da conclusão do curso de Nívelamento.

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
Instituição: novembro de 1987. Fimizar depois da conclusão do curso de Nívelamento.

CORRESPONDÊNCIAS
Departamento de Geofísica - CQ/UFPA
Campus Universitário do Guamá
Cama, Pará 66050-100
Fone: (081) 724-0859

PETROBRAS/SEDE/DICORISECON
Praça Marquês de São Carlos, 11 - 50160-000
Rio de Janeiro, RJ - 20031
Fone: (021) 250-4477 (língua 198)

OUTRAS ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO OPERADAS PELA UFPA
Física do Condensado
Geologia e Geofísica Mineral
Desenvolvimento de Instrumentação Geofísica Aplicada à Exploração Mineral e de Águas Subterrâneas. Para mais informações, consulte o Manual de Convênio UFPA-CNPq-FINEP-FADEP, em conformidade com o Documento de Geofísica - CQ/UFPA, em anexo ao presente Convênio.

EMPRESAS DO GRUPO HASPA COMUNICADO

Haspa habitação São Paulo S/A de Crédito Imobiliário; Haspa - Incorporações, Administração e Sistemas S/A; Haspa Corretora de Câmbio e Valores S/A; e Haspa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S/A.

Todas em Liquidação Extrajudicial, por intermédio de seu liquidante, comunicam ao público interessado que, a partir do dia 19 do corrente mês, estarão em seu novo endereço:

Av. Ipiranga nº 952-75, 9º, 10º, 11º e 12º andares e cobertura - CEP 01040 - São Paulo-Capital.

São Paulo, 05 de outubro de 1987
CICERO DA COSTA
Liquidante

CAIXA
COMUNICADO
SORTEIO DA LOTERIA FEDERAL EM CURTUBA - PR

A Caixa Econômica Federal comunica que o sorteio da Loteria Federal em Curtuba - PR, realizado em 15 de outubro de 1987, terá o seguinte resultado:

O FORTE DA CAIXA É VOCÊ

BRB
Banco Real Brasileiro

AVISO AOS AÇÕES
O Conselho de Administração do Banco Real Brasileiro S.A. (BRB) comunica que o prazo para a apresentação de propostas para a aquisição de ações do BRB, inscritas no Livro de Registro de Ações, encerra-se em 15 de novembro de 1987.

Brasília, 17 de outubro de 1987.
JOSE

Figura 08 - Matéria Jornal Correio Braziliense: Goiás define a área para depósito de lixo, Brasília, 17 de outubro de 1987.

Acordo é iminente na Previdência

A greve da Previdência deverá ser suspensa ainda esta semana. Até amanhã, em todos os estados, serão realizadas assembleias para votação da contraproposta do Ministério da Previdência. Caso a contraproposta seja aceita, os previdenciaristas terão que voltar a trabalhar até o fim do mês. Mas 27 dias se reuniram, no entanto, para verificar se o governo cumpriu com o prometido. Caso o governo não tenha mantido o acordo, os grevistas retornam à paralisação.

A categoria, segundo a diretora da Federação Nacional das Associações dos Servidores da Previdência, Angélica Maria da Costa Araújo, considera a proposta do governo boa por dois motivos: atende às reivindicações salariais; garante o envio do plano de cargos e vencimentos ao Congresso Nacional para votação em regime de urgência.

As lideranças partidárias da Câmara já assinaram documentos em que se comprometem a apoiar a proposta do governo. Já foram aprovadas em plenário as resoluções durante a greve e pela aprovação do plano de cargos e vencimentos ao Congresso Nacional para votação em regime de urgência.

O plano de cargos, segundo Angélica Maria, contém algumas concessões à categoria, dentre elas, as seguintes: ingresso na carreira dos cursos somente através de concurso; oferecimento de vagas aos funcionários com o plano de aperfeiçoamento e ascensão prioritária; tabela salarial superior à atual.

Aids: Saúde não admite novo vírus

A diretora da Divisão Nacional de Doenças Sexuais e Venéreas, Angélica Maria da Costa Araújo, afirmou que não existe um novo vírus da Aids. Ela afirmou que a Aids é causada pelo vírus HIV. Ela afirmou que a Aids é causada pelo vírus HIV. Ela afirmou que a Aids é causada pelo vírus HIV.

O Brasil ainda não tem condições de isolar o vírus da Aids. Por isso, é difícil constatar a existência de cada tipo de vírus. A Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, está montando um laboratório para a detecção do vírus HIV e HIV II. Em breve, no Brasil, será possível, descobrir mais sobre a doença.

A informação sobre o novo vírus foi dada pelo diretor do Programa de Combate à Aids no Estado do Rio de Janeiro, médico Antônio Araújo, que retornou do Rio de Janeiro, onde participou de uma reunião do programa. Ele afirmou que duas pessoas de São Paulo, portadoras de um novo vírus, foram levadas para os Estados Unidos, a fim de se submeterem a exames.

Antônio Araújo disse que, dos 21 casos já constatados de Aids no Estado, 90 por cento dos pacientes já morreram. Com relação ao programa de combate à doença no RN, informou que a Secretaria de Saúde continua desenvolvendo palestras de esclarecimento à população, principalmente entre os jovens e adolescentes, nos colégios e quartéis, sobre os perigos de contaminação da Aids. Araújo disse ainda que o hospital Gáudio Trigueiro, na zona norte da cidade, está operando com um ambulatório com capacidade para cinco leitos, podendo ser aumentado para dez, caso a número de pacientes portadores de Aids aumente até o final do ano.

Cardeal prega a fidelidade

Puerto Alegre — O cardeal Vicente Scherer defendeu ontem a fidelidade conjugal como um preventivo eficaz para a Aids. Criticando os "recursos artificiais" indicados para a prevenção da doença, o cardeal disse que os cientistas têm equívoco "esse recurso simplista, sem fundamento científico, sem desfecho, sem resultado, sem eficácia, sem eficácia, sem eficácia". Para dom Vicente Scherer, a humanidade deveria respeitar a "lei natural", limitando "o uso da sexualidade ao matrimônio entre pessoas que se amam e consagram a vida um ao outro".

Embora lembrando que a origem da doença e a sua prevalência na disseminação estão na prática do "homossexualismo", o cardeal apelou à prevenção e auxílio das infelizes vítimas da doença.

Radiação: País pede ajuda internacional

Brasil recorre à AIEA um mês após anunciar que não aceitaria fiscalização



Os aparelhos radioativos instalados em Brasília obedecem a normas rígidas

Médico diz que não há risco em Brasília

No Distrito Federal, os equipamentos hospitalares utilizados na cura de tumores malignos são mantidos sob forte controle e segurança. Nem mesmo a troca das cápsulas de césio-137 e de cobalto-60 é feita pelos técnicos. Toda qualquer alteração nas salas de irradiação é comunicada à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CENEN) e, de acordo com o diretor-geral do Hospital de Base, Edno Magalhães, a possibilidade de um acidente nuclear com o que acontece em Goiânia pode ser descartada.

As duas principais unidades que usam equipamentos de irradiação em Brasília são a Medicina Nuclear e a Radioterapia do Hospital de Base. Ali se encontra um acelerador linear, uma bomba de cobalto, um aparelho de raios X-superfície e outro aparelho de raios X-terapia. Tudo o que acontece em Goiânia pode ser descartado.

As unidades são fiscalizadas semanalmente por dois físicos nucleares. Euclides do Carmo e Ronaldo Dayer — além de técnicos da CENEN. De acordo com o relatório da comissão se encontra com o secretário de Saúde, Laércio Valença. A mesma equipe realizou os dois cursos de treinamento e orientação para médicos e enfermeiros odontólogos e técnicos radiológicos, visando uma maior segurança no local.

Uma das hipóteses que será investigada pela Polícia Federal é a possibilidade de contaminação de mais pessoas pelo acidente com o aparelho de irradiação do Hospital de Base. Uma das hipóteses que será investigada pela Polícia Federal é a possibilidade de contaminação de mais pessoas pelo acidente com o aparelho de irradiação do Hospital de Base.

Este mundo também é seu!

senhor de suas vidas, e que acabam por ficar solitários, no escuro vazio do abandono, ao chegar a velhice. Pensamos nas crianças carentes, que têm toda uma vida de lutas pela frente. Pensamos nas crianças carentes, que têm toda uma vida de lutas pela frente.

Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida.

Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida.

Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida. Amor pode ser a vida.

O governo brasileiro pede ajuda à Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), em Viena, para o tratamento de pessoas afetadas por substância radioativa espalhada no acidente de Goiânia, ocorrido na semana passada. Até o momento, quatro países — Uruguai, Argentina, Chile e Alemanha Ocidental — já se comprometeram a auxiliar o Brasil no tratamento às vítimas contaminadas pela radiação do césio 137.

O especialista argentino Juan Carlos Jimenez já está a caminho do Brasil, enquanto se espera a vinda de outros médicos, inclusive um norte-americano. Essas informações foram prestadas ontem pelo secretário interno do Itamarati, Marco Antônio Brandão.

De acordo com o Itamarati, o pedido partiu do presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Rex Nazare, que esteve pessoalmente em Goiânia verificando o acidente. No fim de semana, Nazare se deslocou para Brasília, onde se encontrou com o diretor-geral da AIEA, Hans Blix, que já esteve em visita oficial ao Brasil, o Itamarati manuseia contêineres de césio-137 e de cobalto-60, que foram enviados ao Brasil para o tratamento das vítimas de Goiânia, que se encontram internadas no hospital de Goiânia, no Rio de Janeiro. E que com o Itamarati tem um programa de cooperação nuclear que prevê, entre outras medidas, a proteção radiológica e o estabelecimento de um programa conjunto para o tratamento de pessoas acidentadas por irradiação ou contaminação.

Um síndromo da contaminação pela radioatividade foi constatado com a maioria dos residentes na Rua 17, onde os residentes foram removidos para aquelas pensões e até internadas em hospitais. A área local para onde se transferiu para o tratamento de césio-137 e de cobalto-60, que foram enviados ao Brasil para o tratamento das vítimas de Goiânia, que se encontram internadas no hospital de Goiânia, no Rio de Janeiro. E que com o Itamarati tem um programa de cooperação nuclear que prevê, entre outras medidas, a proteção radiológica e o estabelecimento de um programa conjunto para o tratamento de pessoas acidentadas por irradiação ou contaminação.

Surpreendentemente, a presença dessas pessoas em suas casas, com móveis e utensílios domésticos que elas ainda possuem, não caracterizou este problema com a CENEN, que reuniu durante toda a semana, com representantes do governo e da comissão de irradiação, para discutir o acidente com o Itamarati. Participaram do encontro o diretor-geral da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Rex Nazare, o secretário de Saúde, Laércio Valença, e o diretor-geral do Hospital de Base, Edno Magalhães.

Um síndromo da contaminação pela radioatividade foi constatado com a maioria dos residentes na Rua 17, onde os residentes foram removidos para aquelas pensões e até internadas em hospitais. A área local para onde se transferiu para o tratamento de césio-137 e de cobalto-60, que foram enviados ao Brasil para o tratamento das vítimas de Goiânia, que se encontram internadas no hospital de Goiânia, no Rio de Janeiro. E que com o Itamarati tem um programa de cooperação nuclear que prevê, entre outras medidas, a proteção radiológica e o estabelecimento de um programa conjunto para o tratamento de pessoas acidentadas por irradiação ou contaminação.

Rejeito tem Parentes não aceitam vítimas para onde ir

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir. O governador Henrique Santillo anunciou que rejeita a proposta de transferência de vítimas de Goiânia para onde ir.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Uma notícia da Agência de Radiologia do Acidente de Goiânia chegou às primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. É a primeira vez que ocorre este tipo de acidente no Brasil, onde a única usina nuclear já instalada — Angra 1 — ainda não entrou em pleno funcionamento. O Itamarati, embora esteja acompanhando, através de embaixadas brasileiras no exterior, o noticiário publicado a respeito do acidente, não quis comentar a repercussão negativa para o Brasil. "Qualquer país está sujeito a sofrer um acidente radiológico", comentou um diplomata brasileiro em um comunicado. O caso de Three Mile Island, nos Estados Unidos, é mais recente também. Chernobyl, na União Soviética.

Contaminação atinge 4 setores

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Situação dos locais atingidos pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo. Localidades atingidas pelo acidente radioativo.

Figura 09 - Matéria Jornal Correio Braziliense: "País pede ajuda internacional."

Na matéria da página 56, chama atenção inicialmente a manchete secundária “Médico diz que não há risco em Brasília”³¹. Afirmar que no Distrito Federal impera “o forte controle e a segurança” no manejo das cápsulas radioativas. O detalhe irônico é que – como veremos abaixo – por conta do acidente de Goiânia, surgiu um clima de pânico no país e em Brasília, até por sua relativa proximidade. Na capital, o motivo ficou por conta de uma possível contaminação radioativa no Gama, cidade satélite do Distrito Federal, localizada a 35 quilômetros de Brasília³²: “*Há quase um mês uma família que mantém um bar na DF-20, começou a sentir os efeitos nocivos do tiofenol. As pessoas sofreram com vômitos, dor de cabeça e tonturas por causa do mau cheiro do produto. O recente acidente radioativo de Goiânia levou a uma associação com o Césio-137. Acionada, a 20ª DP do Gama providenciou testes no Instituto de Criminalística, Universidade de Brasília e Conselho Nacional do Petróleo, que desfizeram o susto e comprovaram a natureza da substância*”.

Médico diz que não há risco em Brasília

No Distrito Federal, os equipamentos hospitalares utilizados na cura de tumores malignos são mantidos sob forte controle e segurança. Nem mesmo a troca das cápsulas de césio-137 e de cobalto-60 é feita pelos técnicos locais. Qualquer alteração nas salas de irradiação é comunicada à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) e, de acordo com o diretor-geral do Hospital de Base, Edno Magalhães, a possibilidade de um acidente nuclear como o que aconteceu em Goiânia pode ser descartada.

As duas principais unidades que usam equipamentos contendo elementos radioativos em Brasília são a Medicina Nuclear e a Radioterapia do Hospital de Base. Ali se encontra um

acelerador linear, uma bomba de cobalto, um aparelho de raios X-superficial e outro aparelho de raios X-profundo. Todo o material radioativo – assegura a chefe da Radioterapia, Valquíria Serra, é guardado em cofres.

As unidades são fiscalizadas semanalmente por dois físicos nucleares – Euclides do Carmo e Reinaldo Dayer – além de técnicos da Siemens – acelerador linear – e técnicos da CNEN. De acordo com Euclides do Carmo a pastilha de cobalto é trocada de sete em sete anos e o material substituído é devolvido ao Canadá, sem ser aberto. O aparelho que utiliza o césio-137, que complementa a irradiação externa no tratamento intra-uterino

de paciente internada tem vida útil de 10 anos. Segundo Valquíria Serra, ao fim desse período ele fica em depósito da própria Fundação Hospitalar e depois vai para a CNEN.

Poucas pessoas têm acesso às duas unidades. O diretor do Hospital de Base lembrou que recentemente uma equipe da CNEN constatou que alguns cuidados deveriam ser tomados por parte dos funcionários. O relatório da comissão se encontra com o secretário de Saúde, Laércio Valença. A mesma equipe realizou dois cursos de treinamento e orientação para médicos não radiologistas, enfermeiros odontólogos e técnicos de raios X, visando uma maior segurança no local.

³¹ *Médico diz que não há risco em Brasília* – *Correio Braziliense*, sábado, 6 de outubro de 1987. Caderno Nacional. p. 13.

³² *Tiofenol é enterrado em cemitério* – *Correio Braziliense*, sexta-feira, 29 de janeiro de 1988. Caderno Cidade. p. 19

Outra denúncia de vazamento em aparelho radiológico causou pânico no Gama. Altos índices de radiação foram medidos na Unidade de Radiologia dessa cidade-satélite de Brasília. Houve revolta dos pacientes com a situação que motivou o fechamento da unidade hospitalar. Os índices de contaminação constatados chegaram a 25 vezes que o máximo permitido e os servidores estavam trabalhando em pânico. Verificou-se a possível contaminação de duas servidoras, que denunciaram perseguição da direção do hospital pelo vazamento da notícia da contaminação³³.

³³ *Radiação causa tumulto e pânico no HRG – Correio Braziliense*, sexta-feira, 13 de setembro de 1991. Caderno Cidade. p. 19.

Radiação causa tumulto e pânico no HRG

Atmosfera de tensão e de pânico tomou conta do Hospital de Radioterapia de Goiânia, após a descoberta de que um dos pacientes, o menino de 7 anos de idade, havia falecido em consequência de uma dose excessiva de radiação recebida durante o tratamento de uma doença de pele. O fato ocorreu no dia 10 de maio, quando o menino foi encontrado morto em seu quarto, após um tratamento de radiação.

A descoberta ocorreu após a morte do menino, que estava sendo tratado por uma doença de pele. O fato ocorreu no dia 10 de maio, quando o menino foi encontrado morto em seu quarto, após um tratamento de radiação.

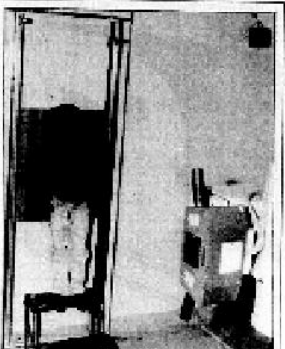
Após a descoberta da morte do menino, houve um tumulto e pânico no hospital. Muitos pacientes e familiares ficaram preocupados com a possibilidade de contaminação por radiação.



Atmosfera de tensão e de pânico tomou conta do Hospital de Radioterapia de Goiânia, após a descoberta de que um dos pacientes, o menino de 7 anos de idade, havia falecido em consequência de uma dose excessiva de radiação recebida durante o tratamento de uma doença de pele.

Pacientes são contaminados

Um paciente contaminado com radiação foi encontrado morto em seu quarto do Hospital de Radioterapia de Goiânia, após um tratamento de radiação. O fato ocorreu no dia 10 de maio, quando o menino foi encontrado morto em seu quarto, após um tratamento de radiação.



Atmosfera de tensão e de pânico tomou conta do Hospital de Radioterapia de Goiânia, após a descoberta de que um dos pacientes, o menino de 7 anos de idade, havia falecido em consequência de uma dose excessiva de radiação recebida durante o tratamento de uma doença de pele.

Taguatinga inova com biblioteca itinerante

Taguatinga inova com uma biblioteca itinerante, que leva livros e jornais para as comunidades carentes da cidade. O projeto é uma iniciativa do Conselho Municipal de Cultura, com o objetivo de promover a leitura e o acesso à cultura.



Atmosfera de tensão e de pânico tomou conta do Hospital de Radioterapia de Goiânia, após a descoberta de que um dos pacientes, o menino de 7 anos de idade, havia falecido em consequência de uma dose excessiva de radiação recebida durante o tratamento de uma doença de pele.

Após a descoberta da morte do menino, houve um tumulto e pânico no hospital. Muitos pacientes e familiares ficaram preocupados com a possibilidade de contaminação por radiação.

A descoberta ocorreu após a morte do menino, que estava sendo tratado por uma doença de pele. O fato ocorreu no dia 10 de maio, quando o menino foi encontrado morto em seu quarto, após um tratamento de radiação.

Após a descoberta da morte do menino, houve um tumulto e pânico no hospital. Muitos pacientes e familiares ficaram preocupados com a possibilidade de contaminação por radiação.

Após a descoberta da morte do menino, houve um tumulto e pânico no hospital. Muitos pacientes e familiares ficaram preocupados com a possibilidade de contaminação por radiação.

Após a descoberta da morte do menino, houve um tumulto e pânico no hospital. Muitos pacientes e familiares ficaram preocupados com a possibilidade de contaminação por radiação.

INDUSTRIAL, SERRALHEIRO, FERRAGEIRO
Carrinhos, ferramentas, etc.
Rua...
Fone...

WALDEMIRO FERNAL
BICALHO
Missa 7ª Dia
Ouse Brasil e família
anfitriões sensibéis e amáveis
Estações de carro e solidários
Estados, e convidados para
missa de 7ª Dia que será celebrada
no dia 15/05/61 às 20:30 hrs na
Paróquia Santo Casa (D'Assis) Rua
Isadora, 3045 - F. 1111 - B.

Excepcionais produzem para loja da Apae

Excepcionais produzem para loja da Apae, uma iniciativa para ajudar pessoas com deficiência. O projeto envolve a produção de artesanato e outros itens, que são vendidos na loja da Apae.



Excepcionais produzem para loja da Apae, uma iniciativa para ajudar pessoas com deficiência. O projeto envolve a produção de artesanato e outros itens, que são vendidos na loja da Apae.

Excepcionais produzem para loja da Apae, uma iniciativa para ajudar pessoas com deficiência. O projeto envolve a produção de artesanato e outros itens, que são vendidos na loja da Apae.

Figura 10 - Matéria do jornal Correio Braziliense: "Radiação causa tumulto no HRG"

]]]

Ondas de pânico também se espalharam pelo estado de Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, enfim o Brasil ficou impregnado pela "onda radiativa", como observaremos nas matérias a seguir:

RADIAÇÃO CHEGA A ANÁPOLIS

de YUUGIMARIUCHI



Deste depósito de papel partiu a carga contaminada com radiação que os técnicos apreenderam na estrada de Anápolis

Da fábrica de papel Qo-Góis, em Anápolis — a 42 km de Goiânia — foram isoladas ontem por técnicos da CNEN porque seus moradores receberam a visita de Luiza Odete dos Santos e Kardec Sebastião dos Santos, internados no Rio de Janeiro. Ao dar a informação o técnico Donal Clark admitiu não se tratar de foco de contaminação, mas manteve em segredo o endereço para evitar pânico da população. Quando a equipe retornava a Goiânia, com os equipamentos de detecção ligados, cruzou com um caminhão carregado com aparas de papel apresentando alto índice de radiação. Imediatamente os técnicos apreenderam o veículo e o levaram de volta para Goiânia, após comprovar que ele saía da fábrica de papel Qo-Góis, já vistoriada pelos técnicos da CNEN. Ontem foi registrado mais um caso de contaminação pelo Césio-137. Trata-se de Hudson Alves Ferreira Júnior, cujo pai já está internado em Goiânia. O garoto foi levado para o Hospital Geral do Inamps apresentando radiodermite (queimadura) nas mãos. No Rio, continua se agravando o estado de saúde de seis dos 10 internos. O governador Henrique Santillo enviou telex ao governador José Aparecido, agradecendo seu apoio ao governo goiano. Em Belém, a festa do Cirio foi marcada por protestos contra a transferência do lixo radioativo para a Serra do Cachimbo (PA).

Página 9

Figura 11- Matéria do jornal *Correio Braziliense*: Radiação chega a Anápolis, 12 de outubro de

1987.

Associação não quer fim da Terraçoap

Os membros da Associação de Terraçoap não desejam o fim da entidade, apesar de terem sido convocados para uma reunião em 15 de março, na qual se discutiu a possibilidade de sua extinção. Segundo os dirigentes, a associação tem sido útil para a comunidade e não vê motivo para ser dissolvida.



Tiofenol é enterrado em cemitério

Um barril contendo resíduos de tiofenol, um produto químico altamente tóxico, foi enterrado em um cemitério em Goiânia. O ato foi realizado por funcionários de uma empresa local, sem a devida autorização das autoridades sanitárias. O incidente ocorreu em um local onde há muitas sepulturas, o que representa um sério risco à saúde pública e ao meio ambiente.



Novoano não aceita reforma

Novoano, um dos principais sindicatos de trabalhadores em Goiânia, não aceita as propostas de reforma sindical apresentadas pelo governo. Os líderes do sindicato afirmam que as mudanças propostas são prejudiciais aos interesses dos trabalhadores e não representam uma verdadeira reforma.

Governador desarta inúmeras contradições e acelera reforma

O governador de Goiás anunciou que desartará inúmeras contradições existentes no projeto de reforma sindical e acelerará o processo de implementação das mudanças. Ele afirmou que o objetivo é criar um novo quadro sindical mais eficiente e alinhado com as necessidades do país.

Centenário de Dom Bosco com missa especial

Em comemoração ao centenário de Dom Bosco, o bispo de Goiânia realizou uma missa especial no catedrático. O padre destacou a importância da obra do santo educador e sua relevância para a sociedade atual.

Protesto de título sobre 50% no DF

Protestos ocorreram em Brasília devido ao aumento de 50% no preço do título de propriedade em DF. Os manifestantes afirmam que a medida é abusiva e prejudica a população de baixa renda.

Governo anuncia reajuste dos ônibus

O governo anunciou o reajuste das tarifas dos ônibus em todo o Brasil. A medida foi justificada pelo aumento dos custos operacionais e da manutenção dos veículos. O reajuste será aplicado imediatamente.

Padres cantam em encontro nacional

Padres de várias paróquias participaram de um encontro nacional em Brasília, onde cantaram e realizaram atividades religiosas. O encontro teve como objetivo fortalecer o trabalho pastoral e a união entre os sacerdotes.



Ex-padrão conta experiência

Um ex-padrão de uma comunidade relatou suas experiências e dificuldades durante o processo de urbanização. Ele mencionou a falta de infraestrutura básica e a necessidade de maior apoio governamental para melhorar as condições de vida.



Atentado de três como pólo

Um atentado ocorrido em uma região urbana foi analisado como um possível pólo de tensão social. As autoridades estão investigando as motivações por trás do crime e buscando medidas para evitar futuros incidentes.



Gratidão pode renovar governo

A gratidão dos cidadãos pode ser um fator decisivo para renovar o governo e melhorar a administração pública. Os líderes políticos devem buscar a cooperação e o apoio da população para implementar mudanças positivas.

Gratidão pode renovar governo

Continuação do texto anterior, discutindo o papel da gratidão na renovação política e administrativa.

Gratidão pode renovar governo

Continuação do texto anterior, abordando os desafios e oportunidades para a renovação do governo.

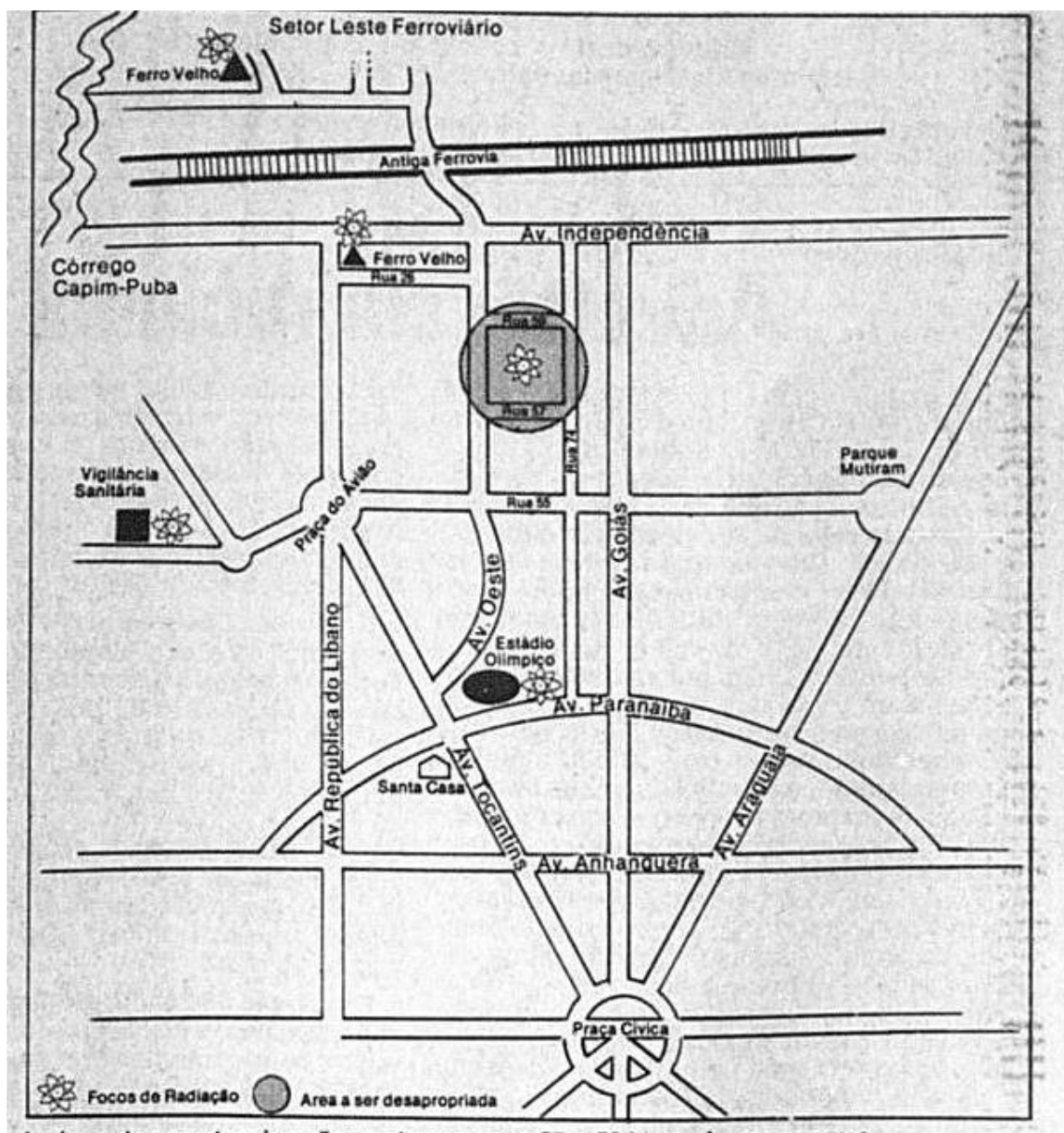
Gratidão pode renovar governo

Continuação do texto anterior, refletindo sobre o impacto da gratidão na sociedade e no governo.

Figura 12 – Matéria do jornal *Correio Braziliense*: “Tiofenol é enterrado em cemitério.”

Outro erro cometido pela imprensa à época foi o de não dar a dimensão correta ao fato, colocando toda a cidade de Goiânia sob cerco, quando a área do acidente era relativamente pequena: algumas quadras do antigo Bairro Popular e alguns pontos do

Setor Norte Ferroviário, próximo à Estação Rodoviária, hoje parte do centro ampliado da cidade.



Fonte: *Correio Brasiliense*

No mapa, podemos observar as áreas que ficaram oficialmente determinadas como contaminadas. São os locais por onde passou o aparelho de radiologia, ou partes dele, isto é, dois bairros: Setor Aeroporto e Setor Norte Ferroviário onde se localizavam os ferros velhos, o Estádio Olímpico e a Vigilância Sanitária.

Durante o processo de investigação e a procura de lugares com focos, houve muita especulação com relação à contaminação se espalhar por toda a cidade por meio do solo, das águas da chuva e de objetos e mesmo chegar a outras cidades e estados.

Podemos observar essa especulação em algumas matérias do *Correio Brasiliense*. Como exemplo, a matéria: “Radiação chega a Anápolis”, publicada em 12 de outubro de 1987.

“Duas casas da Vila Góis, em Anápolis, a 42 Km de Goiânia, foram isoladas ontem por técnicos da CNEN porque seus moradores receberam a visita de Luiza Odete dos Santos, internada no Rio de Janeiro. Ao dar a informação o técnico Donal Clark admitiu não se tratar de foco de contaminação, mas manteve em segredo o endereço para evitar pânico da população. Quando a equipe retornava a Goiânia, com os equipamentos de detecção ligados cruzou com um caminhão carregado com aparas de papel apresentando alto índice de radiação. Imediatamente os técnicos apreenderam o veículo e o levaram de volta para Goiânia. ”

Essa generalização não foi responsabilidade do jornal especificamente, mas foi um clima de animosidade geral que proporcionou a discriminação a pessoas, veículos (placas GO) e até mesmo à produção agrícola e animal (sendo Goiás obviamente um estado de grande produção agropecuária), o que, suspeitamos, foi uma atitude adotada pela mídia brasileira em geral [dado a ser verificado em pesquisas posteriores]. Ironicamente, em parte devido à crise goiana subsequente, isso contribuiu para que o Estado não conseguisse sequer prestar adequadamente os serviços públicos e pagar seus servidores.

De outro lado, inacreditavelmente, sumiram partes da cápsula que continha o céσιο 137



Figura 13 - Matéria jornal *Correio Braziliense*: “O sumiço de peças assusta médico.”

Neste ponto, descortina-se outro cenário: o da punição pelas responsabilidades. Fala-se bastante que o Brasil é o país da impunidade, mas será que foi o caso neste acidente? Em 27 de setembro de 1990 (três anos após o evento), a manchete do Correio Braziliense era “Tragédia do Césio leva 5 ao banco dos réus”³⁴.

A sociedade exigia uma resposta: conhecer e punir os responsáveis, uma questão complexa e necessária. Conforme já dissemos, ao relatar o acidente no Capítulo 1, os três donos e o físico responsável pelo Instituto Goiano de Radiologia (IGR) na época foram condenados por homicídio culposo – quando não há intenção de matar. Eles deveriam pagar multa e prestar serviços à comunidade. Posteriormente, o Tribunal Regional Federal, em Brasília, reformou a sentença, condenando-os a três anos e dois meses de prisão em regime aberto. Os catadores que retiraram a peça da clínica e o Cnen foram inocentados.

Mas uma punição foi também imposta à sociedade que, ainda hoje, sofre as consequências do acidente; aos catadores que ora são vítimas, ora são culpados; e a todos que tiveram seus sonhos interrompidos.

³⁴ *Tragédia do Césio leva 5 ao banco dos réus* –Correio Braziliense, sexta-feira, 27 de setembro de 1990. Caderno Brasil. p. 18.

Com o fim da década de 1980 e o início da década de 1990, as notícias sobre o assunto vão rareando no *Correio Braziliense*, havendo uma grande retomada apenas com o aumento da consciência ambiental no novo milênio, assim como com a proximidade da chegada da segunda década pós-acidente. Após a explosão das matérias iniciais, o tema é retomado, episodicamente, nas datas “comemorativas” ou de rememoração. Para exemplificar este tópico seguem as matérias especiais de “aniversário”:

2.3 REPORTAGENS ESPECIAIS DO *CORREIO BRAZILIENSE* PUBLICADAS A PROPÓSITO DOS VINTE ANOS DO CÉSIO 137

A compilação destas matérias jornalísticas foi realizada para ilustrar o período do aniversário dos vinte anos do Desastre com o Césio 137, comprovando a tese de que, praticamente, apenas nas datas excepcionais, o assunto é lembrado. [Esse material jornalístico bem como o anterior ainda serão trabalhados como pano de fundo nos conceitos e nas considerações finais].

A antropóloga Telma Camargo da Silva (2007) explica como o ser humano tende a ritualizar o tempo de luto e rememoração – como o verificado neste trabalho com a explosão de matérias iniciais e por fim, o quase esquecimento – o que ela denominou *tempo social*³⁵:

O tempo físico, marcado na nossa cultura pelo calendário gregoriano, definido no século XVI, é sempre modelado pelo tempo social. Logo, as celebrações são significadas, entendidas e vividas num ritmo outro, assinalado, por exemplo, por espaços temporais de cinco anos, uma dezena de anos, vinte anos. O ritual das celebrações é engendrado, pois, por um tempo cíclico definido segundo os sentidos que a elas querem atribuir os guardiães de memória. Assim as lembranças e o tempo apropriado para lembrar o passado descortinam, no presente, o campo de forças em que diferentes atores sociais disputam a representação dos eventos passados. Se, pois, a contagem do tempo é essencial para a produção de significações, para o entendimento de rituais que pela própria definição se processam em uma temporalidade repetitiva, falar *de e sobre* aniversários é uma forma de entender as representações da vida social. O que dizer então dos sentidos construídos ao longo dos anos sobre a marcação do tempo do desastre radioativo de Goiânia?

No acidente com o césio 137 em Goiânia, fica evidente na forma como os efeitos foram tratados, não cumprindo com o prometido à época. Tais promessas caíram no esquecimento: construção de parque ambiental na área do evento, remessa do lixo radioativo para áreas distantes do estado, tratamento humano adequado às vítimas e a seus familiares, legislação sobre a deposição de rejeitos radioativos. Estes são alguns dos

³⁵ Telma Camargo da Silva. As Celebrações, a Memória Traumática e os Rituais de Aniversário. In: *Dossiê. Revista UFG.*, Agosto, Ano IX, nº 1. 2007. Goiânia-GO. p. 13

exemplos de programas de compromisso público não cumpridos pelo Estado brasileiro. Isso apenas para citar algumas questões iniciais.

Diante desse roteiro, as possibilidades de que venha a acontecer algo semelhante novamente, visto que as condições de circulação deste material radioativo no país estão sujeitas à falta de fiscalização e a política pública respectiva não sofreram alteração severa desde então.

O esquecimento é um guardião protetor do indivíduo, livrando-o, mesmo que temporariamente, da memória, para ele negativa, de um fato que um dia por si ou por obra de outros fatores externos poderá voltar à tona intempestivamente - como quando alguém nos relembra um ato covarde ou vergonhoso cometido por nós ou uma situação semelhante que aconteça e nos evoque o nosso triste passado. Já o *silêncio* resulta da ação conjugada entre memória e esquecimento, permitindo que silenciemos o fato tabu, fazendo parecer que este jamais existiu.

Após vinte anos, o tema continua sendo tratado pelo *Correio Braziliense* ressaltando uma imagem negativa, ressuscitando o medo, ou melhor, acordando-o, porque o medo nunca morreu, diante dos riscos sempre eminentes da possibilidade de que algo igual ou pior possa acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar, uma vez que os riscos são consequências do desenvolvimento capitalista, como vimos. Mas a partir de 1987 até a presente data, esse medo passou a fazer parte da sociedade goianiense como afirma Eliezer Cardoso de Oliveira: “O medo do progresso e da tecnologia não é exclusivamente dos goianienses, é ainda uma preocupação global. Todavia, após 1987, os goianienses tiveram motivos mais forte para temê-lo”. (OLIVEIRA, 2006, p.239)

Matéria 1

Brasília, Distrito Federal, 9 de setembro de 2007

Brasília, Domingo, 9 de setembro de 2007

Editora: Ana Paula Macedo

Subeditores: Olímpio Cruz Neto e Lourenço Flores

10 BRASIL TEMA DO DIA //CÉSIO 137

VÍTIMAS DO ABANDONO

O MAIOR DESASTRE RADIOATIVO URBANO DO MUNDO COMPLETA DUAS DÉCADAS SEM QUE O ESTADO RECONHEÇA SUA RESPONSABILIDADE PELA TRAGÉDIA EM GOIÂNIA

*Há 20 anos, o mundo testemunhava o segundo maior acidente radioativo da história — o primeiro ocorreu em Chernobyl, na Ucrânia, em 1986. O desastre foi em Goiânia. Não ocorreu por causa do vazamento de uma usina nuclear. Mas pela proximidade de gente simples com um elemento químico altamente radioativo: o césio 137. O saldo dessa negligência é aterrorizante, mesmo passado tanto tempo desde aquele fatídico 13 de setembro de 1987: pelo menos 66 pessoas morreram e 743 apresentam seqüelas. Ainda hoje, esse é o maior desastre radioativo em uma área urbana do planeta. O **Correio** recupera a memória de quem viveu — e ainda vive — a tragédia. De hoje até o próximo domingo, o jornal vai mostrar como as pessoas estiveram expostas ao perigo. A série revela o drama das famílias que sobreviveram à radiação, mas ainda choram a morte de amigos e parentes.*

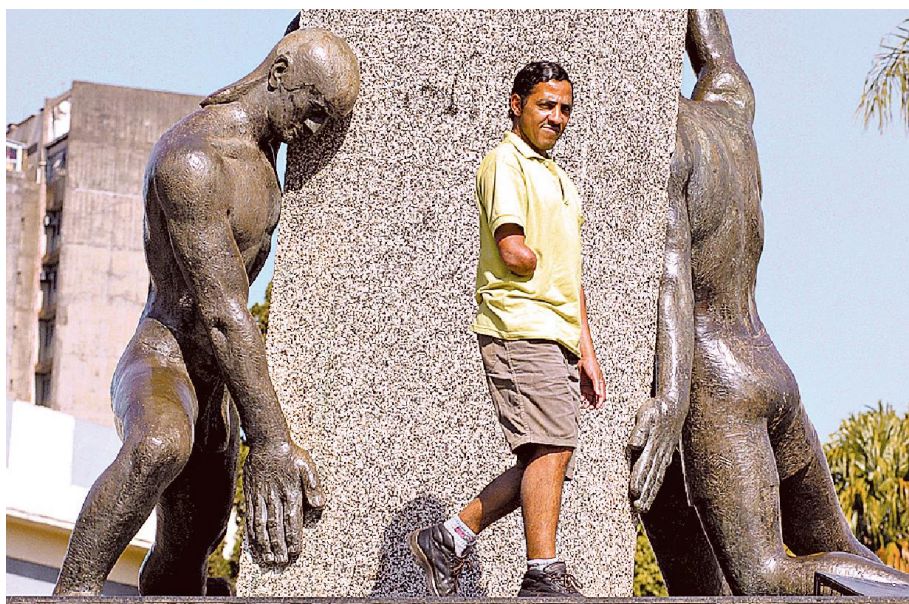


Figura 15 - As feridas Abertas de uma tragédia radioativa vinte anos depois do maior desastre radiativo urbano do mundo. A lista das vítimas do césio 137 em Goiânia não pára de crescer. Até hoje, Roberto dos Santos Alves (foto acima) teme represálias e enfrenta preconceitos. Tema do dia, páginas 10 e 11.

RENATO ALVES E GUILHERME GOULART
ENVIADOS ESPECIAIS

Goiânia (GO) — Vinte anos após o maior acidente radioativo mundial em uma área urbana, a capital goiana ainda conta as vítimas do césio 137. A lista de contaminados e mortos não pára de subir. E, provavelmente, nunca será concluída. Não existe um controle exato de pessoas expostas à radiação. No mais recente levantamento feito por autoridades estaduais e federais, 743 cidadãos são apontados, oficialmente, como vítimas da tragédia ocorrida em 13 de setembro de 1987. É sete vezes mais que o divulgado pelas autoridades, em 1988, quando foram listadas 102 vítimas. O novo levantamento inclui duas vítimas reconhecidas agora, mais 61 crianças nascidas após o acidente e os 578 funcionários públicos expostos ao risco. Os filhos do césio nasceram de pais contaminados pelo pó branco de brilho azul. O produto vazou de um aparelho de raios X abandonado em um hospital desativado, no centro de Goiânia, e violado por dois catadores de sucata. As outras vítimas são servidores públicos — médicos,

enfermeiros, bombeiros e policiais militares. Também trabalhadores de baixa renda foram colocados em perigo — alguns do Consórcio Rodoviário Intermunicipal e da construtora Andrade Gutierrez. Todos tiveram contato direto com o material radioativo ou trabalharam na descontaminação. Nenhum recebeu roupas especiais para concluir o serviço em segurança. Assim, sofreram os efeitos diretos da radiação e carregaram resíduos do césio 137 nas roupas, contaminando familiares, amigos e vizinhos. Apesar de reconhecidos pelo poder público como vítimas do acidente, a maioria dos servidores estaduais e municipais não conta hoje com qualquer tipo de ajuda. Levantamento feito pelo **Correio**, a partir de dados do Ministério Público de Goiás e dos sindicatos das categorias, revela que ao menos 40 servidores morreram sem conseguir assistência médica ou financeira do poder público. Outros 170 tentam um auxílio, ainda em vida, brigando na Justiça. Oficialmente, só foram reconhecidas até agora 14 mortes em decorrência da exposição ao césio 137. O número é contestado por associações de vítimas do acidente e por promotores públicos, que apontam 66 casos. Os envolvidos na tragédia entendem que o número de contaminados é maior do que o reconhecido pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN). Os técnicos examinaram 112 mil pessoas na época do acidente. Aquelas com índices mais elevados de contaminação foram colocadas em quarentena no prédio da FEBEM. Das 120 pessoas que sentiram os efeitos da radiação, 49 foram internadas e 21, submetidas a tratamento intensivo. Quatro morreram em menos de quatro meses. Entre elas, a menina Leide Ferreira das Neves, 6 anos, que virou símbolo da tragédia. As vítimas identificadas pela CNEN foram divididas em dois grupos: o primeiro para aqueles com altos índices de radiação e, o outro, com menor índice. A esses, bem como às segunda e terceira gerações de descendentes, foram asseguradas pensões vitalícias de até R\$ 800, além de assistência médica integral, que inclui os medicamentos. Os médicos Orlando Teixeira, Criseide Dourado e Carlos Bezerril, responsáveis pela clínica abandonada onde o césio foi achado, e o físico hospitalar Flamarion Goulart foram condenados a três anos de prisão em regime semiaberto por homicídio culposo (sem intenção). Bezerril cumpriu um ano de prisão, sendo beneficiado por um indulto de Natal. Dourado e Teixeira também ficaram só um ano na cadeia. O segundo abandonou a medicina após a tragédia. Hoje é fazendeiro e empresário em Mato Grosso e atende esporadicamente em hospitais da região. O processo de Flamarion está em fase de apelação. Teixeira e Bezerril são sócios de um hospital de tratamento de câncer, em Goiânia. Os três não foram localizados nem retornaram as ligações do **Correio**. Goulart mora em Goiânia, mas não falou com os repórteres. Foi ele quem sugeriu as primeiras providências para o caso, como evacuação dos locais de contaminação e a triagem realizada no Estádio Olímpico de Goiânia para identificar possíveis atingidos pelo produto. O médico José Ferreira Silva, chefe da Superintendência Leide das Neves (Suleide), criada para atender as 104 vítimas reconhecidas pelo estado em 1987, não acredita na potencialização de doenças decorrentes do acidente. “Nesses 20 anos, não observamos nesse grupo nada de diferente do que ocorre na população normal. Muita gente busca a Suleide com doenças que dizem ser decorrência do césio. É preciso que haja nexos causal, que essas pessoas tenham sido expostas à radiação”, explicou. Técnicos da CNEN fazem medições das seis áreas mais contaminadas, a cada três meses. “Há césio nos focos. Vai demorar 300

anos para eles serem descontaminados”, conta o engenheiro químico Cesar Luiz Vieira Ney. Ele frisa que a radiação medida estabilizou há três anos e a quantidade é inofensiva. “Há menos radiação exposta que a encontrada em cidade brasileiras com anomalias, como Guarapari (ES) e Poços de Caldas (MG)”.

Matéria 2

Brasília, domingo, 9 de setembro de 2007 • 11

Editora: Ana Paula Macedo

Subeditores: Olímpio Cruz Neto

Lourenço Flores

BRASIL / TEMA DO DIA

CÉSIO 137

A SINA DOS CATADORES QUE ENCONTRARAM A CÁPSULA RADIOATIVA E, IGNORANDO O PERIGO, LEVARAM O VENENO PARA CASA, DESTRUINDO A VIDA DE AMIGOS E FAMILIARES

DE VILÃO A VÍTIMA: ROBERTO DOS SANTOS ALVES, 41 ANOS, VIOLOU O LACRE DA CÁPSULA QUE CONTINHA CÉSIO. A CONTAMINAÇÃO ATINGIU SEU BRAÇO DIREITO, DEPOIS AMPUTADO.

RENATO ALVES - ENVIADO ESPECIAL

Goiânia (GO) — Apontados como vilões da tragédia do césio 137, os catadores de sucata Wagner Mota Pereira, 39 anos, e Roberto dos Santos Alves, 41, ainda tentam manter-se no anonimato duas décadas após protagonizarem o drama do acidente radioativo em Goiânia. Temem represálias e o preconceito. Eles foram inocentados da acusação de roubo da cápsula com o produto radioativo, que estava em um hospital desativado de Goiânia e acabou sendo revendida a um ferro-velho. Há cinco anos, ganharam na Justiça o direito a uma indenização de R\$ 155 mil. Mas os donos do Instituto Goiano de Radioterapia (IGR), onde estava abandonado o equipamento com o césio, recorreram ao Superior Tribunal de Justiça (STJ). Wagner sofreu várias lesões nas mãos e nos pés. Após passar pelo tratamento de descontaminação, mudou-se para o interior de Goiás, onde vive como pastor evangélico. Recusa-se a dar entrevistas. Roberto teve o antebraço direito amputado por causa do desastre radioativo. Não fala sobre o caso com nenhum veículo de comunicação goiano. “Se minha foto sai em um jornal aqui, as pessoas não param de me perturbar. Vão ficar apontando o dedo para mim, me xingando”, explica, reclamando da morosidade da Justiça. Césio encontrado na tarde quente de 13 de setembro de 1987, quando os termômetros chegaram a registrar 35° C na capital de Goiás, Wagner Pereira, então com 19 anos, e Roberto Alves, 22, se encontraram por volta das 13h. Ambos ainda não haviam almoçado. “O Wagner passava necessidade. Ele foi à minha casa me convidar para catar algo que pudesse vender a um ferro-velho”, relembra Roberto. Os dois amigos desceram a Avenida Paranaíba, no Centro. E depararam-se com os escombros do desativado Instituto Goiano de

Radioterapia (IGR). Não havia aviso sobre os perigos do equipamento abandonado. Em frente a um cilindro de chumbo e metal, ambos viram a esperança de ganhar dinheiro. “O Wagner já havia passado em frente ao hospital, dias antes, e visto aquela peça. Ele achava que o material tinha 300kg de chumbo, o que dava um bom dinheiro”, recorda-se Roberto. Os amigos separaram o objeto em duas partes e levaram a menor em um carrinho de mão. Após completarem o percurso de 600m, da Avenida Paranaíba à Rua 80, chegaram à casa de Roberto, na Rua 57. Ele morava com outras 30 pessoas no lote da mãe, Eunice Santos, que alugava barracões para manter a família. Dividia um dos barracos com a mãe e o irmão, Rubens Jacinto Alves, então com 21 anos.

Vazamento

Nos fundos do terreno, sob uma frondosa mangueira, onde os moradores lavavam as roupas, tentaram abrir a peça a marretadas. Por volta das 15h, desobstruíram um pequeno orifício, vedado por um material menos resistente. “Um gás com pó vazou no meu braço. Eu comecei a passar mal. O Wagner já sentia enjôo no começo da desmontagem”, relembra Roberto. O pó era o céσιο. No fim da tarde, Wagner foi à Rua 26-A, no Setor Aeroporto, a três quadras da casa de Roberto. Encontrou Devair Alves Ferreira, dono de um ferro velho montado no lote onde vivia com Maria Gabriela, 29. O casal dividia o terreno com funcionários de Devair, que moravam em barracões. Wagner falou sobre o cilindro de chumbo e Devair fechou negócio. O catador recebeu 1,6 mil cruzados pelo objeto. O aparelho com o céσιο ficou cinco dias sob a mangueira do lote da mãe de Roberto. Em 18 de setembro, dois dos empregados de Devair, os irmãos Benevides e Eterno Almeida, buscaram a peça. Em um carrinho maior, levaram o cilindro para a Rua 26-A. Nele havia uma cápsula de céσιο 137 com 25g de material altamente radioativo.

Produto espalhado

Na tarde de 22 de setembro, Israel Batista dos Santos, 22 anos, e Edmilson Alves Souza, 17, empregados de Devair, desmontaram o objeto e deixaram os pedaços em uma prateleira. À noite, Devair ficou fascinado com o brilho azul do pó e levou o material para casa. Mostrou-o a Maria Gabriela. Sem saber dos riscos, familiares, amigos e vizinhos também foram atraídos pela novidade. Daí em diante, a peça e o pó passaram a circular entre os mais próximos. Entre os que tiveram contato com o material, Leide das Neves Ferreira, 6 anos, sobrinha de Devair. A menina morava na Rua 6. Em 24 de setembro, o pai dela, Ivo Ferreira, dono de um ferro-velho e irmão de Devair, levou o céσιο para casa. Ao chegar, por volta das 18h30, mostrou um pedaço da pedra com a poeira brilhante aos filhos. Sob o piso vermelho da casa, jogou o pó, envolto em um pedaço de saco de cimento, e apagou a luz. O brilho encantou a todos. As três crianças brincaram com o céσιο. Com as mãos sujas com o pó radioativo, Leide comeu um ovo cozido no jantar. Na madrugada, começou a passar mal.

Óbitos

Preocupada com os problemas de saúde da menina e de outros parentes, Maria Gabriela decidiu levar a cápsula à Vigilância Sanitária. Fez o trajeto de casa ao prédio da unidade de saúde em um ônibus. Carregou a cápsula rompida na companhia de um funcionário do ferro-velho. O pó seguiu em uma sacola de plástico. A viagem durou 15 minutos. Na Vigilância Sanitária, médicos e enfermeiros tocaram no material sem saber do perigo. Naquele mesmo prédio, um físico paulista, de férias na cidade, ouviu o relato e seguiu com Maria Gabriela ao lote onde ela morava. Deparou-se com Leide e passou o medidor de radioatividade na menina. A criança tinha 2,5 mil rads — a quantidade de radiação considerada moderada para um ser humano é de 20 rads. Foi levada ao médico em 28 de setembro, quatro dias após o contato com o césio. A tragédia tornou-se pública 24 horas depois, 16 dias após Wagner e Roberto encontrarem a bomba radioativa. Goiânia virou notícia no mundo. No início de outubro de 1987, as vítimas mais graves do césio eram levadas para o Hospital Marcílio Dias, no Rio de Janeiro: Devair, Maria Gabriela e Leide. No dia 23, Maria Gabriela morreu. Era o primeiro caso fatal. Em seguida, Leide perdeu a vida. A menina virou símbolo da tragédia, que naquele mesmo ano contabilizaria 104 vítimas: quatro morreram. O governo de Goiás reconheceu Wagner, Roberto, Eunice e Rubens como vítimas. Os quatro recebem pensão individual de R\$ 920.

Matéria 3

Brasília, segunda-feira, 10 de setembro de 2007

Editora: Ana Paula Macedo

Subeditores: Olímpio Cruz Neto

Lourenço Flores

BRASIL TEMA DO DIA // CÉSIO 137 ESQUECIDOS PELO ESTADO



Figura 16 - O drama dos 186 funcionários de Goiás que lutam por assistência médica e financeira do poder público, 20 anos após serem expostos ao perigo radioativo. Fonte: *Correio Braziliense*

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL Goiânia (GO) — As vítimas mais esquecidas do césio 137 são também as mais humildes. Elas têm um histórico de medo, preconceito e abandono. São os 186 trabalhadores do quase extinto Consórcio Rodoviário Intermunicipal (Crisa). Passadas duas décadas desde o maior acidente radioativo em área urbana do mundo, nenhum deles recebeu até hoje sequer a visita de um assistente social do governo. Muitos vivem de favores. Eles e outros 44 funcionários foram oficialmente reconhecidos como vítimas do césio. Todos estiveram expostos aos focos de contaminação pelo elemento radioativo. Eram motoristas, mecânicos, pedreiros, marceneiros, faxineiras e engenheiros do governo de Goiás, responsáveis pela construção e manutenção de estradas no estado. Para esse grupo, a dificuldade maior é provar a relação de doenças graves ou crônicas com o acidente radioativo, como exige a legislação. O governo goiano reconheceu, em 2002, que todos os seus funcionários envolvidos na descontaminação das áreas com césio e na construção do depósito do lixo radioativo, em Abadia de Goiás, ficaram expostos aos riscos. Mesmo assim, não os ressarcir por danos psicológicos, morais e materiais. O então governador Marconi Perillo, hoje senador pelo PSDB, assinou um termo com o Ministério Público de Goiás naquele ano. O estado reconheceu 417 policiais militares, bombeiros e funcionários do Crisa e da Companhia Municipal de Urbanização de Goiânia (Comurg), que trabalharam nas áreas contaminadas, como vítimas do césio. O compromisso de dar assistência médica integral e pensão especial de R\$ 400 a essas pessoas virou lei naquele ano. Em 2001, o Ministério da Saúde havia reconhecido que 429 pessoas que trabalharam no acidente “desenvolveram algum tipo de agravo após a exposição” radioativa. São 221 trabalhadores do Crisa, 189 da PM, 17 homens do Corpo de Bombeiros e duas garis da Comurg. Quarenta já morreram. Entre os mortos, está Nilson Terenso de Santana. Ele perdeu a vida em março de 2005, no Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo). Como servidor do Crisa, Nilson trabalhou na retirada do césio 137. Nos últimos 10 anos, várias doenças surgiram: pressão alta, diabetes, perda da visão, osteoporose e trombose. Em 1998, ele teve as duas pernas amputadas e foi aposentado por invalidez com vencimento de R\$ 740 pelo INSS. Apesar do sofrimento, acabou não reconhecido como vítima do césio 137 pelo governo goiano.

Murchando

Sem poder contar com nenhum dos dois rins, Maria da Conceição da Silva, 59 anos, sobrevive graças à hemodiálise. Não pode receber transplante por causa do coração deficiente. Há 15 anos, convive com dores por todo o corpo, sente sinais de fraqueza e tem pressão alta. O braço esquerdo está tomado por nódulos. Recentemente, ouviu a pergunta do neto, de 6 anos: “Vó, por que a senhora tá murchando?” Maria da Conceição estava entre os funcionários do Crisa escalados para trabalhar nos pontos contaminados pelo césio. Passou quatro meses servindo café aos colegas. Lavou manualmente os macacões laranja de muito deles. Após 40 anos dedicados ao Crisa, foi aposentada. Ganha hoje R\$ 380 por mês. O dinheiro é insuficiente para se sustentar. Não consegue pagar as contas de casa. Tampouco os remédios. Para conseguir comprar os medicamentos mais fortes e evitar a morte, Maria da Conceição enfrenta até duas

horas de ônibus, da periferia de Aparecida de Goiânia até o centro da capital, onde pede ajuda aos antigos colegas de trabalho, no sindicato da categoria. “São eles que me dão dinheiro para eu comprar as coisas que preciso”, relata.

Em família

O sindicato tenta há cinco anos incluir Maria da Conceição na lista de funcionários públicos que têm direito à pensão por causa da exposição ao césio 137. O problema é que a entidade não consegue provar à junta médica do governo que ela foi vítima do acidente radioativo. Na mesma situação estão o mecânico aposentado João de Barros Magalhães, 53 anos, e o irmão Bento de Barros Magalhães, 47, que continuam trabalhando como lubrificadores para o governo de Goiás. Ambos ajudaram a limpar as áreas contaminadas pelo césio. Desde então, sentem fortes dores nos braços e no estômago (têm gastrite). João ainda sofre de hipertensão, hepatite, surdez parcial e carrega manchas por todo o corpo. Toma remédios fortes — e caros — há 18 anos. Os irmãos lutam, desde 1989, para receber uma pensão. Temem pela saúde da mãe, Domingas, 78, que sente fortes dores há 18 anos. Ela lavava os macacões e camisetas usados na descontaminação por Bento, João e o terceiro filho, Aparecido, motorista demitido do Crisa há 12 anos e morto em junho último, em decorrência de doenças agravadas pelo alcoolismo. Um quinto integrante da família, Etelvino, irmão de Domingas, hoje com 80 anos, tem tumores cancerígenos nas costas, na barriga e na próstata. Ele soldou muitos dos latões que guardam o lixo atômico e estão enterrados em Abadia de Goiás. João de Barros Magalhães divide as dores e lamentações com o amigo e também mecânico do Crisa Teodoro Juvenal Bispo Neto, 57 anos, que sente fortes dores nas pernas desde dezembro de 1987, quando trabalhava no depósito radioativo de Abadia. Depois, perdeu quase todos os dentes, que inexplicavelmente enfraqueceram, e sente incessantes dores nos ossos e na cabeça. Aposentado por tempo de serviço, recebe R\$ 614 mensais. Se tivesse dinheiro para comprar os remédios que precisa, gastaria R\$ 800 por mês. “Só tomo amostras grátis e isso quando as ganho nas consultas em postos de saúde”, revela. A mulher dele, Valdeni, 55 anos, também começou a se sentir fraca quatro anos após o acidente. Desconfia que tem a ver com os macacões que o marido trazia da área contaminada para lavar em casa. Desde então, a renda da família caiu. Ela deixou de fazer faxinas e comidas congeladas para fora.

Doenças psíquicas

O médico José Ferreira Silva, da Superintendência Leide das Neves (Suleide), criada para atender as 104 vítimas reconhecidas pelo Estado, garante que a maioria das pessoas atrás de assistência é vítima de doenças psicossomáticas, provocadas pelas emoções geradas pelo acidente. “O distúrbio mais comum é a úlcera gástrica”, explica. O médico, que começou a trabalhar com as vítimas do césio em fevereiro de 1988, defende o acompanhamento dos moradores das áreas contaminadas que sofrem com as doenças psíquicas. “Infelizmente, elas não se encaixam nos critérios da Suleide”, lamenta. Ferreira é o único dos 13 profissionais de saúde que estudou física nuclear.

Passou um ano em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, estudando as vítimas das bombas nucleares jogadas pelos norte-americanos no fim da Segunda Guerra Mundial. Nenhum dos cinco médicos que integram a junta do estado, responsável pela avaliação das possíveis vítimas do césio que buscam pensões do governo, tem a sua especialidade.

Esquecidos

O promotor Marcus Antônio Ferreira Alves, do Ministério Público de Goiás, acompanha há 10 anos o drama das vítimas. Recolhe denúncias daqueles que trabalharam na área atingida pela radioatividade, na tentativa de encaixá-los nas leis que garantem assistência. “O governo de Goiás usou cerca de 400 homens do Crisa e mais 120 funcionários da Andrade Gutierrez, além de 10 chapas (trabalhadores braçais avulsos), para fazer a descontaminação. Esse pessoal não foi computado como vítima”, denuncia. A Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou, no começo do mês passado, projeto que amplia o número de beneficiados por indenizações concedidas pelo governo federal às vítimas da radiação do césio. De autoria do senador Marconi Perillo (PSDB-GO), a proposta inclui, entre os beneficiários, servidores públicos civis e militares expostos à radiação, desde que apresentem documentos de comprovação médica ou científica ou que se submetam a exames que comprovem o contato com o césio. O projeto obriga a vítima a anotar o tipo de seqüela que impede ou limita o seu desempenho profissional. A proposta ainda precisa ser aprovada pelo plenário do Senado.

Matéria 4

Brasília, terça-feira, 11 de setembro de 2007

Editora: Ana Paula Macedo

Subeditores: Olímpio Cruz Neto

Lourenço Flores

BRASIL TEMA DO DIA // **CÉSIO 137**

ESCOMBROS EMOCIONAIS

LEIDE ESTAVA COM 6 ANOS QUANDO O PAI CHEGOU COM AQUELE PÓ AZUL BRILHANTE. A MENINA MORREU UM MÊS E MEIO DEPOIS. A TRAGÉDIA DEVASTOU A FAMÍLIA NEVES FERREIRA

GUILHERME GOULART

ENVIADO ESPECIAL

Aparecida de Goiânia (GO) – Ela perdeu a filha. Anos depois, o marido. Viu a casa, até então repleta de parentes queridos, ficar a cada dia mais silenciosa. Lourdes das Neves Ferreira, 55 anos, teve a vida dilacerada por um inimigo com poder de destruição invisível. Chorou o desmoronamento da família, arrasada por um pó branco capaz de provocar fascínio ao brilhar na escuridão da noite. Passados 20 anos, sobreviveu para contar a história do maior acidente nuclear em área urbana do mundo: o vazamento de césio 137 em Goiânia (GO). Lourdes é uma das centenas de vítimas atingidas pela radiação. Mas exerce um papel especial na tragédia goiana. Ela é mãe da menina que virou símbolo da tragédia. A pequena Leide das Neves, de 6 anos, morreu ainda em 1987. Ingeriu o material radioativo depois que o pai, Ivo Ferreira, o levou para mostrar à família no Setor Norte Ferroviário. Ele se apaixonou pelo brilho azul. Só não sabia do perigo ao compartilhá-lo com os parentes. Essa, porém, é outra história e daqui a pouco ela será contada. Agora é a vez de Leide e de Lourdes. A criança era uma menina sorridente e brincalhona, daquelas espertas e curiosas. Perdeu a vida em 23 de outubro de 1987 num hospital do Rio de Janeiro — a tia, Maria Gabriela, morreu horas antes no mesmo local. Para lá eram levados os casos mais graves e em situação de emergência. Ivo, o pai, morreu em 2003 depois de sofrer bastante. Teve diversos problemas de saúde por causa da contaminação. Dois irmãos de Leide sobreviveram. A mais velha, Lucélia, aumentou a família. Deu netos e um bisneto para Lourdes. São os “tesouros” dela. Ainda assim, depois de 20 anos, a família Ferreira Neves é bem diferente daquela que trocou Corumbá de Goiás pela capital do estado em 1970. Lourdes era adolescente, recém-casada com o primo Ivo e estava perto de ter o primeiro filho, Lucimar. A mãe de Leide tinha uma rotina difícil e atarefada. Acordava cedo e logo se dedicava aos afazeres domésticos. Hoje, ela continua a madrugar. Sai da cama às 6h. Mas há poucos por perto. Lourdes mora só. Há 19 anos vive no mesmo endereço em Aparecida de Goiânia, município colado à capital goiana.

Esconderijo

Lourdes lembra da casa cheia mesmo depois do acidente nuclear. Mas os filhos cresceram, casaram e se mudaram. Às vezes, recebe a visita deles e dos netos. Mas não é sempre. Os parentes mais distantes, como primos e tios, dificilmente aparecem. “Vez ou outra eu os vejo. Mas parece que a família não está mais unida, é como um fio desencapado que pode dar curto-circuito a qualquer hora”, compara. Para Lourdes, o que importa é ter uma casa só dela. É onde ela se esconde do mundo, onde ela abre a porta para poucos. A moradia foi dada pelo governo de Goiás — algumas das vítimas que tiveram contato direto com o césio foram obrigadas a se mudar e puderam escolher outro local para viver. Quando optou pela casa em Aparecida de Goiás, precisou esperar por reformas. Acabou ficando, de forma improvisada, com os filhos e o marido em várias outras residências. Até que um incidente com Lucimar apressou as coisas. Um coleguinha da rua o chamou de “radiado”. O então adolescente reagiu. Acertou a boca do menino com uma pedra. “O preconceito era muito grande. Minha vontade era ficar longe de tudo”, conta Lourdes. Desde então, nunca mais deixou Aparecida. Fez do novo lar o recomeço da vida.

Lembranças e fotos

A casa de Lourdes das Neves é espaçosa e repleta de lembranças de tempos mais felizes. A sala de estar resume cada detalhe da mulher que, apesar da tragédia, está sempre aberta a uma risada sincera. Quem a visita logo é recebido por uma parede tomada por quadros e fotografias. Imagens de cantores sertanejos, uma das paixões da dona-de-casa, dividem espaço com painéis de fotos da família. Ela mesma os montou. A pequena Leide aparece ainda bebê, com vestidinho vermelho, e aos 6 anos, meses antes da contaminação. Também tem fotografias do marido, dos filhos Lucimar e Lucélia, do cunhado Devair Alves Ferreira, dono de um dos ferros-velhos contaminados, e de toda a parentada. Lourdes cuida com carinho do mosaico. A estante também remete ao passado. Está tomada por objetos que lembram o antigo companheiro. Há dois carros vermelhos da coleção de miniaturas de Ivo. Mas os preferidos são as dezenas de anjinhos em porcelana, dados de presente pelo marido numa época em que ele viajava pelo Brasil na boléia de caminhões. A casa tem dois quartos, cozinha, sala de jantar e um belo jardim. É entre vasos e plantas que ela passa boa parte do dia. Há flores dos mais diversos tamanhos e cores. “Elas são uma terapia, um passatempo para mim. Às vezes, esqueço de que acabei de fazer as unhas e coloco as mãos direto na terra”, revela a dona-de-casa, rindo da própria trapalhada. Lourdes passa os dias assim, entre lembranças do passado. Mas com vontade de ser feliz. Há um momento na entrevista no qual o semblante de Lourdes das Neves Ferreira endurece. O riso fácil e extrovertido desaparece do rosto assim que o repórter relembra a tragédia do césio 137. Com o olhar cabisbaixo, ela volta a 24 de setembro de 1987. Era uma quinta-feira. Lourdes tinha sido uma das primeiras a se levantar na casa do Setor Norte Ferroviário, onde o marido, Ivo Ferreira, tinha um ferro-velho. A rotina dela preenchia o dia todo. Cuidava da casa, dos filhos Lucimar, 14, e Leide, 6 — Lucélia, 16, vivia com uma amiga em outro bairro — e ajudava o companheiro nas tarefas mais leves. O pesadelo começou no fim da tarde. Ivo

voltava da casa do irmão Devair empolgado com um pó brilhante. Ele o desembrolhou de um pedaço de papel de saco de cimento. Era o céσιο, que emanava um azul brilhante. Ele apagou todas as luzes. E jogou tudo no piso vermelho. Lourdes estava em pé na frente do fogão. Preparava um ovo para Leide. Nem prestou atenção no entusiasmo do marido. Saiu para tomar banho. Ao voltar, encontrou a caçula debruçada sobre o prato. Comia com as mesmas mãos tomadas pelo céσιο. A menina passou mal na mesma noite, enquanto dormia no colo da mãe. “A gente ainda demorou para procurar um hospital. Só procuramos atendimento médico quatro dias depois”, lamenta a dona-de-casa. Àquela altura, Devair e várias outras pessoas da família reclamavam dos primeiros sintomas. Depois do dia 24, tudo desmoronou. Policiais e bombeiros invadiram a casa e os mais doentes acabaram isolados e encaminhados para o Rio de Janeiro. Lourdes e o marido não imaginavam que perderiam a filha no mês seguinte. Leide morreu em 23 de outubro, horas depois da tia, Maria Gabriela. As duas estavam internadas no Hospital Marçílio Dias, na capital carioca. Estão hoje enterradas no Cemitério Parque, em Goiânia. Os caixões são de chumbo. Pesam 750kg cada e ainda estão debaixo de uma espessa camada de concreto. O enterro ocorreu três dias depois sob protesto da população. Mais de 2 mil pessoas tentaram impedir o sepultamento, com medo da radiação.

“Assassina”

O pesadelo de Lourdes continuou nos anos seguintes. Teve de aprender a conviver com várias doenças. Hoje, ela toma quatro medicamentos, para pressão alta, reposição hormonal e osteoporose. As consequências da radiação, porém, foram diferentes das de Ivo. Além do sentimento de culpa, ele logo entrou em depressão. Fumava demais e desenvolveu manias. Recortava papéis e mais papéis. Lourdes recolhia anúncios distribuídos nas ruas só para levar para o marido. Ele também passava horas ouvindo rádio e em frente à televisão. Ivo morreu em 2003 de enfisema pulmonar. Alguns parentes foram avisados. E descarregaram raiva na dona-de-casa. “O pior foi que me chamaram de assassina. Nem acompanharam o final da vida dele, que foi muito doloroso”, avisa. Lourdes segurou a revelação por 20 anos. Guardou-a como um segredo. Não queria mais confusão para a família. “Estava engasgada e precisava colocar isso para fora”, justifica, 20 anos depois. Às vezes, Lourdes lamenta morar tão longe do Cemitério Parque. Gasta 40 minutos só para atravessar a capital. Isso se estiver de carro. “Queria estar mais perto de onde está minha filha, mas não deu. Talvez seja melhor assim. Acho que passaria quase o dia todo lá.” Diante dos restos mortais de Leide, permanece calada. Olha com orgulho os doces deixados na lápide. Sabe que são de mães que agradecem uma graça feita em nome da menina. Mas Lourdes não gosta de ficar muito tempo por ali. Logo volta para casa para tentar esquecer a tragédia. Mas um ferro-velho ao lado do próprio lote em nada ajuda. É a ironia da morte, que jamais que será esquecida.

Matéria 5

Brasília, quarta-feira, 12 de setembro de 2007.

Editora: Ana Paula Macedo

Subeditores: Olímpio Cruz Neto

Lourenço Flores

MONITORAMENTO CONSTANTE

NOS OITO PRINCIPAIS FOCOS DE CONTAMINAÇÃO EM GOIÂNIA, TÉCNICOS DA COMISSÃO NACIONAL DE ENERGIA NUCLEAR EXAMINAM A RADIOATIVIDADE RESTANTE A CADA TRÊS MESES

Uma das razões para a fama da Rua 57 é a função que ganhou desde as primeiras suspeitas sobre o acidente nuclear em Goiânia: virou uma espécie de quartel-general do combate ao césio 137. Várias casas esvaziadas pelos moradores viraram alojamento, depósito e restaurante para militares e funcionários do governo escalados para lidar com o problema. Passados 20 anos, as mesmas residências abrigam outras famílias. Mas a maioria acabou no chão. As casas foram reformadas para receber mães, pais e filhos novamente. Os Silva moram numa dessas casas reerguidas por quem não se importou em ter o endereço de correspondência marcado pela Rua 57. Na época do vazamento do pó radioativo, o aposentado Odino Camilo da Silva, 81 anos, morava numa rua próxima, em um dos prédios altos da região. Assistia a toda a movimentação dos envolvidos na tragédia do césio 137 lá de cima. E não imaginava que 13 anos depois se mudaria para o imóvel onde funcionava o restaurante dos funcionários públicos responsáveis pela segurança e remoção dos rejeitos. Odino diz que ele, a mulher, filhos e netos moram hoje em paz na viela. Não se importam com a fama e o preconceito que a acompanham. Mas o filho mais velho, o vendedor Gildenyr Gouvea da Silva, 51, admite que nem sempre viveu assim. Houve época em que escondia ser morador do lugar que primeiro teve contato com o produto radioativo. “Para que eu ia dizer que morava aqui? Virou um folclore tão grande, eram tantos os boatos que a gente tomava cuidado para não falar o endereço. Principalmente eu, que trabalho com vendas”, conta.

Elemento ativo

Sabe-se que o elemento radioativo continua nos principais focos e contaminação. São oito pontos, localizados em quatro bairros da zona central da capital goiana. Mas a quantidade do material, que precisa de 300 anos para perder a radiação, é inofensiva. Está estabilizada há pelo menos três anos. Técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) fazem medições a cada três meses. Os índices de cada local têm menos radiação do que aquelas encontradas em algumas cidades brasileiras, como Guarapari (ES) e Poços de Caldas (MG). Enquanto a Rua 57 não se livra da má fama, algumas iniciativas tentam fazer com que ela pareça uma viela como outra qualquer. Recentemente, um empresário abriu um restaurante *self service* distante dois lotes do antigo terreno em que os catadores Wagner e Roberto tentaram abrir o cilindro. O dono evita falar no assunto. Não quer nem que os clientes ouçam o nome do elemento que começou a se espalhar por Goiânia a poucos metros de onde hoje se cobra para servir

almoço. “Não tem mais perigo. Nem se devia falar mais nisso”, encerra. A presença do repórter e do fotógrafo identificados com o crachá do **Correio Braziliense** incomoda. Mas o desconforto não existe apenas no restaurante a quilo. Cada morador gostaria de esquecer de tudo que se passou desde o 13 de setembro de 1987. Mas sabem que não há como ignorar a contaminação de centenas de pessoas. Eles também não têm como negar que a sombra do césio 137 percorreu Goiânia a partir da Rua 57. Foi dali que o pó de brilho azulado se espalhou para a maior catástrofe nuclear em área urbana no planeta. Numa mesma tarde quente repetida 20 anos depois.

Matéria 6

Brasília, quarta-feira, 12 de setembro de 2007.

Editora: Ana Paula Macedo

Subeditores: Olímpio Cruz Neto

Lourenço Flores

REMÉDIOS EM FALTA - EXATOS 20 ANOS DEPOIS DO MAIOR ACIDENTE COM MATERIAL RADIOATIVO EM ÁREA URBANA DO MUNDO, CENTENAS DE VÍTIMAS SOFREM SEM MEDICAMENTOS PARA TRATAMENTO DAS SEQÜELAS

Goiânia (GO) – As pessoas que tiveram contato com a radiação do césio 137 conquistaram o direito de receber gratuitamente do estado remédios indicados para as doenças provocadas pela contaminação. Os males são os mais diversos. Aqueles que sobreviveram carregam a sensação de envelhecimento precoce. A maioria tem entre 40 e 50 anos. Eram jovens em setembro de 1987, quando Goiânia sofreu o maior acidente nuclear do mundo em área urbana. Hoje sofrem de hipertensão, osteoporose, reumatismo, impotência, problemas cardíacos. Alguns desenvolveram tumores. Ao longo do último ano, porém, o desconforto e a agonia das vítimas pioraram. Desde abril do ano passado, a Secretaria de Saúde de Goiás enfrenta dificuldades no fornecimento das medicações. A distribuição de remédios se tornou inconstante e imprevisível. Hoje, quando a tragédia completa exatos 20 anos, caixas vazias dos mais diversos medicamentos se acumulam nas casas dos atingidos pelo desastre. Muitos recorrem a empréstimos para garantir a qualidade de vida. Acabam endividados — mesmo comprando apenas o básico. Outros deixam de tomá-los por não terem condições sequer de se sustentar. O presidente da Associação de Vítimas do Césio 137, Odesson Alves Ferreira, reclama do descaso. Lamenta a irregularidade e o sofrimento dos envolvidos. “O pior é que são medicações essenciais para uma vida no mínimo tolerável. A maioria das vítimas não tem condições de comprá-las e acaba numa situação ainda mais terrível”, denuncia. Odesson é irmão de Devair Alves Ferreira, dono de ferro-velho e comprador da cápsula do césio 137. Perdeu parte dos dedos das mãos após uma visita ao terreno onde o irmão morava. Também depende de medicamentos.

Dores e marcas

A família de Luiza Odete Mota dos Santos, 48 anos, e de Kardec Sebastião dos Santos, 51, é uma das que têm de pagar para ter os remédios necessários à sobrevivência. Na época do vazamento do material radioativo, o casal morava num dos maiores focos de contaminação de Goiânia. Viviam exatamente atrás do ferro-velho de Ivo Ferreira, na Rua 6, no Setor Norte Ferroviário. Ivo é pai de Leide das Neves, 6 anos, a menina que morreu depois de ingerir o pó branco e radioativo e virou símbolo da tragédia goiana. Odet, como prefere ser chamada, é tia de Leide e irmã da mãe dela, Lourdes das Neves Ferreira. A dona-de-casa precisa de reposição hormonal e cálcio. “Não tem um dia em que não sinto dores fortes nas juntas. Parece que tudo vem antes do tempo”, reclama. Odet pouco muda a expressão do rosto. É difícil dar uma risada e relaxar. Afinal, sem saúde fica difícil levantar da cama todos os dias. O césio também lhe arreventou a pele. Há marcas visíveis da radiação em várias partes do corpo. “Na noite da contaminação, o Ivo chegou com aquele pó brilhante. Disse: ‘É hoje que a Odet vai ficar bonita’. E passou aquilo no meu pescoço e no ombro. Até hoje tenho marcas de três dedos dele no meu braço”. O marido dela também revela sinais da destruição no braço e na barriga. Além da deformação, o césio provocou a diminuição da quantidade de plaquetas no sangue dele. A falta destes fragmentos de célula o expõe ao risco de morte, pois são elas as responsáveis pela interrupção de hemorragias. Kardec economiza nas palavras, quase não fala. Tenta manter o bom humor e ser gentil, mas sofre pelos cinco filhos e quatro netos. Todos têm problemas de formação. Os netos mais novos, um de 1 ano e outro de 3 meses, nasceram com refluxo. Vomitam com frequência. E dependem de medicamentos. A família Santos faz parte do grupo 1 (alto índice de radiação) entre os contaminados, segundo a denominação dada pelos técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN). Para elas e para a segunda e a terceira gerações de descendentes estão previstas pensões vitalícias de até R\$ 800, mais assistência médica integral, que inclui os remédios. Passados 20 anos, os governos federal e estadual pagam R\$ 1,1 mil ao casal. Mas o goiano cobra R\$ 75,35 pelo plano de saúde, não garante exames e mal distribui os remédios.

Dívida

A dona-de-casa Dalva Felizário de Jesus, 62 anos, teve de recorrer a um empréstimo no banco para garantir os medicamentos da família. A exemplo de Odet, morava num dos focos de contaminação do césio em 1987. Ela é ex-mulher de Ernesto Fabiano, irmão de Édson, o responsável por apresentar o pó branco aos parentes. Eles viviam na Rua 17A, no Setor Aeroporto, bem perto do ferro-velho de Devair. É o local onde a cápsula com o produto radioativo acabou desmontada e detonou o acidente nuclear. O ex-marido de Dalva, fascinado com o brilho azul do material, queria fazer uma jóia para a mulher. Ela não gostou da idéia e jogou o fragmento no vaso sanitário — o césio não atingiu o lençol freático, mas todo o terreno recebeu uma camada espessa de concreto. Duas décadas depois, a dona-de-casa sofre de problemas de pressão e gastrite. Tem dificuldades de tocar a vida sem os comprimidos receitados para aliviar os sintomas das doenças dela, dos dois filhos e dos quatro netos. O mesmo drama vivem os 186

trabalhadores do quase extinto Consórcio Rodoviário Intermunicipal (Crisa). São motoristas, mecânicos, pedreiros, marceneiros, faxineiros e engenheiros que trabalharam diretamente no serviço de descontaminação. Entre eles, o mecânico Teodoro Juvenal Bispo Neto, 57 anos, e a mulher, Valdeni, 55. Ele tem dores nos ossos e na cabeça. Também perdeu vários dentes. Ela sente cansaço excessivo. O casal recebe R\$ 614 por mês. Mas precisa de R\$ 800 só para medicações.

Césio 137 - remédios em falta: quase dois anos de crise

A Superintendência Leide das Neves (Suleide) é responsável pela distribuição dos medicamentos comprados pelo governo de Goiás para vítimas do césio 137. Até o início do ano passado, a entidade, criada pelo estado em 1998 e vinculada à Secretaria Estadual de Saúde, cumpriu com regularidade a função de repassar os remédios aos atingidos. Mas dificuldades burocráticas para licitações, demora no pagamento dos produtos e encomendas consideradas de pequena quantidade pela indústria farmacêutica local contribuíram para o caos no fornecimento. O superintendente da Suleide, o médico José Ferreira Silva, admite o problema. E acrescenta que também depende da disponibilidade da Relação Estadual de Medicamentos Essenciais (Resme) de 2006 — o documento contém a previsão de remédios nos próximos quatro anos — para garantir a distribuição sem falhas. “O principal fator é que algumas distribuidoras deixaram de fazer negócio com a Secretaria de Saúde, mas tudo estará resolvido em breve”, afirma Ferreira, único dos 13 profissionais de saúde da Suleide que estudou física nuclear. O fornecimento das medicações começou a ser normalizado na primeira semana de setembro, quando o governo goiano firmou convênio com uma rede de farmácias. “Só conseguimos isso porque alguns distribuidores se sensibilizaram com a dificuldade”, revela o superintendente. A Suleide também tentará outras alternativas para evitar que se repitam problemas no fornecimento. Entre elas, a instalação de uma farmácia na sede da Suleide e o fechamento de uma parceria com a farmácia popular do Ministério da Saúde. Ao todo, 156 vítimas do césio 137 têm direito à assistência do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado e a receber medicações da Suleide — na época da criação da entidade eram 102. Não existem medicamentos específicos para a radiação. Apenas para as consequências dela. A maioria das pessoas que tiveram contato direto com o pó radioativo também precisa de remédios para doenças psicossomáticas. São distúrbios como úlcera, alergias e hipertensão.

Militares

O benefício também é procurado por entidades como a Associação dos Militares Vítimas do Césio 137. São 500 associados, entre policiais militares e bombeiros que, em 1987, trabalharam no isolamento e segurança dos locais contaminados e no transporte de rejeitos. A associação luta até hoje na Justiça pelo reconhecimento dos militares como vítimas do material radioativo. O secretário da entidade, sargento Santos Francisco de Almeida, 45 anos, denuncia que o governo estadual reconhece a exposição

dos servidores, mas paralisa as ações na Justiça. Santos é um dos atingidos pela radiação. Sofre de pressão alta, diabetes, depressão, insônia e incontinência urinária. “Trabalhei com os rejeitos e nos centros de triagem do Estádio Olímpico de Goiânia. Acabamos expostos à contaminação e nem mesmo usávamos roupas especiais como os técnicos da CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear)”, reclama. O sargento continua na ativa. Mas nem todos continuaram a carreira. O tenente Edvaldo Martins Gomes, 42, foi declarado incapacitado para a função depois de fazer o mesmo serviço. A radiação o devastou. Desenvolveu tumor maligno no tórax, problemas respiratórios e nas amígdalas. Passou por seis cirurgias. “Os rejeitos ficavam a céu aberto e nós passávamos o dia todo nos locais. Perdi meu corpo e meus sonhos. Me formei em direito, queria ser coronel e sou primeiro tenente”, lamenta. Ironia ou coincidência, Gomes vive numa casa da PM na Rua 57. É o local onde a tragédia começou.

EXATOS 20 ANOS DEPOIS DO MAIOR ACIDENTE COM MATERIAL RADIOATIVO EM ÁREA URBANA DO MUNDO, CENTENAS DE VÍTIMAS SOFREM SEM MEDICAMENTOS PARA TRATAMENTO DAS SEQÜELAS



Figura 17 – Matéria do *Correio Braziliense* - Teodoro e Valdeni trabalharam na descontaminação da área. Hoje, recebem pensão de R\$ 614. Só com remédios, gastam R\$ 800.

Matéria 7

Brasília, 14 de setembro de 2007

Editora: Ana Paula Macedo

Subeditores: Olímpio Cruz Neto

Lourenço Flores

Tragédia

Solidariedade às vítimas do descaso com o Césio 137. Exatos 20 anos após a tragédia com o césio 137, que matou 60 pessoas e afetou 6 mil em Goiânia, manifestantes depositaram flores no local onde a cápsula com material radiativo foi desmontada. Eles pediram mais assistência às vítimas do acidente. No Rio de Janeiro, ativistas do Greenpeace protestaram na Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen).

Contra o esquecimento

EM GOIÂNIA, MANIFESTANTES LEVAM FLORES ATÉ A RUA 57, CENTRO DO DESASTRE QUE AFETOU 6 MIL PESSOAS

Césio 137 – Greenpeace protesta em frente à Cnen

Os 20 anos do drama vivido pelas vítimas do acidente radioativo com o Césio 137, em Goiânia (GO), também foram lembrados ontem durante protesto no Rio de Janeiro. A organização não-governamental Greenpeace aproveitou a data para realizar uma manifestação contrária ao uso da energia nuclear no Brasil. O ato, que interditou os portões de entrada da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen), vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, em Botafogo, Zona Sul da capital fluminense, acabou em empurra-empurra com a polícia. O grupo formado por 20 ativistas ligados ao grupo ambientalista chegou ao local por volta das 10h, se prendeu com correntes e cadeados nos três portões que dão acesso ao prédio e instalou em frente à entrada principal uma placa com os dizeres “Memória Césio 137: 60 mortos, 6 mil vítimas e 20 anos de descaso. Brasil, o país da insegurança nuclear”. Os manifestantes impediram a entrada e saída de carros e pessoas. Até mesmo os funcionários da CNEN que quiseram deixar o órgão ficaram retidos. O bloqueio só foi interrompido com a chegada da Polícia Militar quase duas horas depois. Sem conseguir dialogar com os ambientalistas, os policiais serraram as correntes e retiraram os manifestantes da frente do prédio à força. De acordo com integrantes do Greenpeace, a polícia usou sprays de pimenta para forçá-los a liberar os portões. Desfeito o protesto, os manifestantes permaneceram em vigília encostados no muro da CNEN. “Só vamos sair daqui se formos removidos. Reivindicamos a não construção de Angra 3 e o fim do programa nuclear brasileiro”, afirmou Rebeca Lerer, uma das coordenadoras da campanha de energia do Greenpeace. A Associação das Vítimas do Césio 137 de Goiânia se juntou aos militantes da ONG para reclamar do descaso com os afetados pela tragédia radioativa na capital goiana. “As pessoas esqueceram o acidente. Eu me lembro disso todos os dias”, lamentou Obesson Júnior, 32 anos.

Sobrinho do homem que comprou a cápsula de césio, Júnior tinha 12 anos quando foi contaminado, tendo de ficar internado 90 dias em tratamento e sem contato com a família. Em nota à imprensa, a CNEN afirmou “compartilhar do mesmo sentimento de solidariedade manifestado por toda a sociedade em relação às vítimas do acidente”. A CNEN destacou também que faz “monitoramento periódico dos níveis de radioatividade” em Goiânia. Sobre as críticas dos ambientalistas quanto à segurança do uso de energia nuclear no Brasil, a comissão disse que “as normas de radioproteção estão de acordo com os padrões difundidos pela Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea)”, e que “a energia nuclear no Brasil não oferece riscos”.

HÉRCULES BARROS

Há 20 anos, a vida de cerca de 6 mil pessoas em Goiânia foi selada pelo maior acidente radioativo do Brasil — e o maior com material nuclear em área urbana do mundo. Unidos pela dor, os afetados pela radiação se organizaram e realizaram, ontem, uma caminhada para lembrar a tragédia. A Associação das Vítimas do Césio 137 (Avcésio) organizou, no fim do dia, uma passeata da Câmara Municipal da capital goiana até a Rua 57, onde ocorreu o acidente, em 13 de setembro de 1987. Durante cerca de 45 minutos, pessoas que tiveram contato direto com o césio ou vítimas indiretas do desastre, além de profissionais de segurança pública que trabalharam na descontaminação das áreas afetadas na época, carregaram velas e cantaram músicas como *Rosa de Hiroshima*, do poeta Vinícius de Moraes. As velas foram depositadas no centro do lote onde a cápsula foi aberta. Em seguida, um grupo de dança apresentou uma coreografia para homenagear os pelo menos 60 mortos no acidente. “É para que as vítimas não sejam esquecidas”, afirmou o ambientalista Guilherme Leonardi, coordenador da campanha de energia do Greenpeace, entidade que apoiou a manifestação. Pela manhã, o grupo participou de uma série de palestras na Câmara com pesquisadores e representantes de associações de vítimas do césio 137. O encontro serviu para definir as principais reivindicações dos afetados pela radioatividade. “Tratamos principalmente da contaminação nas áreas afetadas, além da discriminação e da falta de assistência às vítimas”, afirmou o motorista Obesson Alves Ferreira, presidente da associação. Muitas famílias ainda lutam por indenizações. “O césio nos trouxe uma experiência que não queremos para o nosso futuro. A insegurança nuclear no Brasil é o que nos leva a pedir: césio nunca mais”, reforçou Odesson. Até hoje, a tragédia de Goiânia é considerada o pior acidente radiológico em área urbana do mundo. No dia 13 de setembro de 1987, dois catadores encontraram uma peça de metal nas ruínas abandonadas do Instituto Goiano de Radioterapia. Alguns dias depois, a peça foi vendida para um ferro velho e desmontada por Devair Alves Ferreira, que ficou fascinado com o que encontrou dentro do cilindro: um pó azul que brilhava no escuro, o césio 137. Dados da associação dão conta de que 19 gramas de césio contaminaram, aproximadamente, 6 mil pessoas. Os afetados sofrem com problemas como câncer, alterações genéticas, sequelas psicológicas e preconceito. A tragédia ainda deixou como herança cerca de 20 toneladas de material radioativo, armazenadas posteriormente em um depósito na cidade de Abadia de Goiás. “A segurança nuclear no Brasil é algo que o

governo não tem capacidade de garantir e, mesmo assim, optou por investir na construção de Angra 3”, reclamou Ricardo Baitelo, coordenador da campanha de energias renováveis do Greenpeace.

A partir dessas matérias e do acontecimento em si, fizemos as reflexões a seguir no Capítulo 3.

CAPÍTULO 3

COMO OPERARAM AS CATEGORIAS DO JORNAL *CORREIO BRASILIENSE* 20 ANOS APÓS O ACIDENTE DO CÉSIO 137

3.1 – ANÁLISE DA MUDANÇA DE DISCURSO ENTRE AS PRIMEIRAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS E AS REPORTAGENS ESPECIAIS

Este capítulo encetará a mudança de discurso jornalístico que ocorre nas matérias veiculadas (capítulo 2) vinte anos depois do acidente.

As matérias que relatam o início do desastre estão todas no estilo jornalístico Lide ou Lead, estilo que determina as cinco perguntas que a matéria tem que responder: o quê, quem, quando, por que, como e onde. O conceito Lide parte da ideia da pirâmide invertida, ou seja, os fatos seriam relatados em ordem decrescente de importância: Pirâmide invertida, lide, sublide, desenvolvimento e fechamento.

No funcionamento do lide, os objetivos são: dar ao leitor as principais informações no primeiro parágrafo da notícia e prender a leitura. Justifica-se na fórmula que permite uma interrupção da leitura sem prejuízo do principal. Sua vantagem: facilitar o processo de edição e diagramação.

Claro que as implicações desse modelo reforçam o mito da objetividade jornalística e, por consequência, a do historiador. Tanto que o slogan anglo-saxão de que “é livre o comentário, mas os fatos são sagrados” rege os lides.

De outro lado, corresponde a uma proteção aos jornalistas e empresas e a uma divisão do espaço que configura a sustentação do negócio via publicidade.

A seguinte matéria segue esse exemplo:

“A União soviética confirmou ontem a ocorrência de um acidente na usina atômica de Chernobyl, a “130” quilômetros ao norte de Kiev, na região Oeste do país, que danificou um reator nuclear. A informação foi dada pela agência Tass, horas depois dos governos da Suécia, Finlândia e Dinamarca constataram que uma nuvem de material radioativo estava atingindo a região desde sábado.” Cit. P. 50.

De modo simples e “objetivo” responde as cinco questões básicas.

Vinte anos depois, as matérias de cobertura possuem outro estilo, o do jornalismo literário.

O jornalismo literário, como o nome diz, é uma especialização da arte da literatura, também conhecido como literatura não-ficcional, não-ficção criativa, literatura da realidade, jornalismo em profundidade, jornalismo diversional, reportagem-ensaio, jornalismo de autor, onde mudam os temas, vocabulários e vozes presentes nas matérias jornalísticas.

De todos os gêneros, o mais híbrido, flexível e literário para o jornal, na perspectiva de Enric Sòria, é a crônica. Esta, segundo o seu ponto de vista, resulta na descrição de um acontecimento sob o prisma pessoal e reflexivo do autor, enquanto a notícia obedece a um formato textual informativo mais rígido. O termo “crônica”, tal como Gonzalo Vivaldi esclarece em *Gêneros Periodísticos* (1986), provém da palavra grega *cronos*, que significa tempo, o que comprova que esse gênero, antes de ficar restrito ao campo jornalístico, inicialmente se fundia com o da literatura, e era considerado um gênero literário que relacionava acontecimentos históricos e que obedecia a uma ordem temporal (1986, p. 123).³⁶

Exemplo de crônica do jornalismo literário se dá nas reportagens especiais de 2007:

Os filhos do césio nasceram de pais contaminados pelo pó branco de brilho azul. O produto vazou de um aparelho de raios X abandonado em um hospital desativado, no centro de Goiânia, e violado por dois catadores de sucata. As outras vítimas são servidores públicos — médicos, enfermeiros, bombeiros e policiais militares. Também trabalhadores de baixa renda foram colocados em perigo — alguns do Consórcio Rodoviário Intermunicipal e da construtora Andrade Gutierrez. Todos tiveram contato direto com o material radioativo ou trabalharam na descontaminação. Nenhum recebeu roupas especiais para concluir o serviço em segurança. Assim, sofreram os efeitos diretos da radiação e carregaram resíduos do césio 137 nas roupas, contaminando familiares, amigos e vizinhos. Apesar de reconhecidos pelo poder público como vítimas do acidente, a maioria dos servidores estaduais e municipais não conta hoje com qualquer tipo de ajuda.

³⁶ Nídia Sofia Faria. *Comunicação Pública*. Jornalismo Literário: um olhar histórico para o gênero e suas características. Especial 01E. 2011. Mestrados ESCS. P. 26.

Levantamento feito pelo Correio, a partir de dados do Ministério Público de Goiás e dos sindicatos das categorias, revela que ao menos 40 servidores morreram sem conseguir assistência médica ou financeira do poder público. Outros 170 tentam um auxílio, ainda em vida, brigando na Justiça. Oficialmente, só foram reconhecidas até agora 14 mortes em decorrência da exposição ao césio 137. O número é contestado por associações de vítimas do acidente e por promotores públicos, que apontam 66 casos. (Matéria 1 , cit p. 67)

O tratamento dado nas reportagens especiais é mais acurado ao descrever o contexto e o cenário das reportagens, preocupando-se o texto com as minúcias e sutilezas na descrição dos protagonistas, quando afirma, por exemplo, que “todos tiveram contato com a radiação. Nenhum recebeu roupas especiais para trabalhar em segurança”. Praticamente, no noticiário normal, ninguém se preocupa com isso.

No Jornalismo Literário, ao contrário do Lide ou Pirâmide Invertida, não só o início, mas toda a matéria ganha importância. No texto *Jornalismo Literário, o desafio de agora*³⁷, Edvaldo Pereira Lima comenta: “Seria equívoco imaginar que o jornalismo literário morreu com o *new journalism*, cuja efervescência, infelizmente, minguou-se há muito. Apesar da diminuição do espaço para a grande reportagem na maioria dos periódicos – um fenômeno presente em muitos países –, a versão século XXI do jornalismo literário continua viva e pulsante em alguns jornais, revistas e, principalmente, no livro-reportagem”. Mesmo temas ásperos parecem ganhar poesia:

Dores e marcas

A família de Luiza Odete Mota dos Santos, 48 anos, e de Kardec Sebastião dos Santos, 51, é uma das que têm de pagar para ter os remédios necessários à sobrevivência. Na época do vazamento do material radioativo, o casal morava num dos maiores focos de contaminação de Goiânia. Viviam exatamente atrás do ferro-velho de Ivo Ferreira, na Rua 6, no Setor Norte Ferroviário. Ivo é pai de Leide das Neves, 6 anos, a menina que morreu depois de ingerir o pó branco e radioativo e virou símbolo da tragédia goiana. Odete, como prefere ser chamada, é tia de Leide e irmã da mãe dela, Lourdes das Neves Ferreira. A dona-de-casa precisa de reposição hormonal e cálcio. “Não tem um dia em que não sinto dores fortes nas juntas. Parece que tudo vem

³⁷ Edvaldo Pereira Lima. *Jornalismo literário, o desafio de agora*. Acessado no site <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>, dia 10.5.16, às 11h05.

antes do tempo”, reclama. Odete pouco muda a expressão do rosto. É difícil dar uma risada e relaxar. Afinal, sem saúde fica difícil levantar da cama todos os dias. O césio também lhe arreventou a pele. Há marcas visíveis da radiação em várias partes do corpo. “Na noite da contaminação, o Ivo chegou com aquele pó brilhante. Disse: ‘É hoje que a Odete vai ficar bonita’. E passou aquilo no meu pescoço e no ombro. Até hoje tenho marcas de três dedos dele no meu braço.” O marido dela também revela sinais da destruição no braço e na barriga. Além da deformação, o césio provocou a diminuição da quantidade de plaquetas no sangue dele. (Mat. 6. Cit. P. 80)

A grande deterioração revelada pelo trecho acima carrega a marca da crônica do jornalismo literário, que torna a notícia autodescritiva. A jornalista Angélica Fabiane Wise³⁸ nos diz que “o jornalismo é fato da realidade. A literatura, da realidade somada à ficção. O jornalismo literário, logo, é uma miscelânea de ambos. Cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. Esse trinômio alicerça e ornamenta o texto que é levado ao leitor. E o jornalismo, enquanto retrato fiel da realidade, inspira a literatura; esta, em escala menor, também acresce ao mesmo”.

Acrescenta, “mas para que o jornalismo literário seja compreendido de fato, é preciso realizar uma dissecação pormenorizada do que é jornalismo de fato e do que é jornalismo com influência da literatura”. No primeiro caso, a prioridade é informação básica, essencial, fundamental à compreensão do que se quer noticiar. Variáveis como prazo e espaço disponível pressionam o profissional e o próprio veículo de mídia impressa a enxugar texto e tempo para que a informação se adeque à necessidade do leitor e cumpra sua missão primordial de informar. Já o jornalismo literário traz consigo não só uma notícia, mas também uma história. A informação ganha companhia de adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico. Este estilo de informar tem aspectos que o tornam, sem exageros, nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. Por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo, descreve a jornalista Angélica Fabiane Wise, como nos apresentado no texto a seguir:

³⁸ Angélica Fabiane Wise. *Para compreender o jornalismo literário*. Observatório da Imprensa. Ed. 730, de 22.1.2013.

Há 20 anos, a vida de cerca de 6 mil pessoas em Goiânia foi selada pelo maior acidente radioativo do Brasil — e o maior com material nuclear em área urbana do mundo. Unidos pela dor, os afetados pela radiação se organizaram e realizaram, ontem, uma caminhada para lembrar a tragédia. A Associação das Vítimas do Césio 137 (Avcésio) organizou, no fim do dia, uma passeata da Câmara Municipal da capital goiana até a Rua 57, onde ocorreu o acidente, em 13 de setembro de 1987. Durante cerca de 45 minutos, pessoas que tiveram contato direto com o césio ou vítimas indiretas do desastre, além de profissionais de segurança pública que trabalharam na descontaminação das áreas afetadas na época, carregaram velas e cantaram músicas como Rosa de Hiroshima, do poeta Vinícius de Moraes. As velas foram depositadas no centro do lote onde a cápsula foi aberta. Em seguida, um grupo de dança apresentou uma coreografia para homenagear os pelo menos 60 mortos no acidente. “É para que as vítimas não sejam esquecidas”, afirmou o ambientalista Guilherme Leonardi, coordenador da campanha de energia do Greenpeace, entidade que apoiou a manifestação. Pela manhã, o grupo participou de uma série de palestras na Câmara com pesquisadores e representantes de associações de vítimas do césio 137. O encontro serviu para definir as principais reivindicações dos afetados pela radioatividade. “Tratamos principalmente da contaminação nas áreas afetadas, além da discriminação e da falta de assistência às vítimas”, afirmou o motorista Obesson Alves Ferreira, presidente da associação. Muitas famílias ainda lutam por indenizações. “O césio nos trouxe uma experiência que não queremos para o nosso futuro. A insegurança nuclear no Brasil é o que nos leva a pedir: césio nunca mais”, reforçou Odesson. Até hoje, a tragédia de Goiânia é considerada o pior acidente radiológico em área urbana do mundo. . (Mat. 6. Cit. p. 85/86).

Continua Angélica Fabiane Wise: “o jornalismo literário, além de trazer as informações completas, somadas a uma boa narrativa escrita, proporciona ao leitor uma visão mais ampla do acontecimento. Nesse contexto, o jornalismo literário vai além da abrangência dos fatos e, sim, ultrapassa os limites das informações”.

Para identificar o jornalismo literário, as características apontadas por alguns pesquisadores se tornam relevantes. Felipe Pena (2008, p. 13) aponta algumas características que ele convencionou chamar ‘estrela de sete pontas’. Segundo Pena, qualquer uma dessas características utilizadas no texto já faz parte do jornalismo literário.

‘Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos’ (PENA, 2008, p.13). Para Pena (2008), da primeira característica, ‘potencializar os recursos do jornalismo’, podem-se constituir novas estratégias profissionais. Na segunda, ‘ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano’, ressalta ultrapassar os limites do tempo. A terceira ponta da estrela, ‘proporcionar uma visão ampla da realidade’, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. A quarta característica, ‘exercer a cidadania’, afirma que é dever do jornalista o compromisso com a sociedade. A quinta característica, ‘romper com as correntes do lead’, a sexta ‘evitar os definidores primários’. E a última, ‘perenidade’”.

Essa mudança de discurso focaliza o acidente de forma mais humanizada e trágica: tem o tom denunciativo ao lado do informativo, priorizando os aspectos médicos e financeiros dos remanescentes dos grupos atingidos pela radiação.

Interessante também é o fato de que focaliza os trabalhadores indiretos – lavadeiras, soldados do lixo, motoristas, mecânicos, trabalhadores do depósito do lixo etc. – e seus descendentes, inclusive.

Não deixa de relatar a história do acontecimento, como na matéria 2, mas os seus temas se modificam: são as emoções, as necessidades vitais, a discriminação e o preconceito. Trabalha números e pessoas – como na matéria 4, que trata da mãe de Leide das Neves, Lourdes das Neves – no seu cotidiano.

As frases são curtas e a adjetivação pende para o trágico e catastrófico.

Os aspectos políticos, que, nas primeiras reportagens jornalísticas feitas na época do acidente, davam o tom – o fato de o país não saber lidar com acidentes radioativos – cede lugar à crítica e à exposição dos desvalimentos do Estado para com os remanescentes do acidente.

Isso significa que o tempo incidiu sobre o fato e que a visão ou ponto de vista sobre ele também se modificou. Se parte desse ponto de vista se atém mais ao trágico que pode ter sobrado do acontecimento vinte anos depois, parte dele também proporá o esquecimento do próprio fato, este especialmente dado nas ações que ocorrerão no futuro, mudando ou buscando esquecer alguns lugares da memória coletiva.

Quando analisa a mudança dos lugares de memória, Halbwachs aduz que “É verdade que a impressão de mobilidade predomina por bastante longos e ao mesmo

tempo se explica pela natureza inerte das coisas físicas e pela relativa estabilidade dos grupos sociais.”³⁹ O que um evento, como o Desastre Radiológico em Goiânia, causou em todo o grupo social que nele se envolveu diretamente ou que dele tomou conhecimento? Halbwachs indica o que ocorre, analisando que “(...) um acontecimento realmente grave sempre traz consigo uma mudança nas relações do grupo com o lugar. (...) A partir desse momento, este não será exatamente mais o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva e, ao mesmo tempo, o ambiente material também não será mais o mesmo.”⁴⁰

Halbwachs toca também em mais um ponto sensível que pode contribuir em definitivo, para que a sociedade, paulatinamente, esqueça os acontecimentos graves. “Temos de levar em conta o fato de que os habitantes são levados a prestar uma atenção muito desigual ao que chamamos de aspecto material da cidade, mas que a maior parte se sentiria bem mais sensibilizada com o desaparecimento dessa rua, desse prédio, daquela casa, do que pelos acontecimentos nacionais, religiosos, políticos mais sérios. Por isso, os efeitos de perturbações que abalam a sociedade sem alterar a fisionomia da cidade se abrandam quando passamos a essas categorias do povo que se apega mais às pedras do que aos homens.”⁴¹

Porém, “as cidades se transformam no curso da história.”⁴² O Hospital da Santa Casa de onde a cápsula de césio 137 foi arrancada cedeu lugar a um moderno Centro de Convenções, agora espaço de reuniões importantes e diversões. Na Rua 57, (antigo Bairro Popular, que também teve seu nome mudado) onde a cápsula foi violada, um eloquente espaço vazio permanece, melancolicamente, sob cinco metros de concreto bruto depositados sobre todo o terreno do lote, como um monumento silencioso ao Desastre.

De outro lado, um imponente prédio construído no meio do nada, onde se situava o simples povoado de Abadia, hoje município, agora se encontra na cidade de Abadia de Goiás, o Depósito do “Lixo” Radioativo da Comissão Nacional de Energia Nuclear – CNEN, centro de referência mundial sobre o tema.

Também o lugar onde se situava o velho Estádio Olímpico, local onde se deram as constrangedoras, mas necessárias, medições de índices de radiação nos corpos de

³⁹ Halbwachs. Op. Cit. p. 159

⁴⁰ Halbwachs. Op. Cit. p. 160

⁴¹ Halbwachs. Ibidem. P. 161

⁴² Halbwachs. Ibidem. P. 162

milhares de pessoas, este ano ainda – 2016 – deve ser inaugurado um ultra moderno Centro de Excelência Esportiva.

Todas essas transformações demonstram que, apesar do esforço dos homens pela permanência, “as cidades se transformam”, e essas foram apenas algumas das modificações que o Desastre do Césio 137 impôs a Goiânia, em alguns casos melhorando, em outros piorando a paisagem urbana. Indicam, também, que um objetivo não confessado foi operado, o de instalar pouco a pouco o esquecimento. Essa relação intrínseca da memória coletiva, do lugar de memória e do esquecimento do Desastre do Césio 137 em Goiânia, terá seu estudo aprofundado em uma próxima pesquisa, por sua importância crucial no que se refere ao entendimento do que estas mudanças ambientais causaram na sociedade goianiense.

À guisa de exemplo, observemos detalhadamente o mais recente foco de transformações dos cenários urbanos do “Circuito do Césio”, o Estádio Olímpico. Local, como dissemos, onde os índices de medição de contaminação eram verificados por meio de aparelhos denominados contadores *Geigers*: há fotos das filas imensas formadas no gramado do estádio em 1987, mimetizando as filas dos campos de concentração nazistas, dado o caráter praticamente obrigatório de presença neste ato, onde técnicos da CNEN – Comissão Nacional de Energia Nuclear, comandavam o espetáculo, sem expectadores nas arquibancadas, apenas participantes do macabro “show” encenado para a mídia – sempre ela – registrando o fato para a sua posterior rememoração.

De outro lado, o novo estádio em vias de ser reinaugurado pelo governo estadual, totalmente repaginado, com imponentes refletores singrando o céu do centro da cidade, novíssimas arquibancadas e gramados que em nada relembram aqueles em que autoridades e população pisaram há quase 29 anos. É fato inegável, apesar da aparente estabilidade e permanência, que a história de Goiânia se transformou. Constatamos isso analisando apenas alguns dados a partir de um elemento central – a paisagem urbanística do centro da cidade, seu lugar de memória, após o Acidente com o Césio 137.



Figura 18 – Estádio Olímpico à época

Fonte: Panoramio Imagens



Figura 19 – Estádio Olímpico Hoje

Fonte: Globoesporte

Segundo Le Goff: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas.”⁴³ Este conceito de Le Goff dá conta ainda de que “o processo da memória no homem faz intervir não só ordenação de vestígios, mas também releitura desses vestígios(...) (CHANGEUX, 1972, p. 356).”⁴⁴

Le Goff alerta, contudo, para o oposto do que é considerado memória, a amnésia: “Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva.”⁴⁵

A memória, portanto, com sua função de conservar certas informações, fazer releitura destas informações, bem como, involuntária ou voluntariamente, sofrer amnésia causando perturbações graves de identidade coletiva, por si só não pode ser rotulada como algo negativo ou positivo. Mas o uso ou desuso que se fizer dela, sim.

Grupos sociais querem lembrar alguns fatos, que lhes são positivos e esquecer de outros que se lhes apresentem como negativos. Quando esses grupos são investidos de grande poder, essas determinações de só lembrar pontos seletivos praticamente viram normas e até leis. Os fatos históricos ou desaparecem ou sofrem releituras a partir da memória desses grupos poderosos – este é um dos objetivos desta pesquisa, contribuir para evitar que o Desastre com Césio 137 em Goiânia seja objeto da amnésia nacional.

A propósito da memória e do esquecimento na luta pelo poder, Jacques Le Goff comenta: “Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desse mecanismo de manipulação da memória coletiva.”⁴⁶

⁴³ Jacques Le Goff. História e Memória. Op.cit., p. 423

⁴⁴ Idem, Jacques Le Goff. p. 424

⁴⁵ Idem, Le Goff. p. 425

⁴⁶ Idem, Le Goff. p. 426

No sentido que Jacques Le Goff dá a Hobsbawn, o evento pesquisado já pode estar se transformando em passado: “Eric Hobsbawn (1972) levantou o problema da ‘função social do passado’ entendendo por passado o período anterior aos acontecimentos de que um indivíduo se lembra diretamente.”⁴⁷ Neste aspecto o que se pode constatar na pesquisa das matérias do *Correio Braziliense* sobre o Césio 137 é que cada vez mais, à medida que o tempo passa, a sociedade se lembra menos do acidente radiológico em Goiânia em si, apontando mais as consequências e as mazelas do que alertando para acidentes no futuro: as crônicas dos vinte anos apontam isso, pelo seu tom reivindicatório e trágico. E as mudanças na paisagem urbana também.

Le Goff aponta ainda que diversos momentos, sejam os de cunho nazista, fascista ou revolucionários, tiveram como palavra de ordem e objetivo o regresso ao passado. “Por exemplo, a tentativa de Zapata de restaurar, no México, a sociedade camponesa de Morelos, no estado em que se encontrava há quarenta anos antes, riscando a época de Porfirio Díaz e regressando o *status quo* anterior.”⁴⁸ Poderíamos levantar uma hipótese, a ser definida futuramente, de que o acontecimento em Goiânia, no ano de 1987 teria um forte desejo de esquecimento e apagamento por parte considerável da sociedade brasileira, buscando um retorno a um passado idealizado, no qual não havia este histórico nuclear. Consciente ou inconscientemente, diversos movimentos da sociedade seguem, em Goiânia, Brasília, no Brasil ou no mundo, nessa direção. No Brasil, já existem programas institucionais no governo federal, por exemplo, louvando os imensos benefícios da energia advinda das usinas nucleares, como que preparando os espíritos, os ânimos da sociedade para que reajam positivamente à disseminação dessas usinas de fusão nuclear pelo país, sem uma reflexão mais profunda sobre seus efeitos. Seria uma espécie de retorno ao passado idílico do Brasil Potência, que vigorou nas décadas de 1960,1970 e parte da década de 1980 – até a derrocada econômica da chamada Década Perdida, praticamente de forma simultânea ao acidente com o Césio 137 em Goiânia.

Quanto à importância desses lugares de memória, Jacques Le Goff registra que “a evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho

⁴⁷ Le Goff. Op.cit., p. 212

⁴⁸ Idem, Le Goff. p. 213

histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.”⁴⁹ Nesse tópico, onde o autor aborda o valor da memória, fica evidente que trabalhar nesse aspecto social – a memória coletiva – é essencial na escrita da história e torna-se um elo na corrente histórica, capaz de suprir eventuais manipulações e tentativa de apagamento de eventos importantes na história dos povos. Eis nossa contribuição, pesquisando, nas datas de aniversário e inicialmente, o acontecimento do Desastre do Césio 137 em Goiânia nas páginas do jornal *Correio Braziliense*.

A memória permite ao indivíduo o progresso, pois evita que sua trajetória seja o processo repetitivo da rotina que, sozinha, não permite a evolução social “Mais do que nunca, são verdadeiras as palavras de Leroi-Gourhan: ‘a partir do *Homo Sapiens* a constituição de um aparato da memória social domina todos os problemas da evolução humana’ (1964, p. 24).

O acidente de 1987 deve, portanto, ser lembrado através de marcos de memória, mas tendo em vista especialmente o futuro da questão nuclear no Brasil, o que parece não vem acontecendo.

Le Goff prossegue analisando a questão do poder inserido na memória coletiva: “Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.”⁵⁰ Possuindo como objeto de pesquisa um jornal, não podemos ser ingênuos e descartar as possibilidades de manipulação a que a mídia está sujeita, por seus proprietários e acionistas, bem como por outras instituições privadas e governamentais.

O mesmo Le Goff, repassando estes processos de construção e desconstrução da memória no transcurso da história, ao chegar nos tempos modernos faz esta constatação: “Nas sociedades desenvolvidas, os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam a vigilância dos governantes, mesmo se podem controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória, nomeadamente a do rádio e a da televisão. E, sem pudor, o autor convoca: “Cabe, com efeito, aos

⁴⁹ Idem, Le Goff. p. 475

⁵⁰ Idem, Le Goff. p. 476

profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazerem da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica. (...) A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para seguir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.⁵¹

Conceito já repassado em Halbwachs e Le Goff, Paul Ricouer acrescenta: “De um lado, as anotações sobre o esquecimento constituem, em grande parte um simples anverso daquelas que dizem respeito à memória; lembrar-se é, em grande parte, não esquecer. De outro lado as manifestações individuais do esquecimento estão inextricavelmente misturadas em suas formas coletivas, a ponto de as experiências mais perturbadoras do esquecimento, como a obsessão, somente desenvolverem seus efeitos mais maléficos na escala das memórias coletivas; ora, é também nesta escala que intervém a problemática do perdão, a qual manteremos afastada por tanto tempo quanto possível”.⁵²

Na sequência, o autor indica um problema recorrente nos dias de hoje: “Os casos de esquecimento de projetos – omissão de fazer – revelam, além disso, os recursos estratégicos do desejo em suas relações com outrem: a consciência moral buscará neles seu arsenal de desculpas para sua estratégia de desculpação. A linguagem contribui com isso por seus lapsos; a prática gestual pelas confusões, desajeitamentos e outros atos falhos (a chave do escritório inserida na porta errada). É esta mesma habilidade, aninhada em intenções inconscientes, que se deixa reconhecer em outra vertente da vida cotidiana, que é a dos povos: esquecimentos, lembranças encobridoras, atos falhos assumem, na escala da memória coletiva, proporções gigantescas, que apenas a história, e mais precisamente, a história da memória é capaz de trazer à luz.”⁵³

É Ricouer quem sinaliza, ao final, o perdão necessário, embora difícil: “O que é feito, então do pretenso dever de esquecimento? Além do fato de uma projeção no futuro no modo imperativo ser tão imprópria para o esquecimento quanto para a memória, tal mandamento equivaleria a uma amnésia comandada. Se esta conseguisse ter êxito – e infelizmente, nada se constitui em obstáculo à ultrapassagem da tênue linha de

⁵¹ Le Goff. op. cit. p. 477

⁵² Paul Ricouer. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alan François (et al.). Ed. da Unicamp. Campinas-SP. 2007. p. 451

⁵³ Ricouer. p. 454/455

demarcação entre anistia e amnésia –, a memória privada e coletiva seria privada da salutar crise de identidade que possibilita uma reapropriação lúcida do passado e de sua carga traumática. Aquém dessa provação, a instituição da anistia só pode responder a um desígnio de terapia social emergencial, sob o signo da utilidade e não da verdade. Direi, no Epílogo, como a fronteira entre anistia e amnésia pode ser preservada em sua integridade graças ao trabalho de memória, complementado pelo luto, e norteado pelo espírito de perdão. Se uma forma de esquecimento puder ser então legitimamente evocada, não será um dever calar o mal, mas dizê-lo num modo apaziguado, sem cólera. Essa dicção tampouco será a de um mandamento, de uma ordem, mas a de um desejo no modo optativo”.⁵⁴

⁵⁴Idem, Ricouer. p. 462

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciando as conclusões, registramos o alerta do então governador de Goiás, Henrique Santillo – em cujo governo ocorreu o Acidente/Desastre com o Césio 137. Diz a matéria da sucursal de Brasília⁵⁵: *“Se de um lado o acidente radioativo de Goiânia produziu resultados positivos de máxima importância, com a democratização da política nuclear brasileira, de outro, o dos negativos, destaca-se a continuidade do pouco ou nenhum controle sobre os aparelhos de medicina nuclear no Brasil. A denúncia é feita pelo governador de Goiás Henrique Santillo. Ele afiança que, “a situação de então, que inclusive deu origem ao caso goianiense, persiste de forma ameaçadora em todo o País”. O alerta acontece no mesmo dia em que Goiás recebe a comissão técnico-científica especialmente designada pelo presidente Sarney para dar solução aos problemas dos rejeitos radioativos. Os integrantes do Conselho Superior de Energia Nuclear chegam hoje a esta capital para conhecer o depósito provisório de rejeitos, no distrito de Abadia de Goiás”*.

⁵⁵ Santillo teme um novo acidente nuclear – Correio Braziliense, terça feira, 27 de setembro de 1988. Nacional. p. 12.

Santillo teme um novo acidente nuclear

Apesar de tudo, aparelhos medidores não tinham sem controle, adverte o governador

BRASÍLIA, 10 de novembro (UOL) - O governador de São Paulo, Roberto Santos, afirmou nesta terça-feira (9) que, apesar de tudo, os aparelhos medidores não tinham sem controle, e adverte que o governador teme um novo acidente nuclear.

Em entrevista coletiva, o governador afirmou que os aparelhos medidores não tinham sem controle, e adverte que o governador teme um novo acidente nuclear.

Em entrevista coletiva, o governador afirmou que os aparelhos medidores não tinham sem controle, e adverte que o governador teme um novo acidente nuclear.



Trabalhador em campo no Estado de São Paulo, em novembro de 1983.

Arquidiocese de São Paulo é dividida

A arquidiocese de São Paulo está dividida quanto à possibilidade de uma nova eleição para o cargo de bispo. O arcebispo emérito, Dom Paulo Casaroli, defende a manutenção do atual bispo, Dom Paulo de Gama Rosa.

Simpósio internacional vê césio

Um simpósio internacional sobre segurança nuclear, realizado em Brasília, discutiu o uso do césio-137. Os especialistas alertaram para os riscos de contaminação ambiental e a necessidade de medidas rigorosas de controle.

Aumentamos desabrigados pela chuva

Com o início das chuvas, o número de pessoas desabrigadas aumentou significativamente. O governo federal anunciou medidas emergenciais para fornecer abrigo e assistência às vítimas.

Merenda falta se recursos não forem liberados

Escolas em todo o Brasil enfrentam falta de merenda escolar devido à falta de recursos financeiros. Os educadores exigem a liberação imediata dos verbas para garantir a alimentação dos alunos.

Melão pode ter causado a mortandade de peixes

Pesquisadores acreditam que a mortandade de peixes em um rio brasileiro pode ter sido causada por melão descartado no local. O excesso de matéria orgânica alterou o equilíbrio químico da água.

Educação discute rumos

Uma reunião de especialistas em educação discutiu os rumos da política educacional do país. Foram abordados temas como a melhoria da qualidade do ensino e a expansão do acesso à educação básica.

Mão de vítima desce para o fundo do mar

Uma mão humana foi encontrada no fundo do mar durante uma operação de resgate. A vítima é considerada morta, e a polícia investiga as circunstâncias do acidente.

Ganhe até 24% em apenas 5 dias.

Na Brasil, Volkswagen B9 com uma economia de até **R\$2.368.528,00** para quem chegar antes do aumento.

Qual é o maior desconto já oferecido para quem chegar antes do aumento?

Por aqui, a Brasil oferece o maior desconto já oferecido para quem chegar antes do aumento.

Se você também quiser aproveitar o maior desconto já oferecido para quem chegar antes do aumento, vá até a loja Volkswagen mais próxima de você. O maior desconto já oferecido para quem chegar antes do aumento.

Brasil AND 23

SA, rodovia, Fone: 233.0005

Figura 20 - Matéria jornal Correio Braziliense: "Santillo teme novo acidente nuclear."

O depósito que seria provisório tornou-se definitivo e o alerta do governador permanece atual. Cúpulas internacionais discutem segurança nuclear e denúncias de

vazamentos em aparelhos radiológicos ocorrem ainda hoje, significando que o tema permanece atual. O perigo de um acidente ou desastre nuclear permanece enquanto suas consequências deletérias forem inconvenientemente esquecidas.

Foi possível concluir que as memórias do acidente radioativo com o Césio 137 em Goiânia exaustivamente exploradas pelos meios de comunicação de massa decaíram com o tempo até ficarem restritas ao esquecimento, lembradas apenas em ocasiões especiais, como as do aniversário da tragédia. Isto foi possível de ser verificado pela constatação da queda da frequência das matérias relativas ao tema – conforme registradas no Capítulo 2 – no discurso do jornal Correio Braziliense, meio que fez a maior cobertura jornalística do acontecimento em Brasília-DF.

O imaginário construído pela visão oficial que, neste trabalho, possuiu a representação nos discursos governamental e midiático, apresentam-se, em diversos momentos, sob uma crosta de neutralidade, objetividade e imparcialidade que seriam pretensamente a bem da coletividade, mas que, no mais das vezes, revelam-se de frágil e contraditório conteúdo ao serem confrontados com os fatos e submetidos a uma análise criteriosa. A crítica, sob dados concretos, é fundamental, no sentido de se colocar o observador em posição diametralmente oposta àquela do que denominamos “discurso oficial” sobre o acidente com o Césio 137.

Pudemos verificar também que esquecido o acontecimento em si o que se reclama a partir daí não possui o sentido de alerta para o futuro, mas o remanescente trágico da situação dos envolvidos, com tom reivindicatório. Se não há silêncio, também não há preocupação com o futuro, o que nos torna, enquanto sociedade, passíveis de repetirmos o evento sinistro que desejamos esquecer, visto as medidas de segurança com relação a novos acidentes terem sofrido poucas alterações. Assim, a diminuição dia-a-dia da quantidade de matérias jornalísticas produzidas sobre o evento e de sua precariedade de meios de resolvê-lo indicam, de um lado, um esquecimento, de outro, uma negligência.

Com relação às medidas de segurança tomadas para se evitar outro acidente, o discurso que envolveu o pós-evento possui diversas facetas e nossa dissertação centra-se na hipótese de que, apesar de a mídia, inclusive a internacional, divulgar bastante o assunto, chegando a praticamente exauri-lo, dessa exaustão midiática pouco restou na memória coletiva e social que pudesse criar massa crítica no sentido de se evitar outro acidente semelhante àquele. Pelo contrário, parece que essa massificação criou uma espécie de rejeição ao tema, e, como resultante, este faz agora parte daquele conjunto de

temas tabus, cuja abordagem deve ser evitada a todo custo. E, se for inevitável, a abordagem deve ser de outra ordem, afastando imediatamente o mal-estar provocado pelo assunto. Essa constatação é perceptível inclusive na academia, que, em alguns meios, consideram o tema “muito batido” e incapaz de gerar novos resultados.

A perspectiva de futuro não deve ser apenas no acidente e sua repercussão na mídia, mas também na política e na cultura, desde então. As pessoas envolvidas no acidente ou desastre, e nos subsequentes incidentes por que passaram e passam: traumas, doenças, indenizações, estigmas remanescentes, entre outros fatos, igualmente devem ser foco de atenção e cuidados não só no presente, mas requerem observação à saúde futura, visto o material radioativo continuar a ter severos efeitos no corpo por décadas.

Concluindo, nos perguntamos: outro acidente ou desastre semelhante não seria mais possível? Como estão depositados os dejetos provenientes do acidente com o céσιο 137, distante apenas 18 quilômetros de Goiânia? São verdadeiras as ilações de que o manejo do material radioativo no país não teve alteração significativa após o acidente? As lições do fato histórico foram olvidadas e, portanto, criam-se novamente as condições materiais para sua repetição? Os dejetos radioativos das usinas nucleares são depositados no mar como ocorre na Inglaterra, com parte do Mar do Norte totalmente comprometida.

A definição do problema passa por desenvolver um marco legal que propicie a formulação, implementação e execução de uma política pública com o objetivo de preparar o cenário para o correto manuseio, transporte, e destinação de rejeitos radioativos. Já existe uma política-espelho semelhante na destinação dos resíduos sólidos aprovada em Brasília, que poderia servir de ponto de partida, como apontamos no artigo *Césio 137: Memória e Esquecimento*⁵⁶.

Porém, na avaliação de especialistas da área oficial, as chances de um novo acidente como o ocorrido com o céσιο-137 em Goiânia, no dia 13 de setembro de 1987, são pequenas. Para a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), a tragédia goiana ajudou a dar ao Brasil uma estrutura e acumular conhecimento sobre como lidar com as fontes radioativas.

Entre as melhorias na fiscalização, Ivan Salati informa que hoje há um sistema que funciona 24 horas. "Qualquer evento que ocorra no Brasil, agentes da Vigilância

⁵⁶ Geraldo da Costa Júnior. *Césio 137: Memória e Esquecimento*. Artigo publicado no jornal *Diário da Manhã*. Caderno Opinião. 8.3.2015. Goiânia. p. 8.

Sanitária ou dos Bombeiros são treinados para nos ligar. O atendimento vai acionar um grupo de plantão, que verificará o que está acontecendo", explicou. Segundo ele, 99% das chamadas recebidas pelo sistema são de pessoas que se preocupam com algo que possa ter radiação e todos os relatos são averiguados. "As pessoas hoje estão mais conscientes em relação à radiação", disse⁵⁷.

Apesar desse discurso oficial sobre o acidente com o césio 137 ocorrido há vinte e nove anos, as reformas das medidas de segurança relativas ao manuseio de elementos radioativos, tão badaladas à época do sinistro, parecem pouco eficazes, bem como o transporte e a destinação dos rejeitos, que figuram como provisórios e sequer estão regulamentados em legislação específica.

Sobretudo, trata-se de um tema extremamente técnico e de difícil assimilação por parte dos jornalistas não-especializados e ainda mais por parte da população, que, devido a isso e ao aspecto estigmatizante e indigesto do assunto, tendem a comprar gato por lebre, aceitando tudo o que é dito sob a capa de "científico" ou, então, ignorá-lo, tornando-o propício a cair no esquecimento e, sem a memória histórica, voltar a ser repetido como farsa, mas não de forma menos letal. Como diz Michel Pollak (1989), "esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre este fenômeno. Numa perspectiva construtivista, se trata mais de analisar como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por que eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade".⁵⁸

Assim, concluímos registrando que o Acidente/Desastre com o Césio 137 tornou-se uma "coisa", nos termos conceituados por Pollak e são necessários esforços que se revitalizem no sentido de uma política pública voltada especificamente a essa área, motivada pela interposição das várias questões aqui mencionadas e que mais uma vez reiteramos: Será que outro acidente semelhante não seria possível, em virtude das lições do fato histórico olvidadas, criando-se novamente as condições materiais para sua repetição? Como estão, e como deveriam estar depositados os resíduos provenientes do acidente com o césio 137 em Abadia de Goiás – um local distante apenas 18 quilômetros de Goiânia? Não caberia a criação de uma comissão independente para fiscalização destas condições ambientais? São verdadeiras as ilações de que o manejo do material radioativo em geral no país não teve alteração significativa após o acidente,

⁵⁷ <http://odia.ig.com.br/portal/brasil/acidente-radioativo-com-c%C3%A9sio-137-completa-25-anos-1.488796>.

⁵⁸ Michel Pollak, *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Op. Cit.

ainda que a circulação de material radiativo tenha aumentado significativamente? E, por fim, onde estão sendo e serão depositados dejetos radioativos originários dos usos de equipamentos radiológicos e os das usinas nucleares em operação e em projeto? A pertinência de relatar tais questões, é que elas demonstram que restam pontos importantes a ser aprofundados neste tema.

Diante deste cenário crítico, tomamos a liberdade de usar um conceito do historiador e sociólogo paulista Sérgio Buarque de Holanda que, em *Raízes do Brasil* (1936), descreve o conceito do “homem cordial”. Investigando as origens de uma forma de sociabilidade brasileira, mais afeita aos contatos informais e à negação das esferas públicas de convívio, Holanda demonstra como a “cordialidade” leva a uma relação problemática entre instâncias públicas e privadas. No desastre ou acidente com o céσιο 137 em Goiânia isto fica evidente na forma como os efeitos foram tratados, conforme dissemos, não cumprindo sequer com o prometido à época: construção de parque ambiental na área do evento, remessa do lixo radioativo para áreas distantes do estado, tratamento humano adequado às vítimas e seus familiares, legislação sobre a deposição de rejeitos radioativos.

Diante disso, as possibilidades de que venha a acontecer algo semelhante novamente são grandes, visto que as condições de circulação de material radioativo no país estão sujeitas à falta de fiscalização e a política pública respectiva não sofreu alteração desde então.

De outro lado, o esquecimento não deixa, em nossa opinião de remeter a um ato de autoproteção, normalmente projetado na história. Exemplo: muitos judeus que sofreram os opróbrios do nazismo optaram por, ao retornar ao "cotidiano normal", esquecer e silenciar a memória daqueles horrores, como nos conta Pollak, citando diversos exemplos. No caso em tela, as próprias vítimas recusam-se a dar entrevistas ou a preencher questionários sobre a contaminação com céσιο 137 – ou por “saturação” do tema, ou porque, de tão falado, analisado e estudado, já traz em si uma espécie de “fadiga de material”, ou, e também conjugadamente, pela crueza do tema, que envolve lembranças negativas de dor, sofrimento e morte, bem como de ressentimento, culpa e negação. Constatamos que várias vítimas do céσιο hoje recusam-se a falar sobre o assunto por essas motivações, em alguma medida.

E, para finalizar, remetemos novamente ao conceito de sociedade do risco de Beck, lembrando que acidentes desta natureza envolvendo o uso de energia nuclear são um risco do mundo contemporâneo e globalizado, portanto, podem ocorrer em qualquer lugar, são consequências do mundo industrializado e nos levam a refletir sobre o uso da energia nuclear: mesmo quando é utilizada para uma boa causa, como a que é armazenada em um aparelho de quimioterapia, pode se transformar em uma tragédia, quando não lhe são dados os cuidados e a segurança que seu uso exige, causando danos irreparáveis à sociedade.

Em 2017, aproximam-se os rituais de aniversário dos trinta anos do acidente. Que venham as matérias jornalísticas, as homenagens e “comemorações oficiais”, porém, esperamos, acompanhadas de algum resultado e trabalho práticos. A geração Césio 137 e a sociedade brasileira merecem.

DOCUMENTOS PESQUISADOS

Jornal:

Matérias Jornalísticas do *Correio Braziliense* sobre o Desastre com o Césio 137 em Goiânia-Go. Anos de 1987 a 2007. Brasília-DF.

CORREIO BRAZILIENSE, Soviéticos Confirmam Acidente em Usina Nuclear, Brasília, 29 de abril de 1986. Caderno Internacional, p. 8.

CORREIO BRAZILIENSE, Radiação. Brasília, 01 de outubro de 1987.

CORREIO BRAZILIENSE, O Chernobyl do Pequi, Brasília, 11.10.1987. Caderno ApArte. p. 6 e 7.

CORREIO BRAZILIENSE, Goiás define a área para depósito de lixo, Brasília, 17 de outubro de 1987.

CORREIO BRAZILIENSE, Santillo teme um novo acidente nuclear, Brasília, 27 de setembro de 1988. Nacional. p. 12.

CORREIO BRAZILIENSE, Tiofenol é enterrado em cemitério, Brasília, 29 de janeiro de 1988. Caderno Cidade. p. 19.

CORREIO BRAZILIENSE, Tragédia do Césio leva 5 ao banco dos réus, Brasília, 27 de setembro de 1990. Caderno Brasil. p. 18.

CORREIO BRAZILIENSE, Radiação causa tumulto e pânico no HRG, Brasília, 13 de setembro de 1991. Caderno Cidade. p. 19.

CORREIO BRAZILIENSE, Brasília, 09, 10, 11, 12, 13 e 14 de setembro de 2007.

G1.Humberta Carvalho. Depósito de rejeitos do césio-137 em Abadia de Goiás foi alvo de polêmica. Portal G1. 13.9.2012

REFERÊNCIAS

BATISTA, I.R.S e NASCIMENTO, M.B. O Acidente Com o Césio 137 Sob o Olhar dos Trabalhadores de Vigilância Sanitária. Postado por Nitscka. *Césio 137. Notícias*. Goiânia. 2007

BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.

FARIA, Nídia Sofia. *Comunicação Pública. Jornalismo Literário: um olhar histórico para o gênero e suas características*. Especial 01E. 2011. Mestrados ESCS. P 26.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. Centauro. São Paulo. 2003. P. 59.

JORNALISMO GERAL. <http://jornalismogeral.blogspot.com.br/2013/02/o-que-e-lide-lead.html>. Acesso às 14:15 de 9.5.16.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Paris. Gallimard. 1988. p. 423

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo literário, o desafio de agora. Acessado no site <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>, dia 10.5.16, às 11h05.

MORELLI, Ana L. F. Correio Braziliense: 40 anos. Do pioneirismo à consolidação. Brasília, Dissertação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2000. Brasília.

NORA, Pierre Entre Memória e História – A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. *Projeto de História*. São Paulo. (10) dez. 1993.

NISTSCHKA. Site Transparência Nuclear – Os novos rumos do futuro que queremos! Depoimentos das vítimas do césio 137. Goiânia (GO), césio 137, notícias. Acesso: 6.11.2015.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *As representações do medo e das catástrofes em Goiás*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. UnB: Brasília, 2006.

PETZOLDT, Leander. Fiestas Carnavalescas – Los carnavales en la cultura burguesa a comienzos de la Edad Moderna. In: SCHULTZ, Uwe (Dir.). *La Fiesta – Uma história cultural desde a antiguidade até nossos dias*. Tradução espanhola: José Luis Gil-Aristu. Madri. Alianza Editorial. 1993. p. 152.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. Revista *Estudos Históricos*. Biblioteca Digital da FGV. Tradução do texto: Dora Rocha Flaksman. São Paulo. 1989.

PROST, Antoine; **VINCENT**, Gérard. *História da Vida Privada – Da Primeira Guerra a nossos dias. A Dificuldade de Escolha*. Tradução: Denise Bowmann; Dorothee de Bruchard, Posfácio. Cia. das Letras. São Paulo. 2009. p. 7.

RIBEIRO, Paulo Silvino. "Os anos 80 no Brasil: aspectos políticos e econômicos"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/os-anos-80-no-brasil-aspectos-politicos-economicos.htm>>. Acesso em 05 de julho de 2016.

SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. Coleção primeiros passos. São Paulo. Ed. Brasiliense. 2006. p. 23.

SILVA, Telma Camargo da. As Celebrações, a Memória Traumática e os Rituais de Aniversário. In: *Dossiê*. Revista UFG, agosto, Ano IX, nº 1. 2007. Goiânia-GO.

SILVA, Cristiane Rocha; **GOBBI**, Beatriz Christo; **SIMÃO**, Ana Adalgisa. O Uso da Análise de Conteúdo como uma Ferramenta para a Pesquisa Qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organ. Rurais Agroind.* Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia.* . 13 Ed. Vozes. Petrópolis-RJ. 2012. p. 8.

WISE, Angélica Fabiane. Para compreender o jornalismo literário. *Observatório da Imprensa*. Ed. 730, de 22.1.2013.

ANEXOS: MEMÓRIA FOTOGRÁFICA E DE LOCALIZAÇÃO

ANEXO 1 - Escombros do Instituto Goiano de Radioterapia. Fonte: Google imagem



ANEXO 2 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE ABADIA DE GOIÁS

Fonte: *Google Maps*



LOCAL DO
DEPÓSITO DOS
REJEITOS

RADIOATIVOS –

Fonte: *Google Maps*

ANEXO 3 - Técnicos da CNEN percorrendo a área contaminada em Goiânia. Fonte: *Correio Braziliense*



ANEXO 4 - Entrada do depósito de rejeito em abadia de Goiás, a 18 km do centro de Goiânia
Fonte: *Correio Braziliense*



ANEXO 5 - Medições com contadores *geigers*, realizadas em Goiânia. Fonte: *Correio Braziliense*



ANEXO 6 - Odesson Alves Ferreira e as suas sequelas – ex-presidente e dirigente da Associação das Vítimas do Césio – AVC e um dos contaminados pela radiação do césio 137, entrevistado para minha monografia de especialização, sob o título IDENTIDADES E FRONTEIRAS: OS VINTE ANOS DO ACIDENTE COMA CÁPSULA DE CÉSIO 137 (1987-2008), Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), Curso de Especialização em História Cultural: identidades, tradições, fronteiras, Universidade de Brasília, 2009.

Lembrança: Césio-137⁵⁹



⁵⁹ Site Zona de Risco: Acidentes, Desastres, Riscos, Ciência e Tecnologia, 05.10.2012. Pesquisa efetuada em 27.10.2015, às 10h07. <http://zonaderisco.blogspot.com.br/2012/10/lembranca-cesio-137.html>.

ANEXO 7 - Terreno onde estava edificado o Estádio Olímpico Pedro Ludovico



ANEXO 8 - São Paulo fez ato em memória dos 20 anos do acidente do césio 137 em Goiânia.
Fonte: Folha de São Paulo



ANEXO 9 - Centro de Cultura e Convenções, erguido sobre as ruínas do Instituto Goiano de Radioterapia. Fonte: *Correio Braziliense*



ANEXO 10 - Escombros no centro de Goiânia - Antiga sede do Instituto Goiano de Radioterapia
Fonte: Google Imagens



ANEXO 11 - Área que abrigava o ferro-velho da Rua 26-A



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Acidente_radiol%C3%B3gico_de_Goi%C3%A2nia. Acessado em 23 de abril de 2015.

ANEXO 12 - O que restou do terreno na Rua 57, onde a cápsula de Césio 137 começou a ser desmontada. Fonte: *Correio Braziliense*



ANEXO 13 - Mercado Popular da Rua 57 após a reforma. Fonte: *Correio Braziliense*

